

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
EVILÁZIA FERREIRA MARTINS**

**OS GLIDES NO PORTUGUÊS BRASILEIRO**

Belo Horizonte  
Agosto/2011

**Evilázia Ferreira Martins**

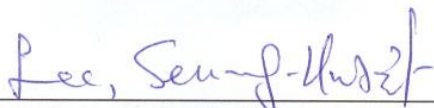
## **OS GLIDES NO PORTUGUÊS BRASILEIRO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Linguística Teórica e Descritiva.

Área de Concentração: 1-Linguística Teórica e Descritiva  
Linha: D – Organização Sonora da Comunicação Humana  
Orientador: Prof. Seung Hwa Lee

Belo Horizonte  
Faculdade de Letras da UFMG  
2011

Dissertação intitulada *Os glides no português brasileiro*, defendida por EVILÁZIA FERREIRA MARTINS em 19/08/2011 e aprovada pela Banca Examinadora constituída pelos Professores relacionados a seguir:



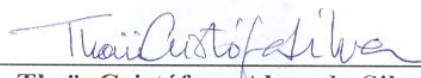
---

**Dr. Seung Hwa Lee - UFMG**  
**Orientador**



---

**Dra. Gisela Collischonn - UFRGS**



---

**Dra. Thaís Cristóvão Alves da Silva - UFMG**

*Dedico este trabalho aos meus pais, Elpídio e Antônia,  
aos meus irmãos Erika e Euclides,  
e a Jefito*

## AGRADECIMENTOS

E porque não agradecer? Acredito que, num mundo tão corrido, esta folha me permita, hoje, inusitar de glórias a todos que um dia me proporcionaram a oportunidade de não desistir, mesmo que o vilão mais feroz a derrotar era o pessimismo em não acreditar no que eu poderia um dia fazer.

Gostaria que estas páginas fossem infindáveis, pois tenho muitos a agradecer... Não fui feita de hoje, mas de inúmeros processos, só possíveis pelas pessoas maravilhosas que me acompanharam. Assim, vamos aos agradecimentos... Eles progredem por uma ordem quase natural em que essas pessoas “ingressaram” em minha vida, fazendo-a mais feliz...

Primeiro, aos meus pais, Elpídio e Antônia, pela dedicação diária, pelo impulso, pelas condições financeiras necessárias a progredir em meus estudos, e, principalmente, pelo amor e educação dedicados todos os dias a mim;

À minha irmã, Erika, pela amizade e cumplicidade, e ao meu irmão Euclides.

Às minhas avós (*in memoriam*) que se mostravam tão orgulhosas mesmo sem eu, ainda, nada ter alcançado.

Ao meu avôzim e a toda a minha família que me impulsionou e compreendeu que a ausência era devido aos estudos que tomavam uma boa parte do tempo, em especial, à minhas tias: Dete, Varcília, Simone e Inês por me incentivarem, e a minha prima Nanda, companheira inseparável de infância.

Ao meu tio Claudir, por demonstrar que tudo se pode com força de vontade.

Aos amigos, alguns distantes, devido a este percurso:

O pessoal do coral: Wagner, Jaime, Gildo, Rosi, Jeciel, Andê e Wesley;

A Cintia (Conservatório Lorenzo Fernandez);

A Anne e Helen, amigas, companheiras de república: inesquecíveis;

A Ana Paula e Eliane, amigas que comigo cursaram Letras/Português na Unimontes;

Aos amigos Quim e Junim, pelas risadas provenientes de uma amizade sincera;

Aos professores Cláudio e Sandra que foram um referencial importante em minha adolescência.

Agradeço muito a Jefferson, por aguentar as agruras dessa fase, a distância e me dar muita, muita força. Meu amigo incansável, além de ser um ótimo namorado. Eu te amo.

Em especial, aos meus tios Claudimar e Marlete e aos meus primos Benny, Brendel e Marcela, por abrirem as portas de sua casa, por me permitirem fazer parte de sua família e cursar este mestrado. Um agradecimento especial à tia Marlete, por ter cuidado tão bem de mim, por me aconselhar como uma boa amiga e por ser um exemplo de força e luta diária. Torço todos os dias pelas vitórias de vocês.

À professora Patrícia Tondinelli, pela oportunidade de participar e escrever o projeto de mestrado. Literalmente, sem ela, eu nunca teria tido essa oportunidade.

A Ana Clara, pela sincera amizade, companhia, confidências e por me emprestar os livros para a prova de mestrado;

A Carla e Fernanda, neófitas, assim como eu, na Fonologia, e que me incentivaram a acreditar que iríamos conseguir;

A Márcia Cristina e Lorena Baito que foram grandes amigas e companheiras enquanto estávamos em BH – essa amizade extravasa fronteiras...

A turminha do Labfon: Camila, Telesmar, Tássia e Vanessa

Agradeço imensamente ao professor e orientador Seung Hwa Lee, pela oportunidade de aprender, pelas orientações, pelos livros, pelo estágio, enfim, pela acolhida na UFMG.

Agradeço, também, aos professores Marco Antonio Oliveira, Thaís Cristófaró e Rui Rothe-Neves pelos ensinamentos e aos professores César Reis e José Olímpio pela companhia, bom humor e acolhida ao Labfon.

À Loro, Aj e Bê.

Por fim, a Deus... Pois, sem ele, eu não teria vocês.

*Ain't about how fast I get there*  
*Ain't about what's waiting on the other side*  
*It's the climb...*  
The Climb, Miley Cyrus

## RESUMO

Afinal, o que são os glides no sistema fonológico do Português Brasileiro? A busca pela resposta dessa pergunta é o objetivo principal deste trabalho. Ela motiva-se na leitura das descrições já realizadas para estes segmentos e, também, na leitura de trabalhos que descrevem parcialmente sua atuação na fonologia, mas que não assumem se eles estão presentes na forma subjacente deste sistema. Essa busca perpassa o estudo de sua relação com o acento e com a sílaba, seu comportamento nas bordas de morfemas e sua distribuição comparada à distribuição das vogais altas. Perpassa, ainda, a interpretação de outros segmentos, como a admissão das palatais geminadas (WETZELS, 2000) e nos estudos sobre o erre forte e o erre fraco (CÂMARA JR. 1970; COLLISCHONN, 1997; WETZELS, 1997). Para este fim, debatem-se e comparam-se as análises de Câmara Jr. (1953, 1969) que utilizam o glide fonêmico, Collischonn (1997) e Wetzels (1997, 2000a, b, 2009) que utilizam o glide consonantal; Câmara Jr. (1970), Leite (1974), Mateus (1982), Bisol (1989, 1994, 1996, 1999), Silva (1992) e Lee (1999), que utilizam o glide alofônico, e Lopez (1979) que defende a subespecificação dos glides e das vogais altas, representadas na forma subjacente pelo símbolo 'V'. As teorias utilizadas neste trabalho são a Teoria Autossegmental (GOLDSMITH, 1976), a Geometria de Traços (CLEMENTS; HUME, 1996) e a Teoria da Otimalidade (PRINCE; SMOLENSKY, 1993).

## ABSTRACT

At last, what are the glides in the phonological system of Brazilian Portuguese? The main goal of this research is to investigate the answer for this question. It has been motivated by literature review that has already been made for these segments. It is also based in the reading of papers that describe, partly, their performance on phonology. This research permeates the study of its interaction with the stress pattern and syllabification, its behavior at the edges of morphemes and its distribution compared to the distribution of high vowels. It also permeates the interpretation of other segments such as the admission of geminate palatal (Wetzels, 2000) and the distribution of strong and weak /r/ (CAMÂRA JR. 1970; COLLISCHONN 1997, WETZELS, 1997). For this purpose, it is discussed and compared the analysis of Câmara Jr. (1953, 1969), Collischonn (1997) and Wetzels (1997, 2000a, b, 2009), which proposes the hypothesis of the underlying glide, Câmara Jr. (1970), Leite (1974), Mateus (1982), Bisol (1989, 1994, 1996, 1999), Silva (1992) and Lee (1999), that proposes the hypothesis of the allophone glide, and Lopez (1979) argues that the underspecification of glides and high vowels. They are represented by the symbol 'V'. The theories used in this work are Autosegmental Theory (GOLDSMITH, 1976), Feature Geometry (CLEMENTS, HUME, 1996) and Optimality Theory (PRINCE, SMOLENSKY, 1993).

## LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 –	Representação da Estrutura Segmental pela Geometria de Traços de Clements and Hume(1996) .....	30
FIGURA 2 –	Representação do glide coronal e da vogal alta coronal pela geometria de traços.....	31
FIGURA 3 –	Padrões de Línguas de acordo com o papel do glide.....	32
FIGURA 4 –	Representação dos glides na Geometria de Traços conforme Hume (1994) .....	34
FIGURA 5 –	Representação da Sílabas segundo Selkirk (1992) .....	47
FIGURA 6 –	Hierarquia de Sonoridade de Hooper (1972, 1976) .....	47
FIGURA 7 –	Hierarquia de Sonoridade de Hooper (1972, 1976) apud KATAMBA (1989, p. 158) .....	48
FIGURA 8 –	Molde silábico fonológico do Português Brasileiro .....	49
FIGURA 9 –	Molde silábico fonético do Português Brasileiro .....	49
FIGURA 10 –	Representações silábica do glide GV antecedido por Velar .....	51
FIGURA 11 –	Segmento Ambissilábico segundo Couto (1994) .....	51
FIGURA 12 –	Representação da estrutura silábica preenchida por glide e por consoante .....	66
FIGURA 13 –	Restrição de proibição de semivogal no onset .....	67
FIGURA 14 –	Representação da Rima Silábica por Wetzels (1997) .....	69
FIGURA 15 –	Representação de /R/ por Wetzels (1997) .....	70
FIGURA 16 –	Representação Silábica do Glide .....	72
FIGURA 17 –	Regra de Formação de Glide .....	73
FIGURA 18 –	Regra de Acentuação .....	75
FIGURA 19 –	Regra de modificação do traço silábico .....	75
FIGURA 20 –	Representação silábica de Bisol (1999).....	77

FIGURA 21 –	Estrutura silábica subjacente do ditongo pesado conforme Bisol (1994, p. 125) .....	78
FIGURA 22 –	Ditongo Leve por Bisol (1989) .....	78
FIGURA 23 –	Estrutura silábica subjacente do ditongo leve conforme Bisol (1994) .....	79
FIGURA 24 –	Representação de Governo: o elemento Charme negativo, ( $\alpha^-$ ) governa o elemento neutro ( $\beta^0$ ) no constituinte Onset .....	80
FIGURA 25 –	Silabificação por Silva (1992) .....	81
FIGURA 26 –	A manutenção da vogal alta .....	81
FIGURA 27 –	Segmento Complexo .....	82
FIGURA 28 –	Silabificação por Silva (1992) .....	83
FIGURA 29 –	Representação subjacente da sílaba, conforme Lopez (1979) .....	88
FIGURA 30 –	Regras de Formação Silábica.....	89
FIGURA 31 –	Representação dos contextos de preservação do Hiato por LOPEZ (1979).....	90
FIGURA 32 –	Representação da sílaba superficial.....	91
FIGURA 33 –	Regra de formação de Vogal Alta.....	91
FIGURA 34 –	Derivação do glide $\underset{\sim}{\vee}$ após aplicação de acento .....	91
FIGURA 35 –	Espraiamento de soante palatal por Bisol (1989) .....	94
FIGURA 36 –	Representação de / $\underset{\sim}{j}$ / por Bisol (1994) .....	94
FIGURA 37 –	Inserção de Glide Leite (1974) .....	95
FIGURA 38 –	Estrutura do glide intervocálico ambissilábico por Couto (1994) .....	99
FIGURA 39 –	Interface fonologia e fonética do glide.....	106
FIGURA 40 –	Derivação de glides a partir de vogais altas.....	107
FIGURA 41 –	Padrão 2 reformulado.....	115
FIGURA 42 –	Interface entre forma fonológica e forma fonética de glides e de vogais altas no PB.....	126

FIGURA 43 –	Processo de formação de glide vocálico derivado.....	128
FIGURA 44 –	Ditongação lexical sensível à borda de morfema .....	135
FIGURA 45 –	Sequência VG lexical formada entre morfemas.....	135
FIGURA 46 –	Inserção de glide lexical na formação de plural.....	136
FIGURA 47 –	Representação pela Geometria de Traços.....	139
FIGURA 48 –	Apagamento de glide antes de fricativa alveopalatal.....	140
FIGURA 49 –	Inserção de Glide antes de sibilantes.....	141
FIGURA 50 –	Representação do processo de inserção de glide antes de sibilantes.....	141
FIGURA 51 –	Representação do processo de apagamento de glide .....	142
FIGURA 52 –	Representação silábica do glide obtido por processo de assilabificação da vogal .....	146
FIGURA 53 –	Representação silábica do glide classificado como consoante.....	147

## LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 –	Conjunto de Traços distintivos por Jakobson, Fant e Halle (1952).....	27
QUADRO 2 –	Traços de classe principal do SPE.....	28
QUADRO 3 –	Traços de sonoridade da Geometria de Traços por Clements e Hume (1996) .....	32
QUADRO 4 –	Distribuição dos glides VG.....	36
QUADRO 5 –	Distribuição dos glides sucedidos por segmentos não soantes e contínuos.....	38
QUADRO 6 –	Glides sucedidos por soantes.....	39
QUADRO 7 –	Glides sucedidos por erre forte e erre fraco (r).....	40
QUADRO 8 –	Glides sucedidos por vogais .....	40
QUADRO 9 –	Glides e o Acento Primário .....	43
QUADRO 10 –	Realização de sequência VV entre morfemas .....	43
QUADRO 11 –	Realização de sequência VV entre morfemas.....	44
QUADRO 12 –	Afixação de sufixos com codas consonantais.....	56
QUADRO 13 –	Afixação de sufixos sem codas consonantais .....	56
QUADRO 14 –	Interpretação dos Glides GV e VG .....	101
QUADRO 15 –	Interface glide e Acento.....	101
QUADRO 16 –	Interface glide e Sílabas.....	102
QUADRO 17 –	Os tipos de glides do Português Brasileiro.....	116
QUADRO 18 –	Interface entre o acento e a hipótese do glide alofônico.....	118
QUADRO 19 –	Interface entre o acento e a hipótese do glide fonêmico.....	119
QUADRO 20 –	Acento, glide fonêmico e pares mínimos.....	119
QUADRO 21 –	Realização da vogal alta e do glide nos sufixos.....	120

QUADRO 22 – Realização do glide antes de soante palatal.....	137
--	-----

## LISTA DE TABLEAUX

TABLEAU 1 .....	59
TABLEAU 2 .....	86
TABLEAU 3 .....	87
TABLEAU 4 .....	87
TABLEAU 5 .....	110
TABLEAU 6 .....	110
TABLEAU 7 .....	111
TABLEAU 8 .....	111
TABLEAU 9 .....	112
TABLEAU 10 .....	112
TABLEAU 11 .....	113
TABLEAU 12.....	124
TABLEAU 13 .....	130
TABLEAU 14.....	131
TABLEAU 15.....	131
TABLEAU 16 .....	132
TABLEAU 17.....	133
TABLEAU 18 .....	133

## LISTA DE ABREVIATURAS

ATR-	Advanced tongue root
EX-	Exemplo
FL -	Fonologia Lexical
FG -	Fonologia Gerativa
OCP-	Princípio do Contorno Obrigatório
OT -	Teoria da Otimalidade
PB -	Português Brasileiro
PP-	Português de Portugal
SPE -	The Sound Pattern of English
SPP -	Princípio de Preservação de Estrutura

## LISTA DE SÍMBOLOS

☞ - Candidato Ótimo

☛ - Candidato escolhido não é ótimo

⊖ - Candidato Ótimo não escolhido

□ - Inserção segmental

σ - Sílabas

'a - Acento Primário

,a - Acento Secundário

+ - positivo/presença

- - negativo/ausência

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b><u>INTRODUÇÃO</u></b> .....	<b>18</b>
<b>1.1</b>	<b>PANORAMA</b> .....	<b>18</b>
<b>1.2</b>	<b>OBJETIVOS</b> .....	<b>21</b>
<b>1.3</b>	<b>ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO</b> .....	<b>22</b>
<b>2</b>	<b><u>O SISTEMA FONOLÓGICO ATUAL DO PORTUGUÊS BRASILEIRO E TEORIAS FONOLÓGICAS</u></b> .....	<b>25</b>
<b>2.1</b>	<b>OS GLIDES</b> .....	<b>25</b>
2.1.1	O PERCURSO DO GLIDE NA FONOLOGIA .....	25
2.1.2	A FONOLOGIA AUTOSSEGMENTAL E A GEOMETRIA DE TRAÇOS.....	29
2.1.3	A DISTRIBUIÇÃO DOS GLIDES NO PORTUGUÊS BRASILEIRO .....	35
2.1.3.1	<i>Os glides VG</i> .....	35
2.1.3.2	<i>Os glides GV</i> .....	45
<b>2.2</b>	<b>OS GLIDES E O SISTEMA DO PORTUGUÊS BRASILEIRO</b> .....	<b>46</b>
2.2.1	A SILABIFICAÇÃO E A ESTRUTURA SILÁBICA.....	46
2.2.2	O ACENTO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO.....	53
2.2.2.1	<i>O peso silábico</i> .....	55
<b>2.3</b>	<b>TEORIA DA OTIMALIDADE</b> .....	<b>57</b>
<b>3</b>	<b><u>ESTUDOS SOBRE OS GLIDES NO PORTUGUÊS BRASILEIRO</u></b> .....	<b>62</b>

<b>3.1</b>	<b>GLIDES: ALOFONES OU FONEMAS?.....</b>	<b>62</b>
3.1.1	A FAVOR DO VALOR FONOLÓGICO DO GLIDE.....	63
3.1.1.1	<i>Câmara Jr. (1953,1969)</i> .....	63
3.1.1.2	<i>Collischonn (1997)</i> .....	65
3.1.1.3	<i>Wetzels (1997, 2000a, b, 2009)</i> .....	69
3.1.2	CONTRA O VALOR FONOLÓGICO DO GLIDE.....	71
3.1.2.1	<i>Câmara Jr. (1970)</i> .....	71
3.1.2.2	<i>Leite (1974)</i> .....	73
3.1.2.3	<i>Mateus (1982)</i> .....	75
3.1.2.4	<i>Bisol (1989, 1994, 1996, 1999)</i> .....	76
3.1.2.5	<i>Silva (1992)</i> .....	80
3.1.2.6	<i>Lee (1999)</i> .....	85
3.1.3	A FAVOR DA SUBESPECIFICAÇÃO DE GLIDES E VOGAIS ALTAS.....	88
3.1.3.1	<i>Lopez (1979)</i> .....	88
<b>3.2</b>	<b>OS GLIDES E OUTROS PROCESSOS.....</b>	<b>92</b>
3.2.1	OS DITONGOS [e̞ɪ, a̞ɪ] E PALATAIS [ʃ, ʒ].....	93
3.2.2	A INSERÇÃO DE GLIDE CORONAL .....	95
3.2.3	O DITONGO [e̞ɪ] E O TEPE .....	96
3.2.4	O DITONGO [ou̞].....	97
3.2.5	OS GLIDES INTERVOCÁLICOS .....	97
3.2.6	A VOCALIZAÇÃO DA CONSOANTE [l] .....	99

3.2.7	SÍNTESE DAS PROPOSTAS .....	101
<b>4</b>	<b><u>AFINAL, O QUE SÃO OS GLIDES?</u></b> .....	<b>103</b>
4.1	A REPRESENTAÇÃO FONOLÓGICA DOS GLIDES .....	105
4.1.1	A INTERPRETAÇÃO ALOFÔNICA DOS GLIDES.....	106
4.1.2	GLIDES COMO SEGMENTOS SUBESPECIFICADOS .....	114
4.1.3	A INTERPRETAÇÃO FONÊMICA DOS GLIDES .....	115
<b>4.2</b>	<b>INTERFACE ACENTO E SÍLABA</b> .....	<b>118</b>
4.2.1	O ACENTO E OS GLIDES .....	118
4.2.2	A SÍLABA E OS GLIDES .....	122
<b>4.3</b>	<b>UMA PROPOSTA PARA OS GLIDES NO PB</b> .....	<b>125</b>
4.3.1	OS GLIDES NO PB .....	125
4.3.1.1	OS GLIDES GV PRECEDIDOS POR CONSOANTE VELAR .....	128
4.3.1.2	OS GLIDES VG E A TEORIA DA OTIMALIDADE .....	132
4.3.2	OS GLIDES E A MORFOLOGIA .....	134
4.3.3	UMA REANÁLISE PARA OS DITONGOS [eɪ] E [aɪ] SEGUIDOS POR PALATAIS [ʃ,ʒ].....	138
4.3.5	A INSERÇÃO DE GLIDE CORONAL .....	141
4.3.6	A DISSIMILAÇÃO NO DITONGO [oʊ] .....	142
4.3.8	OS GLIDES INTERVOCÁLICOS.....	143
<b>5</b>	<b><u>CONCLUSÃO</u></b> .....	<b>150</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>151</b>

## CAPÍTULO I: INTRODUÇÃO

---

### 1.1 PANORAMA

O inventário vocálico do português brasileiro (doravante PB) é formado por sete vogais, /i, e, ε, a, o, ə, u/, que ocupam a porção obrigatória do núcleo de uma sílaba. São classificadas como vocóides porque não encontram obstáculo na passagem de som pela cavidade oral. Nas línguas, os sons vocóides geralmente ocupam os núcleos silábicos obrigatórios. Entretanto, há dois sons vocóides que podem ocupar a porção marginal da sílaba (onset/coda), ou a posição não obrigatória do núcleo silábico. Foneticamente, são sons bastante semelhantes aos sons vocálicos /i/ e /u/ que se encontram na posição de núcleo silábico, mas que, fonologicamente, podem exercer nas línguas um papel funcional que os assemelha às consoantes. Esses segmentos são denominados glides.

A junção, em glides, de propriedades vocálicas e consonantais, que, separadas, poderiam distinguir com clareza o conjunto de sons das línguas, inclusive do Português Brasileiro, faz com que a interpretação dessas vogais assilábicas seja bastante contraditória. Da bipartição estipulada no início dos estudos fonéticos que propunha a filiação dos sons às vogais ou às consoantes, por apresentarem características dos dois, as vogais assilábicas não conseguiam se filiar exclusivamente a nenhum grupo e, por isso, foram agrupadas em um terceiro e pequeno grupo. De acordo com Odden (2005):

**Glides.** Standing between consonants and vowels in terms of their phonological function and phonetic properties are the glides, also known as semi-vowels. The typical glides are [y] and [w](...). These glides are very similar to the high vowels [i], [u], but are shorter and have a greater degree of constriction than the corresponding vowels. (ODDEN, 2005, 25-26)<sup>1</sup>

Elaborar um estudo dos glides parte da necessidade de um trabalho que concatene as análises realizadas em um debate construtivo, focando-os como principal objeto de estudo, e que avalie as possibilidades de análises oferecidas para estes segmentos no PB.

---

<sup>1</sup> “**Glides.** Estão entre consoantes e vogais com relação a sua função fonológica e às suas propriedades fonéticas [e são] também conhecidos como semivogais. Os glides típicos são o [y] e o [w] (...). Esses glides são muito similares as vogais altas [i] e [u], mas são mais curtos e têm um nível de constrição maior que o correspondente às vogais”. (Tradução nossa).

O debate das propostas já realizadas para os glides é necessário, porque as leituras que versam sobre o tema demonstraram que, em geral, não há consenso quanto a sua representação fonológica, a sua distribuição silábica e quanto a sua interface com o acento e com a silabificação. Além desta falta de consenso, a parcialidade de algumas análises também dificulta a comparação entre as análises e o estabelecimento do estatuto do glide dentro do sistema fonológico do PB: Lopez (1979) apresenta os glides apenas sobre o prisma da morfologia, da sílaba e pouco discute os problemas relacionados à interação entre acento primário e glides. Bisol (1989, 1999) trata dos aspectos prosódicos (acentos e sílaba), Couto (1994) descreve somente o ditongo crescente, enquanto Mateus (1982) e Leite (1974) se apegam à descrição de regras de derivação para os glides de ditongos decrescentes. A parcialidade evidência, deste modo, a necessidade de uma visão unificada para o fenômeno.

As diversas teorias que embasam cada uma das análises condicionam, à primeira vista, a falta de unidade para o estabelecimento da comparação entre as descrições do fenômeno no PB: Câmara Jr. (1953, 1969, 1970) fundamenta-se na Escola Estruturalista, Leite (1974), Lopez (1979) e Mateus (1982) na Fonologia Gerativa (doravante FG), inaugurada por Chomsky e Halle no livro *The Sound Pattern of English* (1968) (de agora em diante, SPE), Bisol (1989) fundamenta-se na Fonologia Autossegmental, Métrica e de Traços, já em 1999, esta autora se fundamenta na Fonologia Lexical (ou FL), e no modelo métrico com estrutura arbórea (SELKIRK, 1992), além de outros estudos. Collischonn (1997) baseia-se na Geometria de Traços e, também, na FL; Silva (1992), na Teoria de Charme e Governo e, por fim, Lee (1999), na Teoria da Otimalidade (doravante OT).

Essa variedade teórica dificulta uma análise comparada para os glides no sistema fonológico do PB, porque estabelecem interpretações variadas também para os demais fenômenos da língua. Por exemplo, para Câmara Jr. (1953, 1969, 1970), o acento é idiossincrático, enquanto que para Silva (1992)<sup>2</sup>, ele é sensível apenas ao contexto morfológico; já para Bisol (1992), ele pode ser sensível à fonologia. Essas divergências interferem na descrição dos glides.

Quanto a sua interpretação fonêmica, há diferenças na interpretação de glides que seguem vogais (doravante glides VG) (le[ɪ]te, fa[ʊ]na, ba[ɪ]ano) daqueles glides que antecedem vogais (doravante glides GV) (k[ɪ]abo, ans[ɪ]edade). Os primeiros podem ser

---

<sup>2</sup> Conforme Silva (1992) o acento primário não é sensível à fonologia, pois, no léxico da língua, existem radicais nominais com sequências segmentais idênticas, nas quais o acento pode cair em núcleos vocálicos diferentes ([l'azɹa], [a'zia]). Em sua análise, o acento primário é lexical e sensível à morfologia, pois ele só poderá ser atribuído em uma das três últimas posições do radical ou no sufixo derivacional.

interpretados como fonemas (CÂMARA JR., 1953, 1969), ou segmentos subespecificados (LOPEZ, 1979) e ainda como alofones, neste caso, devido à silabificação (BISOL, 1989, 1999; SILVA, 1992); ou devido ao acento primário (CÂMARA JR, 1970; LEITE, 1974; MATEUS, 1982; SILVA, 1992).

Essa variedade de análises é resultado da ausência de pares mínimos fonológicos entre glides e vogais altas. Essa ausência dificulta o estabelecimento dos glides como fonemas, entretanto, como se observará no capítulo 2, a distribuição de glides e de vogais altas também desfavorece uma análise que os trata como alofônicos. Outro problema ao se propor que glides são fonemas é a interpretação dos glides GV.

Nas descrições dos glides para o PB, geralmente, os glides GV são tratados como realização fonética. Enquanto que as análises discutem se os glides VG são lexicais ou fonêmicos, há concordância em estabelecer a maioria dos glides GV como pós-lexicais. Isso dificulta uma análise unificada para glides GV e VG no PB.

A única exceção no estabelecimento de glides GV como fonéticos são alguns glides [dorsais] antecidos por consoantes velares. Neste caso, as descrições para estes segmentos divergem em sua representação fonológica: conforme Câmara Jr. (1970), eles formam ditongos, ao passo que para Bisol (1989) e Silva (1992), eles formam segmentos complexos.

Com relação à prosódia, as análises silábicas e acentuais frequentemente implicam na interpretação do posicionamento do glide na sílaba (parte não obrigatória do núcleo ou coda silábica). Esse posicionamento deriva de sua interpretação como segmentos de valor consonantal (C) ou vocálico (V), isto é, se os glides (fonêmicos ou alofônicos) forem interpretados como vocálicos, eles deverão estar posicionados em uma ramificação do núcleo silábico, enquanto que se interpretados como consonantais, irão ocupar a coda ou o onset silábicos.

Para Bisol (1989) e Silva (1992), os glides VG estão posicionados no núcleo ramificado, enquanto que para Câmara Jr. (1969), Collischonn (1997), Wetzels (1997) e Bisol (1999) eles estão posicionados na coda. Já os glides GV fonéticos são posicionados no núcleo ramificado, conforme Silva (1992), ou no onset, conforme Lopez (1979) e Bisol (1989, 1999).

Afirmar que os glides são fonêmicos ou alofônicos possibilita duas funções diferentes para a silabificação. Lopez (1979) e Bisol (1999) propõem que os glides são derivados de vogais subjacentes ou inseridos na estrutura silábica durante a silabificação. Então, neste caso, esta é responsável por detectar se o glide deverá ocorrer ou não. Entretanto,

se os glides estiverem presentes na forma subjacente, caberá à silabificação apenas mapeá-los e adicioná-los à posição silábica condizente com sua interpretação: consonantal ou vocálica.

Por fim, os processos sofridos pelos glides também serão observados para o questionamento do estatuto do ditongo e para a fixação do inventário fonológico. Como se verá abaixo, o fato do ditongo poder alternar com o hiato ou se tornar monotongo são evidências utilizadas pelas teorias para afirmar se eles são alofônicos contextuais ou meramente fonéticos.

A discordância entre as análises evidencia a necessidade de uma análise que compare e pese suas vantagens e desvantagens. Muitas vezes, essas análises não são associadas à interação acento e sílaba, e, às vezes, em parte, tornam-se desvantajosas ao se observar o sistema fonológico completo do PB. Por isso, o peso estabelecido para esta análise é a interação acento e sílaba e a distribuição dos glides e hiatos. Também, observam-se, nesta análise, as interações morfológicas, pois elas dizem muito sobre os glides no PB. Essa necessidade é observada inicialmente no trabalho de Lopez (1979).

Os problemas observados nas descrições já realizadas também motivam essa análise. Baseadas no ordenamento, as análises encontram sérias dificuldades ao estabelecerem os glides como alofones. Isso porque se obtidos pela silabificação antes do acento, para obtê-lo regularmente, ferem o princípio de Preservação de Estrutura. Se obtidos sempre após o acento, gerarão um grande número de palavras proparoxítonas que não seguem nem a proposta do acento regular troqueu, tido como paroxítono ou oxítono com sílaba final pesada, ou o acento regular atribuído à última vogal do radical.

## **1.2 OBJETIVOS**

Observa-se nas análises atuais para os glides um retorno à ideia inicial, proposta por Câmara Jr. (1953) de que eles estão localizados na coda silábica. Isso pode ser observado em Collischonn (1997), Bisol (1999) e Wetzels (1997, 2000a, b, 2009). Mesmo que esses autores admitam esse caráter consonantal, essas análises não concordam ou admitem que os glides possam ser fonêmicos. Assim, o principal objetivo deste trabalho é tentar responder a pergunta: afinal, o que são os glides no Português Brasileiro? Para isso, antes, perpassou-se por outras perguntas que precisava também ser respondidas: qual interpretação fonológica dos

glides é mais vantajosa para o sistema? Há distribuição alofônica entre eles e as vogais altas? Eles podem ser considerados fonemas? Isso facilitaria a silabificação e a atribuição do acento? Se forem fonemas, estão localizados em uma ramificação não obrigatória do núcleo silábico ou nas porções marginais da sílaba? Como as vogais altas e os glides se comportam em bordas de morfemas? É possível estabelecer uma análise unificada para glides GV e VG?

Este trabalho visou à compreensão, de modo holístico, da organização dos glides na estrutura fonológica do português brasileiro. Entretanto, limitou-se apenas ao estudo dos glides orais, devido à extensão da discussão necessária para compreender a organização dos glides nasais (que por si só, já renderiam uma dissertação). Para compreendê-los, antes, fez-se necessário: apresentar uma discussão construtiva das análises já realizadas; rediscutir o estatuto do glide oral; discutir a relação entre glide, acento e sílaba e descrever a distribuição dos glides no português brasileiro atual. Objetivou-se, com isso, também proporcionar uma fonte de pesquisa relevante e original sobre os glides para os estudos de temas relacionados, além de contribuir para o desenvolvimento da Fonologia.

A resposta as perguntas supracitadas conduziu esta pesquisa a admitir a seguinte divisão para os glides GV e VG: os primeiros são divididos em glides que são alofones vocálicos (ans[ɫ]edade ~ ans[i]edade, qu[ɫ]abo ~ qu[i]abo) e glides que são fonológicos (q[ɥ]ando, g[ɥ]arda) enquanto que o segundo grupo pode ser dividido em glides fonêmicos subjacentes (ga[ɫ]ta, aze[ɫ]tona, pe[ɫ]xe, co[ɥ]ro), glides fonêmicos lexicais, isto é, obtidos no léxico (ba[ɫ]ano, faro[ɫ]s) e glides alofônicos vocálicos (va[ɫ]dade ~ va[i]dade, ca[ɫ]pira ~ ca[i]pira). Essa análise será demonstrada no capítulo 4.

### **1.3 ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO**

Este trabalho encontra-se distribuído em cinco capítulos. O primeiro trata-se desta referida introdução, que insere, resumidamente, o leitor ao assunto, problemática, objetivos e textos que encabeçam esta pesquisa.

O segundo capítulo inicia-se com uma breve descrição histórica da evolução dos glides na teoria fonológica. Após, resumem-se e, quando necessário, debatem-se as teorias que embasarão a proposta sustentada neste trabalho. As teorias utilizadas são: a Teoria Autossegmental (GOLDSMITH, 1976), Geometria de Traços (CLEMENTS; HUME, 1996;

HUME, 1994) e a OT (PRINCE; SMOLENSKY, 1993). A primeira teoria descreve os processos fonológicos de apagamento, inserção e mudança por meio do espriamento ou desligamento de traços distintivos ou de elementos suprasegmentais (como o tom, por exemplo). A segunda propõe uma representação interna organizadora dos traços pertencentes aos segmentos e a terceira obtém, por meio do ranqueamento de restrições universais de fidelidade e marcação, o output mais harmônico, isto é, a forma fonética, após competir com outros candidatos fonéticos possíveis.

A escolha destas teorias é fundamentada no ensejo de obter uma análise atual e, dita, formalista, dos glides que os insira no rol de descrições recentes dos fenômenos do PB. Por isso, neste capítulo, descreve-se também a distribuição dos glides nesta língua, em contraste com as vogais altas, e como o acento e a morfologia podem influenciar em sua realização. As análises contemporâneas da sílaba, da silabificação e do acento são referenciais para atingir este objetivo.

No capítulo 3, há a descrição e exposição das vantagens e desvantagens das análises já realizadas sobre os glides. Expõem-se algumas análises que, indiretamente, os utilizam para a descrição de outros fatos linguísticos. O capítulo 3 é subdividido em três seções principais. A seção 3.1.1 descreve e debate as análises que são a favor da interpretação fonêmica do glide, isto é, defendem que os glides são segmentos subjacentes. Fazem parte dessa seção as análises de Câmara Jr. (1953, 1969), Collischonn (1997) e Wetzels (1997, 2000a, b, 2009); já na seção 3.1.2 agrupam-se as análises que defendem que os glides são alofônicos. Geralmente, estas análises estabelecem que os glides VG são derivados no léxico, ao passo que os glides GV podem variar livremente com as vogais, sendo obtidos na forma fonética. Estão listadas nessa seção as análises de: Câmara Jr. (1970), Leite (1974), Mateus (1982), Bisol (1989, 1994, 1996, 1999), Silva (1992) e Lee (1999). Na seção 3.1.3, tem-se a análise de Lopez (1979) que defende a subespecificação dos glides e das vogais altas, representados na forma subjacente pelo símbolo  $\check{V}$ .

A segunda parte do capítulo 3 descreve os processos particulares relacionados ao apagamento, inserção ou sensibilidade contextual de alguns glides. Neste tópico, são abordados os glides intervocálicos subjacentes e derivados nos estudos de Câmara Jr. (1953, 1970), Lopez (1979), Mateus (1982), Silva (1992, 1996) e Couto (1994), a monotongação do ditongo [ou] (BISOL, 1989; CÂMARA JR., 1953), a realização variável dos glides de ditongos [eɪ] e [aɪ] antes de [ʃ], [ʒ] e [r] nos estudos de Bisol (1989, 1994) e, por fim, a

vocalização da consoante /l/ localizada na coda silábica. No final dessa seção, expõe-se, em quadros, o resumo das análises anteriormente discutidas.

O capítulo 4 inicia-se com o resumo dos itens abordados no capítulo 3 que serão objetos de discussão desse trabalho. Demonstram-se as divergências e convergências nas análises desses itens. Após, problematiza-se as vantagens e desvantagens na admissão de cada interpretação fonológica para o glide: alofônicos, subespecificados ou fonêmicos com relação à distribuição dos glides e das propostas silábicas e acentuais apresentadas no capítulo 2. Por fim, esboça-se uma nova proposta para avaliação dos glides nesta língua.

O último capítulo, dedicado à conclusão, reafirma os resultados obtidos durante a pesquisa.

---

## **CAPÍTULO II: O SISTEMA FONOLÓGICO ATUAL DO PORTUGUÊS BRASILEIRO E TEORIAS FONOLÓGICAS**

---

Na primeira parte deste capítulo, resume-se o percurso dos glides nos estudos fonológicos desde sua classificação como som de transição até a sua interpretação atual pela Geometria de Traços e Autossegmental. Após, descreve-se sua distribuição no PB. Na segunda parte, sintetiza-se a recente organização acentual e silábica nesta língua. Na segunda parte, descrevem-se as teorias que guiarão esta análise.

### **2.1 OS GLIDES**

#### **2.1.1 O PERCURSO DO GLIDE NA FONOLOGIA**

Há diversas acepções para o termo glide. Isso porque nas línguas eles podem interagir somente com consoantes ou somente com vogais, ou, ainda, com ambos (HUME, 1994), exercendo funções semelhantes às exercidas por esses segmentos. Assim, ora o termo glide designou somente as vogais assilábicas, ora foi tido como uma classe que agrupava as vogais assilábicas somadas dos sons de [h] e [ʔ]. Além disso, o termo é utilizado para agrupar fonologicamente segmentos, e também, para especificar segmentos de acordo com suas características fonéticas. São denominados glides os sons soantes [- aberto 2]<sup>3</sup> que são incapazes de ocupar a posição obrigatória do núcleo silábico. Eles podem ser antecidos ou precedidos por vogais. No PB, são glides os sons de [ɹ] e de [ʊ]: ['gaj̥ta]<sup>4</sup>, [lɛ̃'terʊ], ['kõiza], [ɛ̃'ɾɔ̃iku], ['pã], ['ag̃ʊa] e ['sɛ̃ʊ].

Geralmente, nas línguas do mundo, os glides correspondem às vogais altas de seu sistema. O Inglês, assim como o PB, tem somente dois glides: coronal e dorsal, correspondentes as suas vogais mais altas. Ao Francês, acrescenta-se o glide [j̥],

<sup>3</sup> Classificação de Wetzels (1995, p.5), pela Geometria de Traços. Também podem ser classificados com soantes [+altas] pela Fonologia Gerativa Padrão de Chomsky e Halle (1968).

<sup>4</sup> As transcrições fonéticas seguem Silva (2001), exceto o uso de [ɔ̃] para a vogal em final de palavra.

correspondente a vogal centralizada [ü]. Esse fato não se dá por coincidência. Na escala de sonoridade, as vogais altas são caracterizadas como as menos sonoras e, logo, menos proeminentes (CROSSWHITE, 1999). Isso torna possível sua ocupação em posições de baixa proeminência, i.e., as margens silábicas.

O termo glide foi inicialmente utilizado pelos foneticistas das três primeiras décadas do século XX para designar os sons de transição<sup>5</sup> problemáticos à imposição de técnicas de segmentação dos sons da fala. Jones e Kenyon, segundo Pike (1944, p.48), estabeleciam dois tipos de sons da fala: os *speech sounds*, considerados sons estáticos, e os *glides*, sons dinâmicos, transicionais. Essa divisão era problemática, porque tentava se ancorar apenas em aspectos fonéticos. Diante disso, Pike (1944) e Bloomfield (1933) assumem que os glides não são designados principalmente pela sua produção acústica e articulatória, e, sim, devido a sua interpretação fonêmica<sup>6</sup>.

Foneticamente, os sons podem ser divididos, conforme Pike (1947), em vocóides e não vocóides. Os vocóides são os sons produzidos com a soltura do ar através da região central da língua e não produzem fricção forte na boca. Compreendem os sons vocálicos, os glides vocálicos e o [r], enquanto os não vocóides são qualquer som que a corrente de ar escape: do nariz, mas não da boca; através da lateral da língua; da boca, mas com fricção localizada em algum ponto da boca e os sons nos quais a corrente de ar não escapa.

Já, fonemicamente, as línguas apresentam dois grupos sonoros que são divididos de acordo com sua função (distribuição) na sílaba e de acordo com suas características articulatórias típicas. São denominados Vogais (V) e Consoantes (C). Ainda segundo Pike (1947), as vogais compreendem o grupo que é, frequentemente, silábico e, basicamente, estabelecido como vocóide. As consoantes, mais frequentemente, funcionam como não silábicas e, sendo, assim, basicamente, consideradas não vocóides.

A propriedade [vocóide] identifica o grupo fonético de maior probabilidade para funcionar fonologicamente no sistema como silábico ou não silábico. Assim, Pike (1947) propôs que os glides<sup>7</sup> são o pequeno grupo de sons vocóides não silábicos (sons de [ɨ], [ɥ]<sup>8</sup> e

<sup>5</sup> Câmara Jr. (1953) também utiliza este termo para designar os sons de transição.

<sup>6</sup> O termo *fonêmica* equivale-se, neste texto, à *fonologia*.

<sup>7</sup> Necessário se fez, destarte, estipular representações diferentes para cada papel desempenhado pelo glide. Pike (1944, 1947) afirma que os vocóides não silábicos e não consonantais podem ser representados pelos mesmos símbolos que os silábicos, e, podem também, configurar sobrescritos (por exemplo, a<sup>h</sup>), como assim fez Câmara Jr. (1970). Atualmente, também são utilizados para representá-los, respectivamente, os símbolos [ɨ] e [ɥ] (SILVA, 2001). Já os vocóides não silábicos, que executam o papel de consoantes no sistema, são representados por [j]<sup>7</sup> (PIKE, 1944) ou [y] (PIKE, 1947) para o glide anterior e [w] para o posterior.

<sup>8</sup> O autor representa o glide anterior pelo símbolo [y] e o posterior pelo símbolo [w].

[r]) que podem ou executar no sistema o papel das consoantes, ou se apresentar como membro vocálico não acentuado de uma sequência. Nesses termos, o estabelecimento dos glides depende diretamente da constituição silábica e do sistema sonoro de cada língua.

É uma falha na divisão fonética estipulada por Pike (1947) não haver uma classe de interseção que reúna os sons laterais, nasais, os glides e o som de [r]. Esses sons apresentam a peculiaridade de alternarem funcionalmente nas línguas com consoantes ou vogais. Em Bloomfield (1933)<sup>9</sup>, há a proposta de divisão dos grupos fonológicos em três: consoantes, segmentos que sempre são não silábicos, soantes, segmentos que podem alternar entre silábicos e não silábicos e vogais, sempre silábicas. Essa divisão é baseada em uma escala de sonoridade que especifica os sons gradualmente do mais ao menos sonoro, importante para a realização do contraste entre os segmentos na cadeia sonora. Os sons mais sonoros, vocálicos, serão silábicos e localizados no núcleo silábico, parte de maior proeminência silábica, enquanto os segmentos menos sonoros, consoanantais, irão se localizar nas margens silábicas, i.e., área de baixa proeminência. O grupo intermediário, formado por soantes, irá alternar entre estas duas posições.

No primeiro conjunto de traços distintivos, ainda na linhagem estruturalista, os glides representavam um grupo de segmentos bastante diferente dos supracitados. Os traços<sup>10</sup>, propostos por Jakobson, Fant e Halle (1952), tinham base acústica e binária. Com dois traços binários, consonantal e vocálico, designados de traços de fonte fundamental (1952) e, posteriormente, de traços de sonoridade (1956) – incluindo-se o traço nasal – os autores distinguiam quatro divisões primárias para os sons: consoantes, vogais, líquidas e glides. Elas podem ser resumidas no quadro 1, abaixo:

QUADRO 1  
Conjunto de Traços distintivos por Jakobson, Fant e Halle (1952)

	Consoantes	Vogais	Líquidas	Glides
Consonantal	+	-	+	-
Vocálico	-	+	+	-

Fonte: JAKOBSON; FANT; HALLE, 1952.

<sup>9</sup> Bloomfield (1933) utiliza o termo glide para os sons de transição. Os sons soantes, segundo o autor, são classificados em dois grupos: os semiconsonantais que incluem os consonantóides, sons nasais e laterais (que apenas são silábicos em sílabas átonas) e o vocalóide, o som [r] que pode ser silábico sob acento. As semivogais (atualmente denominadas de glides) são os sons não silábicos [j, w].

<sup>10</sup> Com exceção dos traços de tom e acento, os autores definiram treze traços: vocálico, consonantal, compacto, difuso, tenso, vozeado, nasal, contínuo, estridente, brusco (*checked*), grave/agudo, rebaixado/sustentado (*flat/plain*) e incisivo (*sharp*).

As consoantes possuem o traço consonantal, enquanto as vogais possuem o traço vocálico. As líquidas, sons laterais e róticos, apresentam ambos o traço vocálico e o traço consonantal e são parcialmente semelhantes às vogais e às consoantes. Os glides rotulam apenas os sons consonantais de [h] (fricativa glotal) e [ʔ] (oclusiva glotal). Os autores afirmam que as vogais assilábicas, [ɹ, ɻ], são obtidas de vogais que perdem sua silabidade e, por isso, não são fonêmicas.

Na teoria Gerativa, SPE (1968), os glides são uma categoria básica de segmentos, paralela às categorias: *Vogais*, *Líquidas silábicas*, *Nasais silábicas*, *Obstruintes*, *Líquidas e Nasais não silábicas*. Essas são especificadas pelos traços de classe principal. Vejam abaixo:

QUADRO 2  
Traços de classe principal do SPE

	Soante	Consonantal	Silábico
Vogais	+	-	+
Líquidas e nasais silábicas	+	+	+
Líquidas e nasais não silábicas	+	+	-
Obstruintes <sup>11</sup>	-	+	-
Glides	+	-	-

Fonte: MATZENAUER, 2005, p.22.

Neste modelo, observa-se que não há mais a dicotomia Vogal versus Consoante. Há apenas a categoria *Vogal*, formada por sons sem oclusão no trato oral, opondo-se às outras categorias que executam, nas línguas, o papel de consoantes, ocupando as margens silábicas (CLEMENTS; KEYSER, 1999; HYMAN, 1975, p. 44). Já, a categoria consonantal (C) se torna um traço que caracteriza os sons com algum tipo de oclusão ou fricção. O traço vocálico é substituído pelos traços soante e silábico. Câmara Jr. (1953, p. 52), citando o critério distributivo de Trubetzkoy (1939, p.166), lembra que o PB é uma língua na qual esse critério se aplica, permitindo somente vogais na posição de núcleo silábico. Neste caso o conceito de silábico coincide com o conceito de vogal<sup>12</sup>.

<sup>11</sup> Os glides laríngeos pertencem a este grupo.

<sup>12</sup> A utilização do traço [consonantal] e [silábico] consegue captar a restrição fonética fundamental de coocorrência dos dois traços, isto é, a maioria das línguas do mundo não permite consoantes silábicas (segmentos de valor [+ consonantal] e [+ silábico]). Assim, no PB, o segmento [+ consonantal] e [- silábico] pode ser representado pelo símbolo C, enquanto o segmento [+ silábico] e [- consonantal] pode ser representado pelo símbolo V. (MATEUS, 1982, p.22).

A categoria *Obstruintes* se opõe às outras pela sonoridade: nesta categoria, são agrupadas as verdadeiras consoantes, elementos menos sonoros do sistema, ausentes de vozeamento espontâneo, enquanto nas outras categorias têm-se os sons que naturalmente são vozeados e altamente sonoros. Conforme Schane (1973, p.20), os sons soantes incluem as vogais, as nasais, as semivogais (isto é, os glides) e os sons líquidos. Já os sons obstruintes rotulam os grupos de oclusivas, fricativas, africadas, e glides laríngeos ([h] e [ʔ]).

Sobre a terminologia dos glides, Mateus (1982) afirma que as vogais assilábicas também foram denominadas de *semivogais*, por possuírem o traço distintivo [-cons] assim como as vogais. Esse termo designava o som que segue à vogal acentuada (ex. pai [páj]). Já a denominação de *semiconsoante* foi reservada para as vogais assilábicas que precedem uma vogal acentuada (ex. quadro [kwádru]). Essa distinção foi baseada nas características fonéticas transmitidas pelo processo de assimilação (no primeiro caso, por uma vogal e, no segundo, por uma consoante). Neste período, o termo *glide* também já era utilizado pela literatura inglesa para designar os sons vocálicos assilábicos.

Tendo em vista a variedade de terminologias direcionadas ao glide na análise do PB, considerar-se-á, inicialmente, que todas as vogais que não são capazes de ocupar núcleo silábico (obrigatório) serão denominadas de *glides*, assim como faz Pike (1947) e a literatura recente (ODDEN, 2005; SILVA, 2001). Eles serão representados pelos símbolos [ɪ] e [ʊ] acrescentados deste diacrítico: [ɿ]. Segue-se, deste modo, a representação proposta pelo IPA (*International Phonetic Alphabet*).

A descrição atual dos glides tem como referência representacional a Fonologia Autossegmental e a Geometria de Traços que este trabalho resume e debate na seção seguinte. Ela apresenta-se em seção à parte, porque a concepção de traços distintivos proposta por estas teorias será referencial para este trabalho.

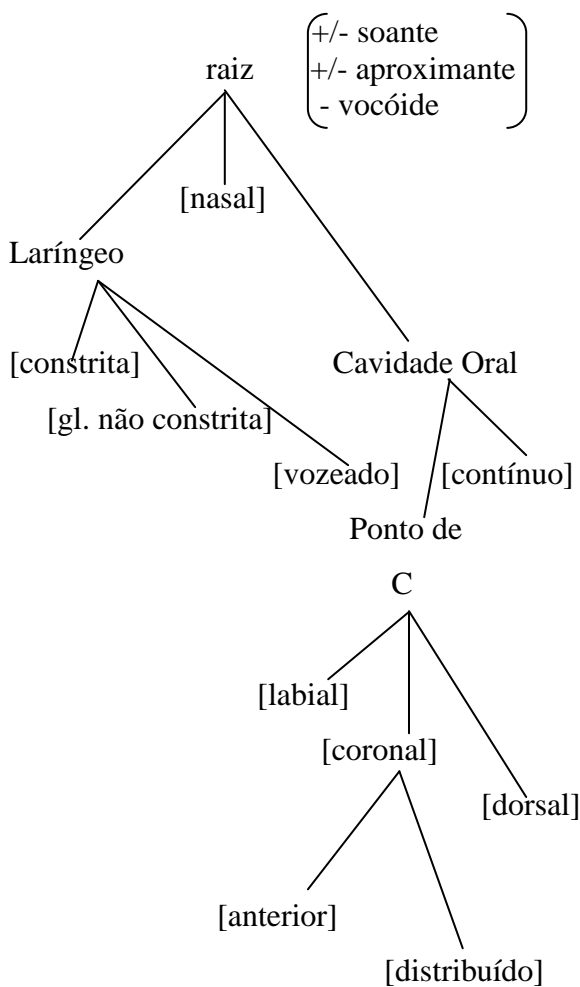
### 2.1.2 A FONOLOGIA AUTOSSEGMENTAL E A GEOMETRIA DE TRAÇOS

A representação dos segmentos, neste trabalho, segue o proposto pela geometria de traços (CLEMENTS, 1985; CLEMENTS; HUME, 1996; HUME, 1994), conforme os preceitos da Fonologia Autossegmental (GOLDSMITH, 1976). Nesta teoria, os traços podem se estender sob domínios maiores que o fonema, ou pertencer a domínios menores. Para isso,

localizam-se em *tiers* diferentes. Os elementos de um mesmo *tier* são ordenados entre si, já os elementos de diferentes *tiers* são não lineares e organizados pelas condições que orientam as linhas de associação. Podem, também, ser atribuídos sozinhos, ou em conjunto, a outros segmentos.

A Geometria de Traços é um modelo universal de organização desses autossegmentos em nós terminais, hierarquicamente organizados pelos nós intermediários, i.e., constituintes. Abaixo, reproduzem-se as representações para consoantes e vogais:

a) Consoantes



b) Vogais

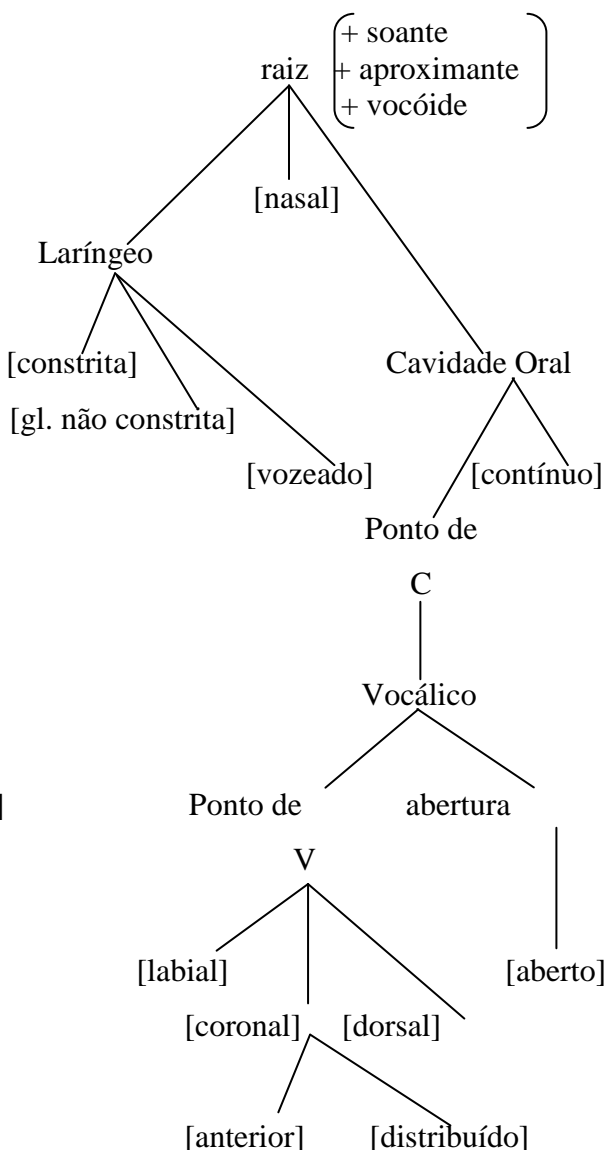


FIGURA 1 – Representação da Estrutura Segmental pela Geometria de Traços de Clements and Hume (1996)  
Fonte: MATZENAUER, 2005, p.50.

A representação consonantal difere da representação vocálica devido à ausência de ponto vocálico e nó de abertura em sua estrutura. A semelhança representacional e a

mesma nomenclatura dos traços distintivos para vogais e consoantes possibilita caracterizar melhor as classes naturais e explicar a interação entre consoantes e vogais nas regras de assimilação.

Na Teoria Autossegmental e na Geometria de Traços, os processos fonológicos decorrem da inserção ou apagamento dos traços distintivos através do espriamento (assimilação) ou do desligamento (dissimilação) de traços. A assimilação torna os segmentos mais semelhantes. Ela pode ser do tipo *feature-filling*, que insere traços não especificados no segmento alvo (traços ‘default’), ou *feature-changing*, que muda o valor do traço do segmento alvo. Já a dissimilação é decorrente do princípio de Contorno Obrigatório (doravante, OCP) que torna os segmentos próximos dessemelhantes por meio do desligamento de nós/traços (CLEMENTS; HUME, 1996). Nesta teoria, o glide [- recuado] é reconhecido como [coronal], enquanto o glide [+ recuado] é reconhecido como [dorsal].

Apesar de Clements e Hume (1996) apresentarem uma visão geral da teoria de traços, eles não discutem a representação do glide que é tratado durante o texto com a mesma estrutura da vogal alta (ver representação abaixo).

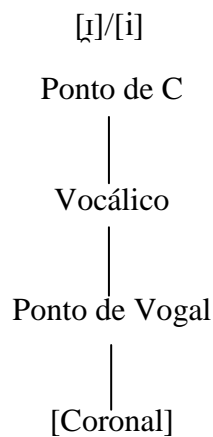


FIGURA 2 – Representação do glide coronal e da vogal alta coronal pela geometria de traços

Além disso, os traços de sonoridade também não conseguem distingui-los, como pode ser observado abaixo, na tabela de sonoridade de Clements e Hume (1996, p. 18). Esses traços, localizados na raiz, têm a função de “dividir os segmentos em grandes classes (obstruintes, líquidas, nasais e vogais) e identificar o seu grau de sonoridade, estabelecendo uma escala de sonoridade” (MATZENAUER, 2005, p. 52). Na Geometria de Traços, o traço [silábico], proveniente da Fonologia Gerativa Padrão, responsável por distinguir vogais e glides, é suprimido. Assim, os segmentos são constituídos, na raiz, pelos traços maiores: aproximante, vocóide e soante.

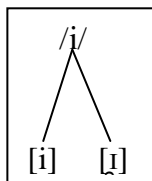
QUADRO 3  
Traços de sonoridade da Geometria de Traços por Clements e Hume (1996)

	[soante]	[aproximante]	[vocóide]	Ranking de Sonoridade
Obstruinte	-	-	-	0
Nasal	+	-	-	1
Líquida	+	+	-	2
Vocóide	+	+	+	3

Essa representação prevê que, nas línguas, os glides são sempre alofônicos (JAKOBSON; FANT; HALLE, 1952; LEVIN, 1985). Entretanto, se os glides fonêmicos existirem, ela é falha em distingui-los de vogais altas. Ainda pode-se admitir que a silabificação seja responsável por esta distinção, ao invés da representação.

Levi (2003)<sup>13</sup>, assim como Pike (1947), afirma que os glides fonêmicos existem e exemplifica-os no Turco (LEVI, 2001), no Karuk (HUME, 1994) e no Sudanês (HUME, 1994). Ela baseia-se em alternâncias fonológicas entre glides e consoantes, na opacidade de alguns glides no processo de harmonia vocálica e na simplicidade de representação à dificuldade de propô-los como alofones vocálicos. A autora propõe que as línguas do mundo poderão apresentar um dos dois padrões<sup>14</sup> abaixo:

Padrão 1



Padrão 2

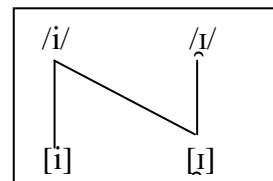


FIGURA 3 – Padrões de Línguas de acordo com o papel do glide

Padrão 1 Língua com glide alofônico

Padrão 2 Língua com glide fonêmico

Fonte: LEVI, 2003, p.1.

O primeiro padrão remete às línguas, nas quais, o glide é somente um alofone vocálico, paralelo a sua representação vocálica. O segundo padrão refere-se às línguas que possuem vogais altas e glides fonêmicos, nas quais, as vogais altas também possuem glides alofônicos. Neste trabalho, concorda-se com a possibilidade fonêmica do glide, com base, também, nos dados do PB, e investiga-se como essa possibilidade foi tratada na literatura do PB.

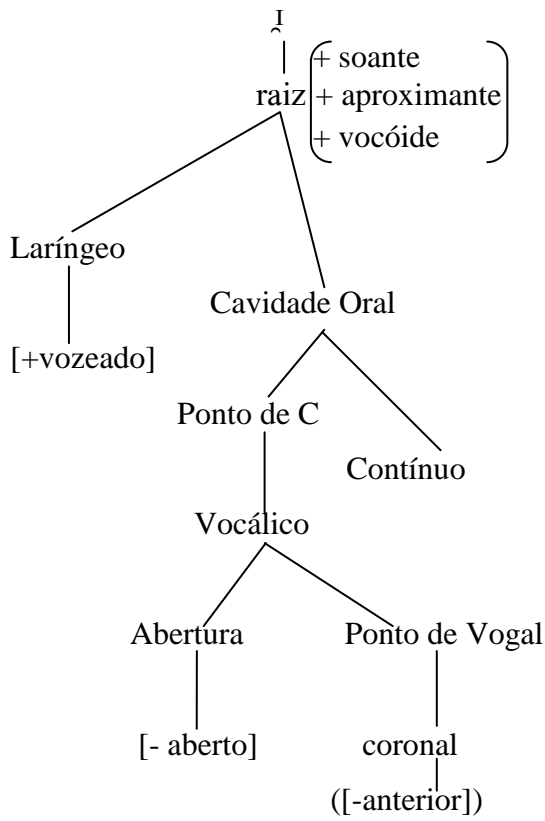
<sup>13</sup> Outros autores como Clements e Keyser (1983) e Hyman (1985) defendem a mesma posição.

<sup>14</sup> Em um terceiro padrão, os glides são alofones de consoantes subjacentes *velho* [<sup>h</sup>veɫo ~<sup>h</sup>veɫ].

Há três teorias que discutem a representação subjacente dos glides (LEVI, 2003): a primeira tem como expoente Levin (1985), apud Levi (2003), e utiliza o recurso da marcação lexical. Nesta teoria, não há glides subjacentes. Eles são vocóides subjacentes marcados como flutuantes (*unlinked*), desligados de uma posição nuclear. Sua representação é idêntica à das vogais altas e predizem que apenas regras ou restrições de posicionamento silábico podem distingui-los. A segunda, defendida por Hyman (1985, p.77), propõe que o traço binário [+/- consonantal] distinga as vogais [- consonantais] dos glides [+ consonantais] na forma subjacente. Segundo Levi (2003) as representações estruturais dos glides e das vogais nessa teoria é idêntica e apenas divergem no valor do traço consonantal, conseguindo, assim, explicar apenas processos em que o alvo é o traço consonantal e os processos cuja posição silábica pode distinguir glides de vogais altas.

A terceira teoria representacional é proposta por Hume (1994). Ela propõe que a teoria fonológica deve reconhecer duas representações distintas para o glide, uma que corresponde à representação das vogais (3a, abaixo) e outra que corresponda à das consoantes, para glides subjacentes (3b, abaixo). Ainda segundo a autora, os valores [-consonantal] e [+consonantal] são codificados na estrutura representacional dos segmentos (HUME, 1994, p.3), por isso, o traço [consonantal] torna-se superficial, podendo ser eliminado da teoria:

## a) Representação do Glide Vocálico



## b) Representação do Glide Consonântico

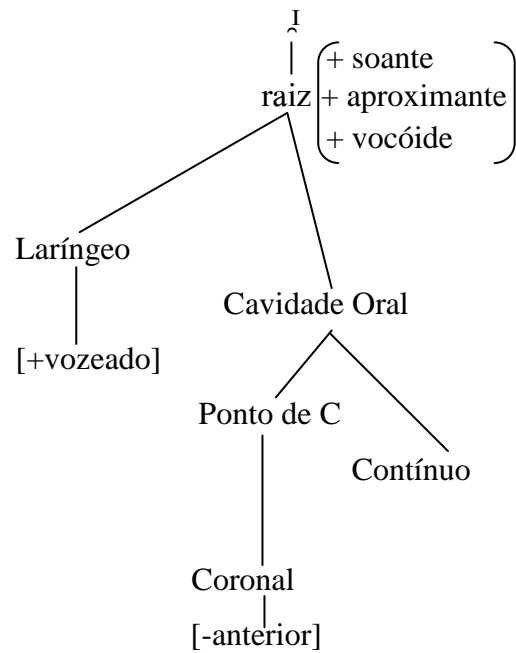


FIGURA 4 – Representação dos glides na Geometria de Traços conforme Hume (1994)

- a) Glide vocálico  
b) Glide consonântico

Fonte: HUME, 1994, p.3.

As representações acima são propostas pela autora de acordo com o papel de cada glide no processo de harmonia vocálica. Se o glide é transparente, ele apresenta o padrão de (a), se ele é opaco, então, apresenta o padrão de (b). Nessas representações, o glide, em (a) tem a mesma estrutura que a vogal alta, enquanto que em (b) ele tem a mesma estrutura que /ʒ/. Mesmo que o processo de Harmonia Vocálica, no PB, não seja sensível às codas - a harmonia fonética é possível em sílabas fechadas e abertas (*percebe* [pɛhʃɛbɪ]~[pɛhʃɛbɪ], *boicote* [bɔ̃kɔtʃɪ]~[bɔ̃kɔtʃɪ], *peteca* [pɛtɛka] [pɛtɛka]) e também a fonológica, como se vê nos exemplos de tema /i/ (*auf*[e]rir e *eu auf*[i]ro, *s*[eh]vir e *eu s*[ih]vo, *v*[es]tir e *eu v*[is]to) – essa diferença representacional pode ser importante para identificar como se organizam os glides no PB, já que, é nítida a diferença funcional entre glides que alternam com vogais, ou com função vocálica, e glides que alternam com consoantes, ou com função consonantal, na língua. Isso será verificado no capítulo 4.

A representação de Hume (1994) exige que a silabificação reconheça toda a estrutura de um segmento para posicioná-lo na sílaba<sup>15</sup>. Além de apresentar um poder explicativo maior que as opções anteriores como demonstrado por Levi (2003), ela também pode ser utilizada para explicar a distribuição dos glides nas línguas em que a estrutura silábica é previsível, além de ser um complemento para a proposta da Geometria de Traços (CLEMENTS; HUME, 1996).

Visto isso, esta pesquisa assume, também, a proposta de Hume (1994) para diferenciar, no PB, os glides consonantais ou que têm existência fonológica, de glides vocálicos, obtidos no nível fonético, no PB.

### 2.1.3 A DISTRIBUIÇÃO DOS GLIDES NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Essa seção objetiva demonstrar a distribuição dos glides no PB e como eles se relacionam com o contexto, o acento e os limites de morfemas ou palavras. Justifica-se essa seção porque estes dados serão necessários, no capítulo 4, para refutar ou comprovar as descrições apresentadas no capítulo 3. Optou-se, neste trabalho, por estudar apenas os glides orais devido à profundidade e amplitude do enfoque dado à questão. Entretanto, resguarda-se, para o futuro, acolher sob esta proposta, os dados com ditongos nasais.

#### 2.1.3.1 *Os glides VG*

Primeiro, descreve-se a distribuição dos glides VG quanto ao contexto a sua esquerda. Intenta-se observar se há restrições em sua ocorrência neste contexto ou se eles podem se realizar após qualquer vogal<sup>16</sup>. Sua distribuição é dada abaixo:

<sup>15</sup> Hume (1994) só trata apenas da interferência da representação estrutural na harmonia vocálica. Os comentários sobre de relação com a sílaba e a silabificação são nossos.

<sup>16</sup> Os exemplos são, em sua maioria, de sequências com proeminência acentual, pois esta condição possibilita a realização do inventário completo das sete vogais do PB. Exemplos átonos serão utilizados na ausência de tônicos. Aparentemente, a proeminência não determina se o glide irá ocorrer ou não, exceto com alguns glides fonéticos. Essa discussão será exposta mais adiante, quando for demonstrada a influência do acento.

QUADRO 4  
Distribuição dos glides VG

V+ <u>I</u>			V+ <u>U</u>		
1	<u>eɪ</u>	l[ <u>eɪ</u> ]te , cans[ <u>eɪ</u> ]	8	<u>eʊ</u>	at[ <u>eʊ</u> ], corr[ <u>eʊ</u> ]
2	<u>ɛɪ</u>	Cor[ <u>ɛɪ</u> ]a, r[ <u>ɛɪ</u> ]s	9	<u>ɛʊ</u>	chap[ <u>ɛʊ</u> ], r[ <u>ɛʊ</u> ]
3	<u>aɪ</u>	arc[ <u>aɪ</u> ]co, and[ <u>aɪ</u> ]s	10	<u>aʊ</u>	fl[ <u>aʊ</u> ]ta
4	<u>oɪ</u>	[ <u>oɪ</u> ]to, f[ <u>oɪ</u> ]	11	<u>oʊ</u>	c[ <u>oʊ</u> ]ve, cant[ <u>oʊ</u> ]
5	<u>ɔɪ</u>	andr[ <u>ɔɪ</u> ]de, her[ <u>ɔɪ</u> ], tip[ <u>ɔɪ</u> ]a	12	<u>ɔʊ</u>	<i>bem[<u>ɔʊ</u>]</i>
6	<u>uɪ</u>	r[ <u>uɪ</u> ]vo, f[ <u>uɪ</u> ]	13	<u>iʊ</u>	fal[ <u>iʊ</u> ]
7	<u>iɪ</u>	m[ <u>iɪ</u> ] (mie)	14	<u>uʊ</u>	s[ <u>uʊ</u> ] ( <i>suo</i> )

O quadro acima mostra que os glides VG podem ocorrer após todas as vogais. No entanto, nas palavras destacadas acima, eles são facilmente excluídos da forma subjacente<sup>17</sup>, porque podem ser obtidos pelos seguintes processos:

- a) as sequências [iɪ, uʊ] (em 7 e 14) decorrem do processo de neutralização das vogais médias<sup>18</sup> ([<sup>h</sup>'suʊ] /suo/ e [<sup>h</sup>'miɪ] /mie/);
- b) a sequência [ɔʊ] (em 12) só é possível por meio da vocalização da consoante lateral /l/ ([fã'rɔʊ] *farol*, [kara'kɔʊ] *caracol*, [be'mɔʊ] *bemol*);
- c) [ɛɪ] (em 2), geralmente advém da inserção do glide coronal após vogal acentuada coronal e antes de vogal [-alta] e não tem correspondência na forma subjacente (/koreã/ [ko'reɪã] *Coréia*). Fora deste contexto, essa sequência ocorre em números bastante reduzidos, por isso, é marcada no léxico ([<sup>h</sup>'ɛɛɪs] *reis*).
- d) A sequência [iʊ] (em 13) pode ser obtida a partir da neutralização vocálica.

<sup>17</sup> Isso quer dizer que eles não têm unidade correspondente na forma subjacente.

<sup>18</sup> A neutralização é a anulação de oposições distintivas entre fonemas em algumas posições do sistema. As vogais do sistema vocálico do PB sofrem gradualmente o processo de neutralização de seus traços de abertura quando se localizam nas sílabas átonas. São estudos sobre a neutralização no PB: Câmara Jr. (1969, 1970), Leite (1974), Wetzels (1992, 1995), Bisol (2003).

Esses glides não interferem em processos morfológicos e são categóricos, isto é, sempre que houver o ambiente para aplicação do processo, eles acontecerão. Essas propriedades implicam em sua previsibilidade, logo, são alofones e não estão presentes no nível subjacente. Eles são denominados de glides derivados. Devido ao supracitado, os glides derivados pelos processos (a), (b) e (d) não farão parte deste estudo. Os glides gerados pelo processo (c) mesmo sendo inseridos no nível pós-lexical, serão estudados, porque fazem do conjunto de evidências sobre o posicionamento silábico dos glides VG.

Os demais glides VG [ẽ̞, ã̞, õ̞, ɔ̞̃, ũ̞, ẽ̞̃, ẽ̞̃̃, ã̞̃, õ̞̃] não sofrem influência do contexto a sua esquerda. Observa-se, ainda, que as vogais altas são realizadas no mesmo contexto, o que descaracteriza uma distribuição complementar quanto aos segmentos à esquerda. Comparem os glides supracitados com os hiatos abaixo:

<i>s[a'u]de</i>	<i>v[e'i]culo</i>	<i>v[ε'i]nha</i> <sup>19</sup> [popular]	<i>eg[o'i]sta</i>
<i>f[a'i]sca</i>	<i>r[o'ɨ]do</i>	<i>r[u'ɨ]do</i>	<i>m[i'u]do</i>

Estes dados não são suficientes para estabelecer a distribuição dos glides como fonemas ou alofones. Por isso, verificam-se quais segmentos podem suceder os glides e se eles também podem suceder vogais altas. Desconsidera-se o acento, porque, como será demonstrado na seção 2.2.2, abaixo, na maioria dos casos, os glides VG não dependem do acento para ocorrer (eles ocorrem em sílabas tônicas e átonas). Os glides de sequência VG realizam-se, foneticamente, sem restrições:

a) em final de palavra<sup>20</sup>:

- *pl[ẽ̞]* (*play*), *pôn[ẽ̞]*, *s[ã̞]* (3ª p. singular – presente do indicativo), *b[õ̞]*,  
*dod[ɔ̞̃]*, *apog[ẽ̞̃]*, *c[ε̞̃̃̃]*, *cac[ã̞̃]*, *d[ĩ̞̃̃]*,

Ou quando seguidos pelas consoantes:

b) antes de consoantes [-soantes], [αsonoras]<sup>21</sup>:

<sup>19</sup> O exemplo é coloquial e corresponde a 'velhinha'. Nele, a vogal média-alta contrasta com a forma 'v[e'i]nha', diminutivo de 'veia'.

<sup>20</sup> Destaca-se que a sequência [ẽ̞̃̃] apenas só é encontrada nessa posição.

<sup>21</sup> Chama-se de consoante o segmento expresso como [-vocóide] pela geometria de traços.

- l[e̞ɪ]go, r[a̞ɪ]va, c[o̞ɪ]bir, l[a̞ɪ]do, f[e̞ɪ]do, arc[a̞ɪk]o, f[o̞ɪs]e, n[e̞ɪ]tro, f[a̞ɪ]ta,

c) antes de consoantes [- soantes], [+ anteriores] (b, p, d, t, z, s)<sup>22</sup>:

-arr[o̞ɪ]bo, [a̞ɪ]pim, p[a̞ɪ]pérrimo, d[o̞ɪ]do, f[e̞ɪ]do, l[e̞ɪ]to, g[a̞ɪ]ta, f[a̞ɪz]ão, apl[a̞ɪz]o, f[o̞ɪs]e,

d) [- soantes] [dorsais] ([k,g]):

-mant[e̞ɪ]ga, aç[o̞ɪ]gue, b[e̞ɪk]on, b[o̞ɪk]ote, ar[au̞k]ária,

e) [- soantes][+ contínuas] (ver exemplos abaixo).

Os glides ilustrados acima, de (a) à (e), não alternam com vogais altas e nem podem ser omitidos<sup>23</sup>. No entanto, antes das fricativas alveopalatais [ʃ] e [ʒ], os glides das sequências [e̞ɪ], [a̞ɪ], foneticamente, podem não se realizar. Vejam os dados:

QUADRO 5  
Distribuição dos glides sucedidos por segmentos não soantes e contínuos

	<i>v f</i>	<i>z s</i>	<i>ʒ ʃ</i>
<i>ɪ</i>	c[e̞ɪ]fa r[a̞ɪ]va n[o̞ɪ]va r[u̞ɪ]vo	el[e̞ɪs]ao f[a̞ɪz]ao c[o̞ɪz]a f[o̞ɪs]e	b[e̞ɪʒ]a-flor ~ b[e̞ɪʃ]a-flor am[e̞ɪʃ]a ~ am[e̞ɪʃ]a c[a̞ɪʃ]a ~ c[a̞ɪʃ]a
<i>ɔ</i>	[e̞ɪ]foria [a̞ɪ]ferir [o̞ɪ]vir ~ [o]vir	esm[i̞ɪs]ar end[e̞ɪz]ar apl[a̞ɪz]o calab[o̞ɪs]o ~ calab[os]o	[e̞ɪʒ]enia [a̞ɪʃ]e b[a̞ɪʃ]lita fr[o̞ɪʃ]o ~ fr[oʃ]o

<sup>22</sup> A sequência [ɔɪ] só ocorre antes de consoante se ela for [- contínua], [+coronal] (/d, t/) e são escassos os exemplos de glides antes de consoantes [+ anteriores], [-coronais] (/b, p/).

<sup>23</sup> Apenas [o̞ɪ] é uma exceção e será estudado à frente.

Segundo Bisol (1989) (1994) (*ver seção 3.2.1 no capítulo 3*), as sequências [e̞] e [a̞] antes de fricativa alveopalatal não ocorrem na forma subjacente, sendo apenas uma realização fonética desencadeada por assimilação de traços, já que sua realização é variável. No entanto o mesmo não ocorre com glide [dorsal], sendo, neste caso, a realização do glide, obrigatória.

Diferente de Bisol (1989, 1994), este trabalho assume que, fonologicamente, essas sequências são representadas por duas unidades de tempo, e não por uma, e são alvos do processo oposto da assimilação, i.e., a dissimilação, no output. Tratar-se-á, especificamente destes dados *na seção 4.3.4 do capítulo 4*.

No PB, os glides também podem ser seguidos por consoantes soantes [+anteriores] ([l, m, n]):

QUADRO 6  
Glides sucedidos por soantes

G+l	G+m	G+n
l[e̞]lão, b[a̞]le, j[a̞]la	[a̞]mento, dep[o̞]mento	r[e̞]no, b[o̞]na, b[a̞]nilha, [e̞]nuco

Antes de soantes [+anteriores] também são permitidas codas consonantais (*calma, arma, vulnerável, cisne, adorno, abismo*) e o hiato (*s[u'í]no, gen[u'í]no, c[i'u]me, It[a'u]na, r[eu]nição*). Entretanto, antes de consoantes soantes palatais [ʎ, ɲ], os glides VG, e também as consoantes, são coibidos, sendo possível apenas o hiato ([ha'ɲa] *rainha*, [mo'ɲu] *moinho*, [fa'uʎa] *faúlha*).

Abaixo, verifica-se a distribuição dos glides antes de *erre fraco*, (i.e., tepe /r/), e o *erre forte*<sup>24</sup>. Estes exemplos mostram que no PB há uma abundante distribuição de glides antes de tepe e uma escassa distribuição antes de erre forte<sup>25</sup>:

<sup>24</sup> Representa-se o erre forte com a fricativa aspirada, variante realizada no dialeto norte-mineiro.

<sup>25</sup> Observa-se nestes exemplos a alternância entre [e̞] ~ [e] antes de tepe. Sua análise é discutida *na seção 3.2.2*.

QUADRO 7  
Glides sucedidos por erre forte e erre fraco (r)

	<i>r</i>	<i>h</i>
<i>ɹ</i>	barr[ɛɹ]a ~ barr[er]a, [aɹ]ado, l[oɹ]a	b[aɪh]o
<i>ʁ</i>	[eʁ]eca, pl[eʁ]a, d[iʁ]ético, bes[oʁ]o ~ bes[or]o, [aʁ]a	

No PB, o tepe sempre pode ser precedido por vogais (/karo/ *caro*, /koro/ *coro*, /kero/ *quero*, /kuo/ *curo*) e nunca por codas consonantais. Diferentemente do tepe, a fricativa glotal pode ser antecedida por codas consonantais (*honra* /oNRa/, *genro* /geNRO/ e *Israel* /iSRael/), existindo, na língua, somente um exemplo de glide antecedendo esta fricativa (CÂMARA JR., 1970).

Os glides VG também podem se realizar à esquerda de vogais. Todavia nem todos os casos há uma unidade temporal (glide ou vogal alta) representando-as na forma subjacente. Vejam os dados abaixo<sup>26</sup>:

QUADRO 8  
Glides sucedidos por vogais

	<i>e</i>	<i>a</i>	<i>o</i>	<i>u</i>
<i>ɹ</i>	c[aɪ]'eira c[uɪ]'eira des'tr[ɔɪ]er	al'd[ɛɪ]a alca't[ɛɪ]a pr[aɪ]a ap[oɪ]'ar ale'l[uɪ]a 'c[uɪ]a	a'rr[ɛɪ]o g[aɪ]'ola c[oɪ]'ote	b[aɪ]'uca
<i>ʁ</i>		T[aʊ]ã M[aʊ]á Pi[aʊ]í C[aʊ]ê	pess[oʊ]a ~ pess[o]a'	

Os glides acima que estão localizados em sílaba tônica e seguidos por vogal baixa ou média [a, e] são previsíveis e, por isso, são inseridos durante a derivação por processo de

<sup>26</sup> São raros exemplos de vogais antecedidas por glide posterior. Os exemplos encontrados são restritos a nomes próprios.

assimilação de traços (MATEUS, 1982)<sup>27</sup>. A dependência do glide ao acento evidencia-se em pares como *co're[ɹ]a* nos quais o glide se realiza após a sílaba tônica e ‘core'ano’ no qual o deslocamento do acento desfaz o ambiente de sua aplicação. Assim, sequências como as encontradas em *alca'í[ɛ]a* ou *pess[oɹ]a*, na forma subjacente correspondem, respectivamente a /aLkateə/ e /pesoa/. Essas palavras estão destacadas acima. Os glides localizados em sílaba átona sempre estão presentes na forma subjacente, assim como os glides em sílaba tônica que ao ter o acento da palavra alterado, por exemplo, com a adição de um sufixo derivado, não se apagam. Por exemplo, ‘c[ɹ]eira’, derivada de 'c[ɹ]a. São argumentos para que este glide seja derivado: a previsibilidade de sua ocorrência e também sua variação livre (al'd[ɛ]a ~ al'd[e]a) que não ocorre em 'c[ɹ]a \* 'c[u]a, por exemplo. Esses glides serão tratados nas *seções 3.2.4 e 4.3.7*, respectivamente, nos *capítulos 3 e 4*.

Grande parte dos processos fonológicos do PB é realizada em sílabas átonas e não em tônicas. Porém, nos casos acima, adicionar um segmento à sílaba tônica provoca ganho em sua duração e, por fim, maior destaque de sua proeminência entre as demais.

Demonstrou-se, acima, que os glides e as vogais altas podem ocorrer à direita dos mesmos segmentos vocálicos, logo os glides são independentes dos segmentos que estão a sua esquerda. Quanto aos segmentos a sua direita, os hiatos abaixo também comprovam que a existência dos glides VG é independente do contexto, pois as vogais altas podem ocorrer na mesma posição. Logo, não estão em distribuição complementar. Vejam:

<i>'sa[ɹn]a - Ita[ 'un]a</i> <i>be[ɹk]on - ve[ 'ik]ulo</i>	<i>'a[ɹd]s - sa[ 'id]a</i> <i>'ca[ɹs]- fa[ 'is]ca</i>	<i>p[ aɹ] - b[ a'u]</i>
---	--	-------------------------

No entanto o número de hiatos é bastante reduzido neste contexto. O que poderia ser utilizado como recurso para garantir que glides são alofones (por exemplo, marcar as vogais altas que não se tornam glides). Isso será verificado no próximo capítulo. Entretanto, conforme Pike (1944), se um som não puder ser substituído por outro sem, com isso, converter a significação em irreconhecível, eles são realizações fonéticas de dois fonemas distintos. Esse parece ser o caso do glide VG. Observa-se que a pronúncia da vogal alta em palavras como *l[ɛ]te*, *s[aɹ]na*, *c[ɹ]tado*, no mínimo, torna a pronúncia incomum ao ouvido do falante nativo (\**l[ei]te*, \**s[au]na*, \**c[oi]tado*).

<sup>27</sup> Estes dados serão discutidos na *seção 4.3.7*.

Antes de consoantes em coda, o glide possui uma distribuição restrita<sup>28</sup>. Ocorre apenas antes de coda fricativa /S/ (*cl[au̯s]tro*, *d[eu̯s]*, *c[au̯s]*, *dep[ou̯s]*). Sua distribuição é a mesma das demais consoantes em coda, que também ocorrem antes de /S/ (*m/oNS/tro*, *p/eRS/pectiva*, *s/oLS/tício*).

Em alguns dialetos pode haver a vocalização de codas consonantais que são substituídas por glides VG, indício que também identifica, no PB, a presença dos glides consonânticos (exemplos 1 e 2, abaixo, correspondem ao falar norte-mineiro, enquanto que o exemplo 3 pertence ao falar paraibano):

- 1- *galho* – [ˈga̯ɪ]
- 2- *garfo* – [ga̯ʊfʊ]
- 3- *porta* – [po̯ɪ.ta]

Na coda, essa alternância é categórica com relação à lateral [+ anterior], observada em todos os dialetos do PB:

- 1- *sol* – [sɔ̯]
- 2- *salgado* – [sa̯ɣadu]

Também na aquisição fonológica, as crianças realizam a lateral em onset como glides VG:

- 1- *bola* – [bo̯ɪa]<sup>29</sup>
- 2- *colo* – [ko̯ɪu]
- 3- *corre* – [ko̯ɪ]

E na formação de plural, a lateral é substituída por [ɪ]:

- 1- *Animal* – [aniˈmaɪs]
- 2- *Pastel* – [pasˈteɪs]

Entretanto, há também a alternância de alguns glides VG pré-tônicos com vogais altas. São os casos de *saidera* e *caipira* que podem se realizar tanto como *sa[ɪ]ˈdera* ou *ˌsa[ɪ]ˈdera* e *ca[ɪ]ˈpira* ou *ˌca[ɪ]ˈpira*, isto é, os glides estão em alofonia livre com vogais. Até então, os dados obtidos nessa seção afirmam duas possibilidades de glides fonéticos: ou alternam com consoantes, ou alternam com vogais. Isso fortifica a ideia de que o PB possui

<sup>28</sup> Um problema para essa assertiva são os ditongos nasais como ‘canhão’ e ‘ainda’ formados por sequências /VGN/ no qual a coda possui dois elementos, mas o último não é a fricativa e, sim, a soante nasal. Como não é objetivo dessa pesquisa explicar o ditongo nasal, assume-se, assim como Wetzels (2000b) que a vogal alta é lexicalmente nasal. Isso resolve o problema da distribuição do glide.

<sup>29</sup> Exemplos 1 e 2 extraídos de (COUTO, 1994).

glides com estrutura vocálica e glides com estrutura consonantal, seguindo a proposta de Hume (1994).

Os glides VG podem ocorrer tanto em sílabas átonas quanto em tônicas. Nos casos exemplificados abaixo, os glides nunca alternam com as vogais altas:

QUADRO 9  
Os Glides e o Acento Primário

<i>Glides em Sílabas Átonas</i>	<i>Glides em sílabas Tônicas</i>
aze[ɪ]'tona	'ga[ɪ]ta
co[ɪ]'tado	'co[ɪ]sa
e[ʊ]'ropa	a'te[ʊ]
a[ʊ]di'torio	'ne[ʊ]tro

Ao observar o quadro, conclui-se que a realização dos glides parece não ser influenciada pelo acento primário, exceto quando é inserido entre vogais (*pass[e]l[ɪ]o*, *bo[ʊ]a*) ou em coda silábica (*fe[l]s*, *arro[l]z*).

Quanto aos limites morfemáticos, Lopez (1979) afirma que os glides VG não ocorrem entre seus limites \*(V+G). Essa afirmação parece ser soberana observando-se os seguintes sufixos derivacionais:

QUADRO 10  
Realização de sequência VV entre morfemas

<i>Vogais átonas</i>	<i>Palavra primitiva</i>	<i>Adição de sufixo iniciado por /i/ ou /u/</i>	<i>Palavra derivada</i>
/e/	quente parte alegre doce carne	quente]issimo parte]ícula alegre]ia doce]ura carne]udo	quentíssimo partícula alegria doçura carnudo
/a/	farra bala manobra coca beleza barba	farra]ista bala]ística manobra]ista coca]ina beleza]ura barba]udo	farrista balística manobrista cocaína belezura barbudo
/o/	piano dedo falso alimento tonto globo	piano]ista dedo]ilhar falso]idade alimento]ício tonto]ura globo]ulo	pianista dedilhar falsidade alimentício tontura glóbulo

Nas sequências acima, a última vogal átona do radical não ocorre quando se adiciona um sufixo derivacional (exceto *coca*). Essas vogais são consideradas marcadores de palavra e não podem preceder sufixos derivacionais, apenas flexionais (LEE, 1995, p.35). Logo, a ausência de sequências vogal-glide nestas posições é o resultado dessa restrição que gera o apagamento do marcador de palavra. Entretanto, em algumas palavras, a vogal permanece. Isso ocorre com o exemplo *coca*, que forma o derivado *cocaína*. Mesmo assim, ocorre o hiato e não há a formação de glide GV.

Pode-se questionar que a sequência VG não ocorre, porque a vogal é um marcador de palavra – isto é, não faz parte do radical e não pode receber acento. Todavia os exemplos terminados em sílaba tônica – que fazem parte do radical e são resistentes aos processos fonológicos – mostram que também não há formação de sequência VG ao se adicionar um sufixo derivacional a um radical que contenha a última sílaba acentuada. Quando a última vogal do radical não se apaga, há formação do hiato. Abaixo, exemplifica-se com palavras vogais finais tônicas:

QUADRO 11  
Realização de sequência VV entre morfemas

<i>Vogais tônicas</i>	<i>Palavra primitiva</i>	<i>Morfemas</i>	<i>Palavra derivada</i>
/e/	pete (sigla PT)	pete]ista	pe'tista
/ɛ/	café	café]ina	cafe'ina
/o/	Mao	Mao]ismo	Mao'ismo
/w/	caju hindu Jesus	caju]ina hindu]ismo Jesus]ita	caju'ina <sup>30</sup> indu'ismo Jesu'ita

Diverso dos exemplos supracitados nos quais na maioria dos casos, ocorre o apagamento, neste, verifica-se uma maior incidência do hiato. Isso decorre da tendência do PB em manter inalterada a sílaba tônica, coibindo a realização de processos fonológicos. Estes dados confirmam a afirmação de Lopez (1979), pelo menos, com relação aos não verbos.

Entretanto, há dois casos específicos em que há formação de sequência vogal-glide entre morfemas de não-verbos. O nome *her[ɔ]*, terminado em glide, pode formar uma sequência vogal-glide, como em *heró[ɔ]co*, e, em outros sufixos de mesmo contexto formar um hiato, como em: *heroína* e *heroísmo*. Outro caso trata-se do sufixo *-idade* que se realiza

<sup>30</sup> Bebida preparada como sumo do caju.

como vogal em *velocidade*, e como glide em *heterogêne[ɹ]dade*. Os glides formados nestes processos não estão em alternância livre com vogais.

Já entre bordas de morfemas de flexão regular verbal e numeral, a tendência é a realização do glide, como pode ser observado nos verbos [kohe]ʊ e [pahti]ʊ e na flexão regular do não-verbo: [farɔl]is] [farɔ̃s] *farol/faróis*, [bemɔl]is] [be'mɔ̃s] *bemol/bemois*, [anɛl]is] [a'nẽs] *anel/anéis* e [pastɛl]is] [pas'tɛ̃s] *pastel/pastéis*. Mesmo com os casos específicos citados acima, os dados demonstram que a sequência vogal-glide entre morfemas somente é coibida entre não verbos, não sendo coibida na formação produtiva e nem entre palavras ([kah<sup>v</sup>ama'relɔ] *carro amarelo*). A condição para sua realização é a última vogal da primeira palavra ser [-aberto 2] e átona.

### 2.1.3.2 Os glides GV

Os glides das sequências GV são, tradicionalmente, considerados alofones livres advindos de vogais altas subjacentes. Segundo Bisol, são resultados no processo pós-lexical, por ressilabificação. Isso porque elas podem alternar com vogais sem alterar o significado da palavra (<sup>1</sup>c[ʊɛ]ca ~ c[u'ɛ]ca, p[ɹɛ]'dade ~ p[iɛ]'dade). No entanto, alguns salvos são propostos a essa generalização: Leite (1979) afirma que o hiato é preferível em início de palavra (assim, [fi'adu], [i'odo]) e Couto (1994) afirma que os ditongos crescentes podem ser lexicais se a vogal que os segue for tônica (*teiu* [te.'ɹu]).

Um impasse surge com relação aos glides GV pós-tônicos. Conforme Câmara Jr. (1969), eles podem alternar com vogais altas (*gloria* ['glɔ.ria] ~ ['glɔ.ɹia]). No entanto, conforme Silva (1992), eles não alternam com vogais (assim, somente a forma ['glɔ.ɹia] seria possível). Resolver este impasse extrapola os objetivos deste trabalho. Entretanto, discute-se, *no capítulo 4*, como ele pode afetar o acento.

A alternância entre os glides e as vogais altas também não é observada em alguns glides GV, antecedidos por consoantes [+dorsais]. São os casos de [kɹa]dro e [gɹa]rda. Diante disso, necessário se faz explicar casos como o grupo morfológico da palavra *água* ([agɹa]) em que a sequência GV é obrigatória em ['agɹa], assim como em *aguaceiro*

([agɥa'seru]), mas pode alternar com o hiato em *aguar* [a'gɥah] e *aguado* /agu'ado/ ~ /a'gɥado/. Essa alternância não é observada em outros verbos como *averig[ɥ]ar* e *adeq[ɥ]ar*, nos quais o glide é obrigatório.

## 2.2 OS GLIDES E O SISTEMA DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Dedica-se este tópico à exposição das propostas recentes do acento e da estrutura silábica do PB que serão pressupostas neste trabalho. Faz-se necessário estabelecê-las, primeiro, porque as descrições debatidas no próximo capítulo assumem variadas propostas para a sílaba e para o acento. Segundo, porque esses fenômenos serão utilizados como peso, para medir as vantagens e desvantagens de se assumir os glides como fonemas ou alofones. Isso é necessário porque se os glides forem consonânticos, eles podem atribuir peso à sílaba, que atrai o acento. No entanto se forem alofônicos poderão ser contabilizados como núcleo vocálico durante a atribuição do acento. Assumir uma interpretação para o glide pode simplificar o mapeamento da silabificação e a atribuição do acento primário. Inicia-se essa exposição com o tratamento silábico.

### 2.2.1 A SILABIFICAÇÃO E A ESTRUTURA SILÁBICA

A possibilidade de dividir uma palavra em blocos sonoros dá origem à estrutura denominada de sílaba. Ela não apresenta uniformidade ou correlato direto com a divisão morfológica e nem fonética (FUDGE, 1999)<sup>31</sup>, entretanto ela é considerada uma unidade universal de organização prosódica abstrata na qual as línguas expressam muito de sua fonologia (KENSTOWICZ, 1994, p.250). Ela reúne e organiza os segmentos por meio de princípios universais e paramétricos, além de ser o menor constituinte da hierarquia prosódica nos quais as regras fonológicas se aplicam (NESPOR; VOGEL, 1986). Ela também é indispensável para explicitar generalizações de modo mais simples e significativo.

A representação silábica pode conter estrutura interna (SELKIRK, 1982) ou não (CLEMENTS; KEYSER, 1983; KAHN, 1976; NESPOR; VOGEL, 1986). Este trabalho

<sup>31</sup> Este texto é um resumo organizado por Goldsmith (1999) do texto de Fudge (1969).

assume que a sílaba no PB apresenta estrutura interna sendo composta por constituintes binários, assim como propõe Selkirk (1982):

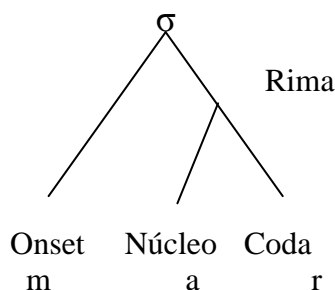


FIGURA 5 – Representação da Sílaba segundo Selkirk (1992)

Usa-se esta representação porque ela demonstra uma relação mais próxima entre núcleo e coda, expressa na atuação do peso silábico no PB.

Um dos princípios universais<sup>32</sup> que regem a organização silábica é a ordenação, crescente, do onset ao núcleo, ou decrescente, do núcleo à coda, de seus elementos de acordo com a sonoridade de cada um:

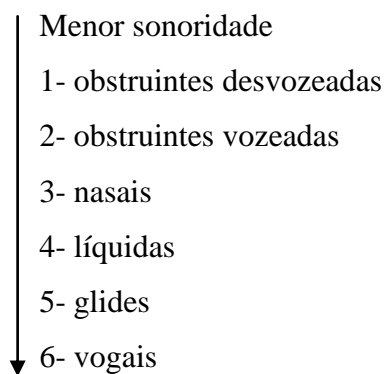


FIGURA 6 - Hierarquia de Sonoridade de Hooper (1972, 1976)  
Fonte: KATAMBA, 1989, p. 158.<sup>33</sup>

Segmentos mais sonoros ocupam a posição proeminente (núcleo) enquanto segmentos menos sonoros ocupam sua parte marginal (onset e coda). Abaixo, demonstram-se

<sup>32</sup> Outros princípios que regem a formação silábica são o princípio de Maximização do Ataque (SELKIRK, 1982) – que estabelece que C será preferencialmente silabificado no Onset, ao invés da coda, em uma sequência CVC, por exemplo. O princípio do Licenciamento Prosódico (ITÔ, 1986) propõe que todas as unidades prosódicas de um nível pertençam a estruturas prosódicas de níveis superiores (COLLISCHONN, 2005).

<sup>33</sup> Bisol (1989) interpreta essa escala com a divisão das líquidas em laterais/róticos: O<N<Líquidas<Róticos<G<V, para acomodar a diferença de que para alguns fenômenos, os sons róticos são mais próximos das vogais que as laterais.

quais segmentos podem ocorrer em cada posição. Os números simbolizam os segmentos conforme a hierarquia de sonoridade de Hooper (1972, 1976):

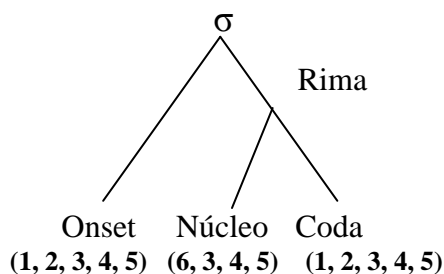


FIGURA 7 - Hierarquia de Sonoridade de Hooper (1972, 1976) apud KATAMBA (1989, p. 158)

A quantidade e quais os segmentos que são permitidos em cada constituinte é estabelecido parametricamente em cada língua, pela interação com princípios universais de estrutura silábica. Os segmentos são adicionados às sílabas pelo processo de silabificação. Ele consiste no mapeamento de uma cadeia de sons ao molde canônico no qual a posição ocupada por esses sons é previsível pelos princípios gerais de composição silábica, i.e., molde (BISOL, 1999), aliada às restrições fonológicas universais e particulares. Na teoria derivacional (BISOL, 1999), a silabificação pode construir sílabas gradualmente, por meio de regras e princípios de boa formação. Cria-se primeiro o núcleo, depois o onset e, posteriormente, se houver, a coda. Na Teoria Otimalista, base para este trabalho, ela é obtida de uma vez pelas interações e hierarquias de restrições (LEE, 1999). De qualquer modo, as duas vertentes entendem que a silabificação no PB é previsível (BISOL, 1999; LEE, 1999). Ela inicia-se no componente lexical e não cessa, aplicando-se também no pós-léxico ('mar a.zul' [ma.ra.'zuɔ]).

Duas questões que envolvem os glides são decisivas no desenvolvimento da silabificação do PB. Primeiro, a classificação de glides como alofones ou fonemas implica em funções diferentes da silabificação. Se o glide for alofônico, deve haver um mecanismo na silabificação que transforme a vogal em glide. Se fonêmico, bastará a sílaba mapeá-lo e adicioná-lo a sua posição, o que é mais simples. Segundo, mesmo se for alofônico ou fonêmico, ele pode ser tanto mapeado em uma ramificação do núcleo silábico ou na coda, paralela às demais consoantes. No entanto, se for classificado como um fonema consonantal, ele só poderá ocupar a coda silábica. Estas questões serão observadas nas descrições realizadas para o PB, resumidas no *capítulo 3*, e debatidas no *capítulo 4* deste trabalho, mas antes, elas são problematizadas, abaixo.



divergência quanto ao posicionamento dos glides em sequências glide-vogal na sílaba fonética. Ele pode ser posicionado paralelo às líquidas [+anteriores] /l, r/, na segunda posição do onset – assim, apenas segmentos aproximantes ocuparam esta posição, ou em uma ramificação do núcleo, como demonstrado abaixo, na figura 9:

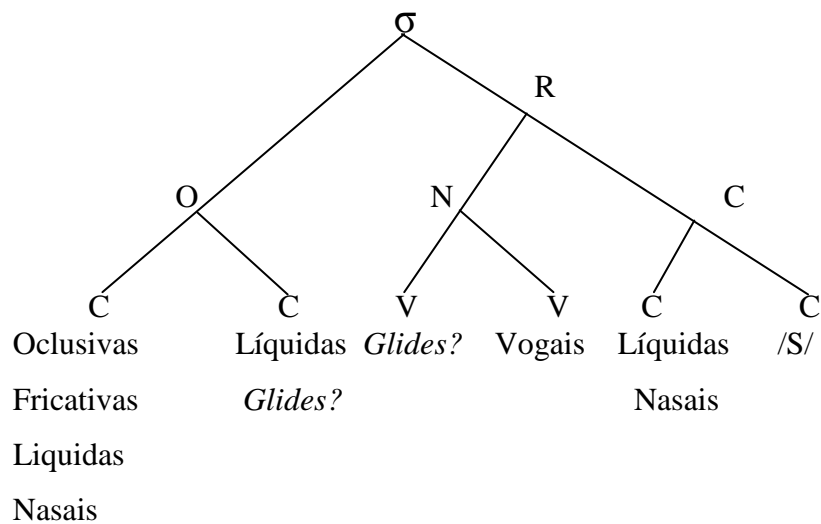


FIGURA 9 – Molde silábico fonético do Português Brasileiro

Também há divergência quanto ao posicionamento dos glides GV, antecidos por velares que não alternam com vogais (*[gʷ]arda*, *[kʷ]ando*). A discussão destes glides gira em torno de dois tópicos. O primeiro discute qual é a sua representação fonológica. Ou o glide faz parte da estrutura de um segmento complexo<sup>36</sup> com as consoantes [k,g] (BISOL, 1989; SILVA, 1992) (ver figura 10a, abaixo), ou ele tem ramificação própria e pode se localizar no onset, ou núcleo (CÂMARA JR., 1970), ver representação 10b, abaixo:

<sup>36</sup> “Segmento complexo é aquele que apresenta somente um nó de raiz e é caracterizado por, no mínimo, dois traços de articulação oral”. (MATZENAUER, 2005, p. 62)

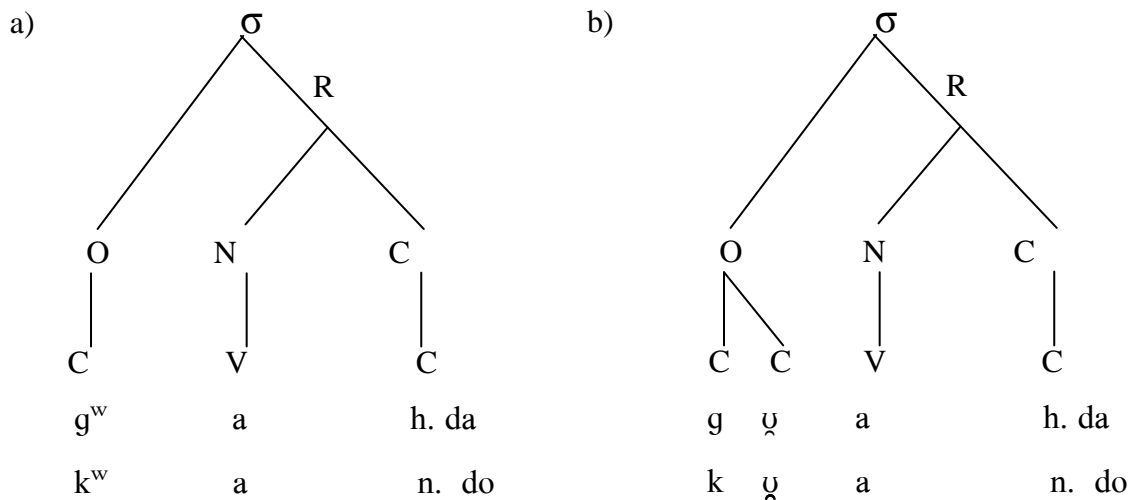


FIGURA 10 – Representações silábica do glide GV antecedido por Velar

a) Segmento Complexo

b) Ditongo GV

O segundo tópico discute se ele é previsível pelo contexto (SILVA, 1992) ou marcado<sup>37</sup> (BISOL, 1989). Estes dados também serão observados no capítulo 3 e 4.

Nas línguas, é possível, também, que um segmento seja ambissilábico. A ambissilabidade (KAHN, 1976) é uma característica presente nas palavras nas quais se identifica com facilidade o número exato de sílabas que a formam, mas que, no entanto, apresentam dificuldades na identificação de algum limite intersilábico. O segmento é silabificado em duas sílabas diferentes:

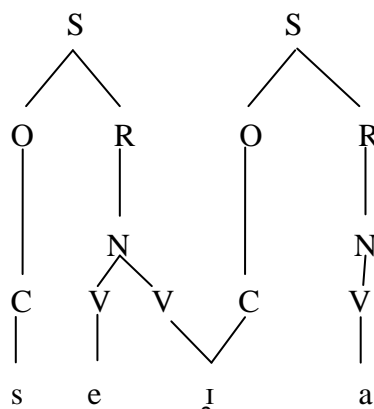


FIGURA 11 – Segmento Ambissilábico segundo Couto (1994)

Fonte: COUTO, 1994, p. 135.

<sup>37</sup> Como se descreve no capítulo 3, estudos como os de Bisol (1989, 1999) defendem que há glides fonológicos que são derivados no léxico, isto é, são previsíveis pela silabificação, e não estão, necessariamente, na forma subjacente.

Essa característica determina os segmentos em borda silábica que não constituem limite silábico, pertencentes à coda de uma sílaba e ao onset da sílaba seguinte ao mesmo tempo, tornando-se uma solução ao problema da arbitrariedade de limite silábico em algumas palavras. Isso é proposto para o glide intervocálico, como será apresentado nos *capítulos 3 e 4*.

Em geral, os sons vocálicos podem ser classificados, de acordo com o padrão silábico, em: ditongos, hiatos e tritongos. Os ditongos são sequências de dois segmentos nos quais um é uma vogal, e ocupa o núcleo silábico, e o outro é um glide, isto é, assilábico em uma mesma sílaba. Silva (2001) define o ditongo como uma vogal que apresenta mudanças de qualidade continuamente dentro de um percurso na área vocálica. Segundo Kenstowicz (1994, p.37) quando glides ocupam o núcleo silábico, junto à vogal, eles formam um ditongo. Ainda conforme Kenstowicz (1994, p.46), os ditongos geralmente são sequências de segmentos tautossilábicos que não necessitam de qualquer traço fonológico em comum, funcionando assim, como uma única unidade temporal (uma mora).

Há dois tipos de ditongo. Se a ordem da sequência é glide-vogal, o ditongo é crescente ([a'gʊah] *aguar*), se for vogal-glide o ditongo será decrescente ([ˈpaɪ] *pai*).

O hiato é o encontro de duas vogais, em sílabas diferentes, isto é, cada uma ocorre em um núcleo silábico diferente: [pa.'is] *país*, [se.a.'ra] *Ceará*.

Também pode ser classificado de acordo com a sílaba, o tritongo, sequência de glide e ditongo decrescente ([l̥iãũ] *leão*, [pa.ra.'gʊaɪ] *Paraguai*). Os tritongos são considerados fonéticos no PB.

Os trabalhos investigados no *capítulo 3* geralmente fazem uso da palavra ditongo. No entanto, como ela, geralmente, é utilizada para se referir a uma sequência de glide e vogal advinda de uma sequência VV subjacente ou quando o glide desta sequência está localizado no núcleo, e estas informações estão sob investigação, prefere-se fazer uso de sequência VG, isto é, vogal-glide, para designar o ditongo decrescente e a sequência GV (glide-vogal) para se designar o ditongo crescente, neste trabalho.

## 2.2.2 O ACENTO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Atualmente, há duas vertentes que explicam a atribuição do acento: a primeira propõe que seu domínio é a palavra, e o padrão do acento é paroxítono ou oxítono, no último caso, se a sílaba for pesada. A segunda estabelece que o acento deva ser aplicado na última vogal do radical. Nem sempre as análises direcionadas aos glides, que serão descritas no capítulo 3, têm essa interpretação acentual, ou discutem a interação entre essas propostas e os glides. Visto que a quantidade vocálica localizada à direita do acento é importante para estabelecer sua aplicação e, considerando que a interpretação fonêmica dos glides, diretamente, afeta a quantidade silábica, revisam-se abaixo, as duas propostas acentuais para o PB. Intenta-se, com isso, verificar *no capítulo 4* como as análises propostas para o glide, no capítulo 3, afetam estas propostas e responder a pergunta: qual delas é mais vantajosa com relação aos glides?

Bisol (1992, 1996) (semelhante à MASSINI-CAGLIARI, 1999; WETZELS, 1992), com base na teoria métrica, propõe que o acento primário do PB constrói pés binários de cabeça à esquerda, sensíveis ao peso inerente da rima ramificada que seguem disjuntivamente uma das duas regras no domínio da palavra:

- i. Atribua um asterisco (\*) à sílaba pesada final, i.e., sílaba de rima ramificada.
- ii. Nos demais casos, forme um constituinte binário (não iterativamente) com proeminência à esquerda, de tipo (\* .), junto à borda direita da palavra. (BISOL, 1992, p. 69)

Bisol (1992) apresenta uma análise unificada do acento (*category blind*, LEE, 1994), isto é, suas regras servem tanto para explicar os nomes quanto os verbos. Assim, Enquanto o item (i), acima, é responsável pela atribuição do acento em nomes como: sabão, cordel, labor, troféu, devido às rimas ramificadas, o item (ii), acima, atribui acento à mesa, bola, cela, ampola, timbre, etc. Essas regras são cíclicas nos nomes, e se aplicam sempre que um morfema sufixal é adicionado ('casa, casa<sup>l</sup>mento, casamen<sup>l</sup>tinho). Essas mesmas regras nos verbos são não cíclicas, e se aplicam de uma só vez, quando a palavra está pronta.

A autora utiliza o recurso da Extrametricidade aos itens periféricos à direita, a fim de regular algumas palavras prosódicas ao domínio das regras de acento, associando novamente esses elementos pela regra de Adjunção da Sílaba perdida (ASP) ao se formarem os pés. A silabificação é previsível e contínua – realiza-se sempre no início de cada ciclo,

após a inserção de um elemento morfológico - ocorre antes da Regra de Formação dos constituintes prosódicos. As palavras proparoxítonas e as paroxítonas com sílaba final ramificada, já apresentam no léxico a informação de extrametricidade silábica ou segmental.

Para as palavras terminadas somente em vogal, *café*, *tricô*, *saci*, que atraem o acento sem apresentarem rima ramificada, a autora argumenta a existência de uma consoante final (catalaxis) na forma subjacente que se apaga após a aplicação do acento, mas que se realiza em formas derivadas (*cafezal*, *tricotar*, *sacizinho*).

Outra análise possível para o PB, neste texto, é ilustrada pelos trabalhos de Lee (1994, 1997, 2002, 2007). O autor considera que o domínio do acento do não-verbo, não-marcado, é o radical derivacional, sendo acentuada a última vogal do radical, mes+a, bol+a, ampol+a, timbr+e. O acento sempre cai mais à borda direita da palavra. Logo, as palavras como *saci*, *tricô* e *café* apresentam acento na última sílaba, porque o domínio do radical derivacional é o mesmo da palavra fonológica, já que eles são ausentes de marca de gênero/vogal temática.

Lee (1994, 1997, 2002, 2007) consegue analisar o acento do PB sem utilizar o recurso da extrametricidade (exceto nos verbos). No entanto, sua análise utiliza a marcação para explicar os exemplos como *lâmpada* e *útil*. Assim, nestes exemplos, o acento é parte da informação lexical. Assim como em Bisol (1992), Lee afirma que a acentuação verbal ocorre no nível da palavra, formando pés troqueus.

Ambas as análises consideram que o acento proparoxítono é irregular e contabiliza elementos vocálicos (ou núcleos vocálicos) para atribuir o acento no PB. Assim, se os glides localizados à direita do acento forem fonemas, alofones ou elementos subespecificados, e ainda, segmentos vocálicos ou consonantais, diretamente eles são informação importante que deve ser considerada para atribuição do acento. Por isso, é objetivo deste trabalho observar como os glides se relacionam com o acento nas descrições que glides são o objeto principal de estudo, e também como eles podem se relacionar com as descrições voltadas principalmente para a descrição acentual, expostas acima. Este trabalho, preferencialmente, assume a proposta de Bisol (1992) por assumir, também, que o peso silábico é relevante para o PB, no entanto, pretende-se mostrar como os glides podem afetar, também, uma análise baseada no radical derivacional.

### 2.2.2.1 O peso silábico

Afirmou-se acima, que o peso silábico é atuante no PB. Tradicionalmente, ele está ligado à noção de quantidade<sup>38</sup>: são leves (*light*) as sílabas com uma unidade, enquanto são pesadas (*heavy*) as sílabas que contém duas unidades (KENSTOWICZ, 1994, p. 293).

As análises sobre os glides divergem quanto à possibilidade do peso silábico ser atuante no PB. São contra a atuação do peso silábico: Lopez (1979), Mateus (1982), Silva (1992); e a favor: Bisol (1989, 1999), Collischonn (1996, 1997) e Wetzels (1997, 2000a, b, 2009). Isso porque se o peso for atuante, o glide atrai o acento assim como as demais consoantes localizadas na coda em sílabas oxítonas e em paroxítonas (*an'zol*, *li'mão*, *a'mor*, *mu'seu*, *pe'tisco*, *'campo*, *jeito*). O peso silábico seria, assim, um argumento para afirmar que o glide é um fonema de valor consonântico, localizado na coda silábica, pois ele atuaria como uma consoante em um processo fonológico. Este trabalho considera que o peso silábico atua no PB e fundamenta-se, para isso, nas evidências apresentadas abaixo.

São raras as palavras não acentuadas na sílaba paroxítona, ou oxítona que portam um glide (*pônei*, *vôlei*) ou uma consoante (*túnel*, *garagem*, *lápis*, *'artico*) em sua coda. Além disso, a própria língua tenta resolver esses exemplos com metátese (*turni*), ou apagamento da coda (*garagi*, *poni*). Além disso, no falar norte-mineiro, a vocalização de /l/ e o apagamento do marcador /o/ possibilitam a alternância de um padrão silábico CVCV, considerado mais simples e geral, para um padrão silábico CVC (*galho* – [ˈgaɫ]) considerado mais complexo pelas línguas. Uma análise na qual o acento é sensível à categoria morfológica não consegue explicar por que a língua obtém um padrão silábico mais complexo se o acento continuará a ser atribuído na última vogal do radical. Já uma análise sensível ao peso consegue explicar que essa alternância implica na realização do acento na sílaba oxítona pesada, que também é um padrão do PB. Com isso, o acento aproxima-se mais da borda direita da palavra.

Outra evidência é demonstrada no quadro abaixo. Nele, pode-se observar que o acento é oxítono se for adicionado um afixo derivacional que contenha um glide ou uma consoante em sua última sílaba:

<sup>38</sup> As representações silábicas podem se referir à quantidade temporal dos segmentos ou através dos símbolos C e V ou por X, ou por Moras (μ). A mora difere das outras representações porque apenas são atribuídas aos elementos da rima silábica.

QUADRO 12  
Afixação de sufixos com codas consonantais

<i>Sufixo</i>	<i>Exemplo</i>	<i>Morfema</i>
1. <i>-alhão</i>	<i>bobalhão, brincalhão</i>	{Aumentativo}
2. <i>-aréu</i>	<i>fogaréu, povaréu</i>	{Aumentativo}
3. <i>-al</i>	<i>bananal, arrozal</i>	{Cultura de vegetais}
4. <i>-dor</i>	<i>lutador, corredor, jogador</i>	{Agente}
5. <i>-ez</i>	<i>altivez, surdez, palidez</i>	{Formam substantivos abstratos}

Se a última sílaba do afixo for leve, o acento é atribuído na penúltima sílaba:

QUADRO 13  
Afixação de sufixos sem codas consonantais

<i>Sufixo</i>	<i>Exemplo</i>	<i>Morfema</i>
<i>-ano</i>	<i>paulistano, sergipano, australiano</i>	{origem}
<i>-dade</i>	<i>Bondade, maldade, crueldade</i>	{qualidade}
<i>-edo</i>	<i>arvoredado, vinhedo, rochedo</i>	{cheio de}

No entanto, Hyman (1975) afirma que todas as línguas sensíveis às sílabas pesadas pressupõem a existência do contraste entre vogais curtas e longas. Esta afirmação faz parte do conjunto de argumentos contra a ideia de que o PB é uma língua sensível ao peso silábico, pois esta língua não tem vogais longas. A proposta de Hyman (1975) é traduzida em Hayes (1995). Ele propõe que há a necessidade paramétrica de escolher se o peso é atribuído ao núcleo ou à coda. Para isso, alguns critérios são universais: a sílaba CV é sempre leve (ou monomoráica) e a CVV é sempre pesada (ou bimoráica). No entanto, nas sílabas CVC pode variar (monomoráica ou bimoráica) nas línguas. Se o peso for atribuído ao núcleo, as sílabas CVC serão leves. Se for atribuído à rima, caso do PB, o molde CVC será pesado e pressupõe a existência do molde CVV, não presente no PB.

Diante do exposto, este trabalho considera que o peso silábico está ativo na fonologia do PB, sendo um forte argumento para o tratamento do glide VG como um segmento consonântico.

## 2.3 TEORIA DA OTIMALIDADE

Além da Geometria de Traços, já discutida acima, os resultados obtidos neste estudo também são descritos pela teoria da Otimalidade (ou teoria Otimalista) proposta por Alan Prince e Paul Smolensky inicialmente em 1991.

Como se verá no capítulo 4, a Geometria de Traços e a Teoria Otimalista serão utilizadas, nesta pesquisa, como teorias complementares. Isso é devido ao propósito estabelecido por cada uma dessas teorias. Enquanto que a Geometria de Traços visa à representação da estrutura interna segmental e em explicar como a influência das estruturas internas de segmentos adjacentes é capaz de desencadear processos fonológicos, a Teoria Otimalista é uma teoria baseada na interação dos princípios gramaticais e, deste modo, pode pressupor a primeira. Enquanto que a Geometria de Traços irá discutir a representação interna dos glides fonêmicos e alofônicos, a Teoria da Otimalidade demonstrará como a representação interna dos glides no output e também no input é importante no estabelecimento do candidato ótimo; e na relação dos glides com os princípios violáveis e universais de marcação e fidelidade, estabelecidos como restrições na OT. Mas, antes disso, passa-se a resumir, abaixo, a Teoria da Otimalidade.

A teoria Otimalista está mais para uma teoria de gramática que para uma teoria meramente fonológica. Segundo sua proposta, as gramáticas das línguas diferem devido ao ranqueamento (ou organização) de restrições universais violáveis. As línguas são tidas como um sistema de forças universais em conflito. O modo como cada língua organiza em hierarquia essas forças é responsável pela variação entre as línguas do mundo. A variação ou semelhança existente entre as línguas, na OT, é fruto da prioridade que elas dão a algumas restrições universais sobre outras. Restrições mais importantes, isto é, aquelas nas quais a violação deve ser mais fortemente evitada, localizam-se na parte mais alta do ranking, enquanto que restrições menos importantes são localizadas na sua parte inferior.

Tais rankings são construídos com base no princípio de dominância estrita (strict domination), isto é, as restrições são organizadas em uma sequência harmônica e cada uma delas age independentemente das outras na desqualificação de um candidato remanescente. As restrições são organizadas em tabelas, chamadas de tableaux. Na OT, uma gramática deve ser capaz de regular os conflitos entre restrições universais, com a finalidade de selecionar o output 'mais harmônico' ou 'ótimo' (KAGER, 1999).

A OT desenvolveu-se a partir da gramática gerativa, e dividiu com ela seu foco na descrição formal e a pesquisa dos princípios universais. Entretanto a Teoria da Otimalidade difere dos modelos gerativos anteriores de vários modos. Para acomodar a variação das línguas dentro da teoria universal da gramática, a OT assume que restrições universais são violáveis, enquanto que os modelos anteriores assumiam a variação paramétrica de princípios invioláveis (KAGER, 1999, p. xi).

Outro ponto no qual a OT diferencia das teorias pós-estruturalistas (Gerativa Padrão, Gerativa Não-linear e Fonologia Lexical<sup>39</sup>) é que essas teorias permitem às regras fonológicas o acesso às representações intermediárias, isto é, a cada aplicação de uma regra, a regra seguinte tem acesso ao resultado da primeira. Diferentemente, a OT tem apenas duas representações: input e output. No input estão localizadas apenas as informações distintivas e, de certo modo, corresponde à forma subjacente proposta pela fonologia Gerativa Padrão; já o output é a forma fonética, na qual todas as modificações necessárias já foram realizadas.

Para que o output desejado seja obtido pelo ranking, ele deve violar minimamente as restrições ranqueadas. Violar minimamente significa evitar violações às restrições localizadas na parte superior do ranking. Abaixo, ilustra-se um tableau-modelo, para representar melhor os itens referidos anteriormente. Na primeira célula do tableau localiza-se o input, isto é, as informações distintivas. As siglas  $C_1$  e  $C_2$ , distribuídas horizontalmente, correspondem às restrições universais linguísticas. Por estar mais à esquerda de  $C_2$ , considera-se que  $C_1$  é uma restrição mais importante para a língua que  $C_2$ . Além disso, a linha vertical entre  $C_1$  e  $C_2$ , também explicita a superioridade de  $C_1$  sobre  $C_2$ , assim, violações à  $C_1$  são mais críticas do que violações à  $C_2$  (se essa linha fosse tracejada, não haveria dominância entre as restrições. Elas estariam localizadas em uma mesma posição do ranking).

Os candidatos “a” e “b” são os outputs possíveis. O output escolhido como ótimo será aquele que incorrer menos violações críticas. Ele é marcado pelo símbolo ☞. O candidato (b) realiza uma violação fatal (expressa por \*!) ao violar  $C_1$ . Logo, o candidato escolhido como ótimo é o candidato (a) que viola uma restrição localizada na parte inferior do ranking (violações simples são representadas por um asterisco \*). Vejam:

---

<sup>39</sup> A Fonologia Lexical compõe-se de três representações principais, chamadas de Forma Subjacente, Lexical e Superficial.

TABLEAU 1

Input	C <sub>1</sub>	C <sub>2</sub>
a. candidato a		*
b. candidato b	*!	

Fonte: KAGER, 1999, p. 13

Como pode ser observado acima, o input é associado a um grupo de possíveis candidatos (outputs). Esses candidatos são gerados por um componente da Teoria Otimalista denominado de *GEN* ('generator'). Ele é responsável por gerar um grupo de outputs e relacionados com o input. Os candidatos (a e b) são avaliados com relação às restrições (C<sub>1</sub> e C<sub>2</sub>) pela função *EVAL* ('evaluation'). Além desses componentes, o modelo otimalista também possui um Léxico que estoca todas as formas subjacentes que servirão de input para o componente *GEN*.

Esse Léxico é caracterizado por sua riqueza de base (*Richness of the Base*), isto é, nele estão localizados os morfemas, as raízes, os afixos e ainda as propriedades fonológicas, sintáticas e semânticas e nenhuma restrição é atribuída aos seus inputs. Na OT, as generalizações gramaticais são expressas pelas interações de restrições somente no nível do output (KAGER, 1999, p.19)

A representação dos processos fonológicos pela OT se dá através da interação entre input e output. Essa interação é mediada por dois tipos de restrição: aquelas que expressam condições de boa formação de output, conhecidas como restrições de marcação e aquelas que implicam em condições de preservação do input, conhecidas como restrições de fidelidade (PRINCE; SMOLENSKY, 1993).

Utiliza-se, nesta pesquisa, inicialmente, a hierarquia de restrições proposta por Lee (1999) em estudo sobre a silabificação no PB. Isso porque seu ranking não consegue prever adequadamente os dados que contêm hiatos ou ditongos. Para que isso seja possível, essa análise oferece uma possibilidade de desenvolvimento desse ranking, capacitando-o na interpretação adequada desses segmentos. O autor propõe o seguinte ranqueamento (ilustra-o novamente na página 84):

$$\text{SONOR, MAX, DEP}^{\text{ONSET}}, \text{NUC, CODA-COND} \gg \text{DEP}^{\text{NUC}} \gg \text{CONTIG} \gg \text{ONSET} \gg \text{NO CODA, NO COMPLEX}$$

Com base no proposto por Lee (1999), são importantes para a análise dos glides, e, por isso, utilizadas neste estudo, as seguintes restrições:

*Restrições de Fidelidade:*

- MAX: Segmento do Input devem ter correspondente no Output;  
 DEP: Segmentos do Output devem ter correspondentes no Input.

*Restrições de Marcação:*

- CODA-COND: Para que um segmento possa ocupar a coda silábica, ele deve seguir a estrutura imposta por essa restrição;  
 NO COMPLEX: Permite apenas um segmento por constituinte silábico;  
 NO CODA: Sílabas não devem ter codas;  
 ONSET: Sílabas devem ter onset.

Essas restrições não são suficientes para explicar os glides no PB. As restrições acrescentadas ou modificadas por este trabalho serão inseridas e discutidas no *capítulo 4*. Foi inserida a seguinte restrição:

IDENT-I/O: Preserva-se no output o ponto de C (vocálico ou consonantal) do input.

Em geral, a restrição IDENT-I/O é utilizada para avaliar a correspondência de um traço distintivo do input no output. Como nesta análise a identificação do glide só é possível se for considerado o ponto de C da representação fonológica do segmento, propõe-se uma adaptação a essa restrição (ver acima).

Quanto ao ranqueamento proposto inicialmente pelo autor, foi necessária a realização de uma modificação em seu ordenamento. Ela não afeta a análise dos dados realizada em seu trabalho. Assim, neste trabalho, NO COMPLEX passa a dominar ONSET e NO CODA, deixando de se localizar paralelamente a NO CODA.

Ainda neste trabalho, CODA-CONDITION tem por requerimento somente segmentos [+soantes] com ponto de C consonantal e a restrição NO-COMPLEX é desmembrada em: NO-COMPLEX<sup>NUCLEO</sup> e NO-COMPLEX<sup>ONSET</sup>, com dominância do primeiro sobre o segundo. O ranqueamento final, que poderá ser visto *no capítulo 4* é estabelecido da seguinte forma:

$$\text{MAX, DEP}^{\text{ONSET}}, \text{NUC, CODA-COND}^{[+\text{SOANTE}] \text{ COM PONTO DE C CONSONANTAL}} \gg \text{IDENT}^{\text{NUC}} \gg \text{DEP}^{\text{NUC}} \gg \text{NO COMPLEX}^{\text{NUCLEO}} \gg \text{NO COMPLEX}^{\text{ONSET}} \gg \text{ONSET} \gg \text{NO CODA}$$

A descrição dos glides pela OT é importante porque as descrições dos glides no PB, apresentadas no *capítulo 3*, são estudos que se baseiam em teorias que precedem a OT e implicam na pressuposição do ordenamento. Necessário se faz, então, averiguar se os mesmos resultados observados em teorias de ordenamento podem ser observados em uma teoria de restrições, que vem sendo, de modo recente, amplamente utilizada nas pesquisas para descrever os fenômenos do PB.

Passa-se agora à revisão literária das análises que descrevem os glides no PB.

## **CAPÍTULO III: ESTUDOS SOBRE O GLIDE NO PB**

---

### **3.1 GLIDES: ALOFONES OU FONEMAS?**

Neste capítulo, realiza-se a revisão literária sobre os glides no PB, expondo seus pontos mais importantes. Ele se divide entre as divergências sobre a análise dos glides, especialmente, o glide VG – já que, com pequenas diferenças, em geral, as análises do glide GV concordam entre si. Quando necessário, também se faz referência às análises acentuais, morfológicas e segmentais que contribuirão com a discussão do assunto, além de nos referir as análises silábicas do PB, já que a previsibilidade da estrutura silábica depende diretamente da classificação das classes principais: soante, consonantal e silábico. A partir desse olhar amplo e múltiplo sobre o fenômeno, objetiva-se recriá-lo significativamente com relação às outras unidades linguísticas, como a fonologia prosódica e a morfologia, destacando os avanços e os problemas encontrados em seu estudo. Une-se a elas, a análise de Mira Mateus (1982) do Português de Portugal (doravante PP). Justifica-se a sua adição pela semelhança mantida entre o PB e o PP - variantes geográficas do Português.

Assim, a primeira seção apresenta os trabalhos que consideram o glide fonêmico ou os trabalhos que defendem seu caráter consonântico (neste caso, não afirmam, diretamente, se são fonemas ou alofones, apenas os confirmam na coda silábica). Nesta seção são apresentados, por ordem cronológica, os trabalhos de Câmara Jr. (1953, 1969), Collischonn (1997); Wetzels (1997, 2000a, 2009). A segunda seção é constituída dos trabalhos que defendem, nitidamente, que glides são alofones (BISOL, 1989, 1994, 1999; CÂMARA JR., 1970; LEITE, 1974; MATEUS, 1982; SILVA, 1992). Na última seção, destoante dessas análises, Lopez (1979) deriva os glides de soantes [- consonantais], [+ altas] não especificadas para o traço [silábico], isto é, não são glides e nem vogais.

Quanto à posição na sílaba, não há consenso se os glides VG (sequência Vogal-Glide) são localizados no núcleo (BISOL, 1989; CÂMARA JR., 1953, 1970; LEE, 1999; SILVA, 1992) ou na coda (BISOL, 1999; CÂMARA JR. 1969; COLLISCHONN, 1997; WETZELS, 1997, 2000a, b, 2009) e se os glides GV estão no núcleo (SILVA, 1992) ou no onset (BISOL 1989, 1999; LOPEZ, 1979). Apesar de convergirem para um ou outro eixo acima, as análises variam muito quanto ao acento, pé, peso silábico, estrutura e formação silábica. Visto isso, resumem-nas, abaixo.

### 3.1.1 A FAVOR DO VALOR FONOLÓGICO DO GLIDE

#### 3.1.1.1 Câmara Jr. (1953, 1969)

Das três possibilidades de se analisar os glides do PB - como variantes posicionais de vogais subjacentes, como fonemas ou segmentos subespecificados - Câmara Jr. (1953) optou, primeiramente, e temporariamente, pela segunda possibilidade. Para ele, os glides de ditongos crescentes ( $f[\underline{ɪ}]el$ ,  $m[\underline{ɪ}]olo$ ,  $s[\underline{ʊ}]ar$ ) não são considerados fonemas, pois eles alternam com vogais altas, sem nenhum valor distintivo (exceto  $/k\underline{y}/$  e  $/g\underline{y}/$ ). Já os glides de ditongos decrescentes são fonemas que formam um centro de sílaba polifonemático com vogais silábicas (CÂMARA JR., 1953, p.57), isto é, o glide é um fonema que se localiza no núcleo silábico, junto à vogal. Para sustentar isso, ele se fundamentou na existência de pares mínimos no PB.

O autor considerou como pares mínimos as palavras: *vou*  $/vo\underline{y}/$  e *vôo*  $/vou/$ , os verbos com clíticos: *Viu*  $/vi\underline{y}/$  e *vi-o*  $/viu/$  e os verbos no presente do indicativo nos quais o glide  $/\underline{ɪ}/$ <sup>40</sup> sucede a vogal  $/u/$  (ex. *influi*), contra os exemplos da 1ª pessoa do presente do subjuntivo (ex. *acentue*). Na verdade, nestes casos, o glide forma um contraste aparente, pois na forma subjacente há uma vogal média que sofre neutralização (*vôo*  $/voo/$   $[^1v\underline{ou}] \sim [^1v\underline{oy}]$ ) e resulta na vogal alta pertencente a um dos pares. Assim, fonologicamente, é mais econômico afirmar que esta vogal média (*vôo*  $/voo/$ ) contrasta com uma vogal alta (*vou*  $/vou/$ ), e não com um glide. Pares como esse não são bons vestígios para se propor que glides são fonemas.

Na análise de outros fenômenos do PB, Câmara Jr. (1953, p. 46) afirma que o acento é fonêmico<sup>41</sup>, pois ele pode alternar entre a última, penúltima e antepenúltima posição da palavra, sendo essencial na distinção de palavras ( $[^f\underline{a}]brica$  (nome) e  $fa[^bri]ca$  (verbo),  $[^s\underline{a}]bia$ ,  $sa[^bi]a$  e  $sabi[^a]$ ). O autor também admite que ele não seja sensível ao peso silábico ( $re[^v\underline{o}]lver$ ,  $a[^ma]vel$ ,  $plau[^zi]vel$ ,  $[^a]bil$ ). Logo, acentuar as palavras terminadas

<sup>40</sup> Câmara Jr. (1953) representa no original  $/i/$  para segmentos silábicos e  $/y/$  para segmentos assilábicos. Respectivamente, aqui  $/i/$  e  $/y/$ .

<sup>41</sup> Essa também é a análise de Silva (1992). Ademais, a autora afirma que o acento sempre cairá em uma das três sílabas da borda direita da palavra e o acento nunca é atribuído à vogal de gênero sendo assim sensível morfológicamente.

em consoantes líquidas (/L/, /R/) e ditongos (*arma* [ʼze]m, *fu* [ʼni]l) era apenas uma tendência. Sobre o hiato, o autor também afirma que ele não é contrastivo com o ditongo crescente ou com o ditongo realizado em palavras derivadas de primitivas nas quais o /i/ ou /u/ eram tônicos (verbo *trair* [tra.ʼih] e seu derivado *traição* [tra.i.ʼsẽ̃] ~ [tra.ɿ.ʼsẽ̃]), pois, nestes casos, a alternância entre eles não é distintiva. Com exceção destes casos, O PB sempre tenderia, assim, a realização do ditongo.

Um problema da análise de Câmara Jr. (1953) é propor que glides decrescentes e o acento primário são fonêmicos. Se o acento é fonêmico, no sistema do PB, em geral, a realização do glide é previsível. Outro problema é afirmar que todo glide advindo de vogal subjacente não é contrastivo com a vogal. Em pares como *ba* [ʼi]a e *ba* [ɿ]ano, o glide formado na palavras derivada nunca alterna livremente com a vogal alta.

Em 1969, o autor modifica o posicionamento do glide que deixa de se localizar no núcleo polifonemático e passa a se localizar na coda (CVC), paralela às demais consoantes, constituindo o ditongo decrescente. Com essa interpretação, o autor reduz os tipos silábicos no PB (CV<sup>V</sup>C é excluído). Assim são 5 possibilidades de coda no PB: V/S<sup>42</sup>, V/r/, V/N/, V/ɿ, ɥ<sup>43</sup> e V/l/ (que desaparece com a vocalização de /l/ para /ɥ/). Os tipos silábicos descritos, e destacados em negrito, são: sílaba simples V ([a.zaʼ.rẽ.tu] *azarento*); sílaba complexa, aberta ou livre CV ([a.zaʼ.rẽ.tu]), sílaba travada ou fechada VC ([ʼah.ku] *arco*) e sílaba completa CVC ([a.zaʼ.rẽ.tu], /azareNto/ e [ʼgaɿ.ta], *gaita*).

O ditongo é fonêmico exceto nas três possibilidades, citadas abaixo, que produzem uma fronteira silábica que varia, livremente, com o hiato. Todas dependem do acento:

a) /i/ ou /u/ seguido ou precedido de outra vogal átona. (isto é, ditongo crescente ou decrescente). Exemplos: *vaidade* [vaɿ.ʼda.dʃɿ] ~ [va.i.ʼda.dʃɿ], *ansiedade* [ã.sɿe.ʼda.dʃɿ] ~ [ã.ɿi.e.ʼda.dʃɿ];

b) /i/ ou /u/ seguido de outra vogal tônica (ditongo crescente). Exemplos: *suar* [su.ʼah] ~ [sɥah], *fiel* [fi.ʼɛɥ] ~ [fɿɛɥ], *miolo* [mi.ʼo.lu] ~ [mɿo.lu];

c) /i/ ou /u/ seguido de outra vogal átona em posição final. Exemplo: *glória* [ʼglo.ɿa] ~ [ʼglo.ri.a], *óleo* [ʼo.li.ɥ] ~ [ʼo.li.u].

<sup>42</sup> No original, o autor representa por V/z/.

<sup>43</sup> No original, o autor utiliza a representação V/y,w/.

Dentre os exemplos dos itens acima, a fonologia atual não consegue explicar os exemplos como a alternância em (a) [vaɪ̯.ˈda.dʃɪ] ~ [va.i.ˈda.dʃɪ]. Geralmente, nesta língua, o glide VG, em sílaba tônica ou átona, mantém-se e nunca alterna com o hiato. O posicionamento deste trabalho não entende que isso seja decorrente do acento primário, como faz o autor, e sim da representação subjacente, como será demonstrado no *capítulo 4*.

Considerando a fonologia atual, a análise de Câmara Jr. pode em muitos pontos ser considerada desatualizada – como acento fonêmico - no entanto, há algumas interpretações propostas pelo autor que ainda se conservam na fonologia: a análise das consoantes velares seguidas de glide e a alternância livre do glide GV.

### 3.1.1.2 *Collischonn (1997)*

Segundo Collischonn (1997), uma sequência de fonemas é previsível a partir dos traços de classe maior, que informam se o segmento é uma consoante ou uma vogal. Essa informação é dada pelo traço [vocóide] e utilizada na silabificação. A silabificação é cíclica, input para a o acento que é sensível ao peso silábico. Neste trabalho, os glides VG são tratados como fonêmicos e consonânticos.

Uma vantagem desta análise é a função da silabificação que apenas mapeia os segmentos e adiciona-os na sílaba. Outra vantagem é que, com isso, é desnecessário marcar os glides ou as vogais altas que ocorrem no mesmo contexto.

Entretanto, essa análise tem por desvantagem afirmar que os traços de classe maior dão conta de distinguir glides e vogais altas, o que não é possível (este assunto foi discutido anteriormente *no tópico 2.1.2, do capítulo 2*).

Conforme Collischonn (1997), Booij (1989) afirma que os glides podem ocorrer em posição nuclear ou não nuclear. Isso dependerá da existência de restrições de coocorrência. Se as restrições são entre os glides e as vogais nucleares, logo o glide está no núcleo, mas, se as restrições são entre os glides e as consoantes em coda, eles estarão na coda.

Para Collischonn (1997), os glides VG estão posicionados na coda silábica. Para sustentar sua afirmativa, ela debate as possíveis restrições de coocorrência que poderiam justificar o seu posicionamento. Segundo a autora, a existência de glides VG (ou consoantes)

seguidos de /s/ e a inexistência de sílabas com glides seguidos por líquida ou nasal, em ambos os casos, numa mesma sílaba, confirmam os glides na coda (COLLISCHONN, 1997, p. 81):

a.*sa[w]l	b.*ca[w]rtico	c.*ca[w]ntico	d. cá[w]stico
*Ma[y]lson	*A[y]rton	*a[y]nda	ca[y]s
*do[y]l	*do[y]r	*do[y]n	do[y]s
*E[w]ltaquio	*E[w]rtáquio	*de[w]n	E[w]stáquio
	*di[w]rno		

Fonte: COLLISCHONN, 1997, p.81.

Os dados em (a), (b) e (c), acima, mostram que, quando uma soante ocupa a coda silábica, o glide VG não ocorre na sílaba. Ele (e as consoantes soantes) apenas ocorre no item (d), quando a coda está preenchida por uma fricativa. Os dados acima confirmam a ocorrência de restrições entre glides e consoantes e constrói, deste modo, um forte argumento para o posicionamento do glide na coda silábica, com estrutura semelhante à das sílabas com codas consonantais. Reproduz-se a representação proposta pela autora, com os exemplos ‘pai’ e ‘par’ (COLLISCHONN, 1997, p.82):

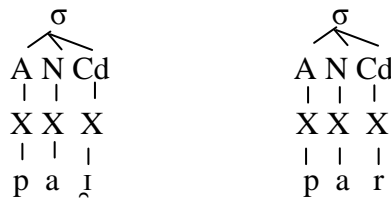


FIGURA 12 – Representação da estrutura silábica preenchida por glide e por consoante  
Fonte: COLLISCHONN, 1997, p.82.

No entanto o PB apresenta alguns fenômenos que poderiam ser justificados por restrições de coocorrência entre glides e vogais:

Wetzels (comunicação em aula), diz que apenas os ditongos /eɹ, eʊ, eʋ, oʊ, oɹ, aɹ, aʊ/ existem na representação subjacente. Os outros seriam criados no decorrer do léxico: /ɛɹ, ɔɹ, uɹ/ somente seriam criados no nível da flexão nominal regular (papéis, faróis, azuis); /iɹ/ somente em flexão verbal (pediu); /ɔɹ/ somente pela vocalização da lateral, que possivelmente ocorre no último nível do léxico (QUEDNAU, 1994). (COLLISCHONN, 1997, p.90)

Com base na afirmação de que “as restrições fonotáticas somente ocorrem entre segmentos num mesmo constituinte subsilábico” (COLLISCHONN, 1997, p. 90), os

fenômenos citados acima poderiam ser argumentos que justificassem o posicionamento do glide no núcleo junto da vogal. Por isso, a autora precisa explicá-los. Vejam abaixo:

- a) A não-ocorrência de (*\*i̯, \*u̯*) pode ser explicada como resultante de uma restrição às vogais longas. Não há atuação de nenhuma restrição fonotática porque os ditongos */u̯, i̯/*, com mesma articulação, ocorrem em nomes próprios (*Rui* e *Tiziu*) e também em raízes: *cuida, cuia*;
- b) Os ditongos */ɛ̯, ɔ̯/* ocorrem em empréstimos *Meier, caubói, Calói, Joyce, Polaróide, destroier* e em palavras que fazem parte do léxico do PB Godoy, *celuloide, espermatozoide, reis, joia, Cleia, medeia*;
- c) Somente */ɔ̯/* não ocorre subjacentemente. Essa ausência é atribuída a uma lacuna idiossincrática.

Fonte: COLLISCHONN, 1997, p.90.

Com essas justificativas, não há como infligir às restrições fonotáticas de núcleo, a ausência destes ditongos, o que garante a validade da proposta da autora. Com base nesses dados e na Fonologia Lexical, a autora afirma que as sequências menos frequentes também são pronunciáveis e podem ocorrer em novas formas integradas ao léxico. Portanto, não há argumentos para a localização do glide no núcleo silábico (COLLISCHONN, 1997, p.90).

O tratamento de Collischonn (1997) para os glides GV segue a proposta tradicional de autores como Câmara (1969), Lopez (1979) e Bisol (1989). Deste modo, ela afirma que os ditongos crescentes, como em *p[ɪo]lhento, [ɹa]tismo e [ʊ]skeria*, são formados em níveis fonológicos tardios, i.e., pós-léxico. Para ela, isso pode ser comprovado a partir da vogal alta intervocálica, que é silabada na coda da primeira sílaba e não no onset da seguinte. Isso é devido à existência de uma restrição que os impede de ocupar o onset simples e complexo:

\*Ataque [...[+vocóide]]

FIGURA 13 – Restrição de proibição de semivogal no onset  
Fonte: COLLISCHONN, 1997, p. 95.

Logo, a formação de ditongo crescente é proibida no léxico pelo Filtro acima e pelo Princípio de Preservação da Estrutura. Já no pós-léxico, essa restrição somente não atua

nas vogais acentuadas. Em concordância com Lopez (1979) e Bisol (1989), para a autora, o glide GV ocupa o onset, no pós-lexico. Visto isso, Collischonn (1997) propõe um molde tripartido, em que, no onset e na coda, podem ser associados dois elementos, ao passo que no núcleo somente pode ser associado um.

Esta análise traz à tona a possibilidade de o glide ser entendido como fonema consonântico, o que, de acordo com os argumentos expostos, é mais vantajoso que a proposta alofônica, mas enfrenta problemas em sua distribuição ao afirmar que, no léxico, ele não ocupa a posição de (C) antes de vogal, somente após a vogal, na coda. Assim, o tratamento do glide como fonema consonântico tem uma distribuição defectiva, diferente das demais consoantes. Outra questão é que, em palavras como *sa[ɹ]a* de estrutura semelhante à *casa*, o glide, consonantal, ocupa a coda, ao invés do onset, gerando dois padrões de silabificação para estruturas CVCV. Respectivamente, CVC.V e CV.CV. O primeiro padrão é irregular e, por isso, complica a explicação destes glides no PB (a análise proposta nesta dissertação também enfrenta esses problemas por admitir que o glide é consonantal).

Acerca dos glides intervocálicos, a autora concorda, em parte, com a proposta de Couto (1994). Ele propõe que o glide é ambissilábico (ver *seção 2.2.1 do capítulo 2*). Segundo Collischonn (1997), o glide é silabificado primeiro na coda, porque a proibição supracitada o impede de ocupar o onset (*se[ɹ]a* [seɹ.ɹa]).

A distribuição de erre fraco [r] e forte, proposta pela autora (semelhante à de Wetzels (1997)), também converge para a interpretação do glide fonêmico consonantal. Para ela, o /r/ forte intervocálico é obtido pela geminação de dois erres fracos. Essa hipótese contesta à proposta de Câmara Jr. (1970) de o glide estar no núcleo da sílaba (isso será debatido à frente). Nos exemplos *genro*, *honra e Israel* nos quais há uma coda antes do erre forte intervocálico, a geminação é bloqueada devido ao fato de o PB proibir duas consoantes [+soantes] na coda. Nestes casos, o erre forte é resultado de uma regra (isso difere de Wetzels (1997)) como será demonstrado a seguir.

A análise de Collischonn (1997) assemelha-se à análise de Câmara Jr. (1953, 1969) no tratamento do glide VG como consonântico (C), na variação livre entre hiato e ditongo GV. Esta é interpretada por Collischonn (1997) na *Fonologia Lexical* como pós-lexical. São dissonantes, entre as análises: a existência de pares mínimos e a concepção de acento: fonêmico para CÂMARA JR. (1953, 1969) e troqueu moráico para COLLISCHONN (1997).

### 3.1.1.3 Wetzels (1997, 2000a, b, 2009)

Wetzels (1997, 2000a, b, 2009) não expõe diretamente sua interpretação quanto à identidade dos glides como alofones ou fonemas. Em Wetzels (2000b), o autor afirma em nota de rodapé que: “ao usar G para representar as vogais /i,u/, não está sugerindo admitir uma classe de glides diferente das vogais altas”. No entanto, segundo Collischonn (1997), o autor, em comunicação em aula, “diz que apenas os ditongos /ey, ew, ew, ow, oy, ay, aw/ existem na representação subjacente, como confirmam os exemplos *lei, Europa, céu, ouro, coitado, caipira, auto*” (COLLISCHONN, 1997, p.90).

Diante dessa ambiguidade, adiciona-se a sua análise à seção de glides fonêmicos porque ela fornece indícios de que o glide participa de processos fonológicos do PB como uma consoante, o que fortalece a ideia de que ele seja um fonema consonântico. Cita-se como exemplo, à acentuação na qual o glide atribui o peso à sílaba assim como, a consoante em coda. Por isso, expõem-se, abaixo, alguns pontos importantes da análise de Wetzels (1997, 2000a) que serão vislumbrados durante a análise dos glides no PB. Eles são resumidos abaixo.

Para o autor, o PB é uma língua sensível ao peso silábico. São sílabas fechadas, de rima ramificada, aquelas com as duas posições preenchidas: Vr (*abajur*), Vl (*anél*), Vs (*cortês*), ditongos orais (*herói*), ditongos nasais (*irmão*), vogais nasais (*irmã*). O glide, assim como as demais consoantes que se localizam na coda, também atrai o peso.

A rima silábica, para Wetzels (1997), permite apenas duas posições. O não-pico é exclusivo para segmentos soantes: glides, líquidas, a mora nasal e /S/. O /S/ pode ser adjungido à coda, sendo, assim, seu segundo elemento. Wetzels (1997) defende uma estrutura silábica semelhante à de Collischonn (1997): o glide é localizado na coda silábica, paralelo às consoantes soantes. Vejam abaixo:

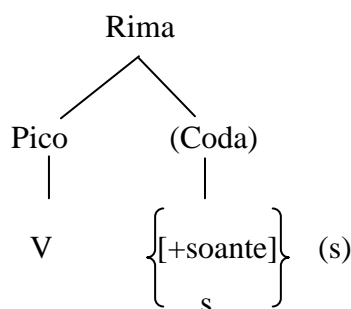


FIGURA 14 – Representação da Rima Silábica por Wetzels (1997)  
Fonte: WETZELS, 1997, p. 5.

Nos estudos de Wetzels, duas análises segmentais são importantes para o debate da distribuição dos glides no PB. São o tratamento que o autor dá a distribuição dos erres e à distribuição das soantes palatais. Resumem-se, abaixo, essas propostas.

Wetzels (1997) traz uma análise peculiar para o erre fraco, [r], e para o erre forte, parecida a de Collischonn (1997). Ele não os considera fonemas de distribuição defectiva, e sim, alofones de um segmento subespecificado, /R/, que podem ser previstos pelo contexto:

- a) O [r] ocorrerá sempre que estiver na segunda posição do onset silábico;
- b) O [h] ocorrerá nas demais posições.

A regra (b) somente não se aplica ao contexto intervocálico. Nesta posição os dois sons podem ocorrer. Eles são previstos pelo contraste quantitativo: enquanto [r], em [karu] *caro* é ligado a apenas uma unidade de tempo, [h] em [kahu] *carro* é uma vogal geminada, logo, ligada duas:

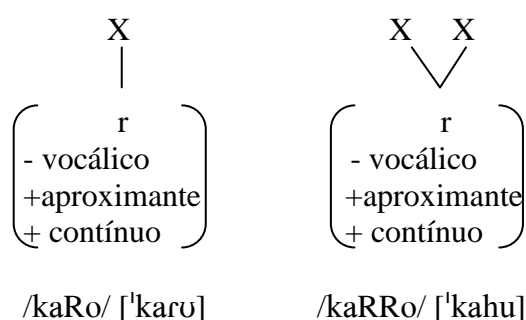


FIGURA 15 – Representação de /R/ por Wetzels (1997)

Fonte: WETZELS, 1997, p. 11.

A interpretação de palavras como /geNho/ *genro*, /iShaɛl/ *Israel*, previstas por regra na análise de Collischonn (1997), não são problemáticas para a sílaba em sua análise porque elas seguirão o padrão da regra (b), ligadas a uma unidade temporal, assim como os glides em coda ([aʊra] ‘aura’).

As consoantes palatais /j, ʎ/ intervocálicas são interpretadas em Wetzels (1997, 2000) como geminadas. Isso significa que nenhum segmento pode ocupar a coda, porque, assim como o onset, ela já está ocupada pela palatal. Se uma sequência VV<sub>[-aberto 2]</sub> ocorre antes destes segmentos, o hiato é desencadeado, evitando uma rima trimoráica. Outro argumento para isso é o fato de o acento sempre cair antes desse segmento em palavras

trissilábicas (*ca'minho, co'zinha, de'senho*), o que demonstra que a sílaba é pesada. A distribuição das soantes palatais também é um forte argumento a favor do papel consonântico do glide no PB.

A partir da distribuição estipulada para a sílaba, para o tepe e para as palatais geminadas, a análise de Wetzels evidencia argumentos a favor do estabelecimento do glide como um segmento localizado na coda silábica, devido ao seu papel consonântico no sistema.

### 3.1.2 CONTRA O VALOR FONOLÓGICO DO GLIDE

#### 3.1.2.1 Câmara Jr. (1970)

Retificando, em 1970, o exposto em 1953 e 1969, Câmara Jr.(1970) afirma que os glides, considerados, até então, fonemas, não passam de alofones vocálicos. Segundo o autor, considerar os glides, consoantes, conseqüentemente, reduziria os tipos silábicos do PB, porém aumentaria o número seus fonemas. Como alofones de vogais subjacentes, o contrário acontece. Para corroborar com esta hipótese, o autor apresenta argumentos como: a monotongação não-distintiva entre ditongo /ow/ e vogal /o/, a variação livre na divisão silábica em sequência VV átona e a ausência de consoantes e a presença de glides antes de tepe /r/ (erre fraco, ou brando).

Segundo o autor, o tepe /r/ somente pode ser antecedido por segmentos vocálicos. O fato de o tepe ser antecedido por glides (*europeu /europeu/, Cairo /kairo/) seria um indício de que os glides, em essência, são vocálicos, isto é, alofones vocálicos localizados junto à vogal no núcleo silábico. Deste modo, o tepe ocorre somente após sons vocálicos, antecidos por sílabas abertas, enquanto que o erre forte poderá configurar tanto após consoantes quanto após vogais.*

Assim, para o autor, os glides deixam de ocupar a coda (figura 16a, abaixo) e passam a serem interpretados como modificação final do centro silábico em sílabas tônicas, formando ditongos (figura 16b).

Palavra: lei

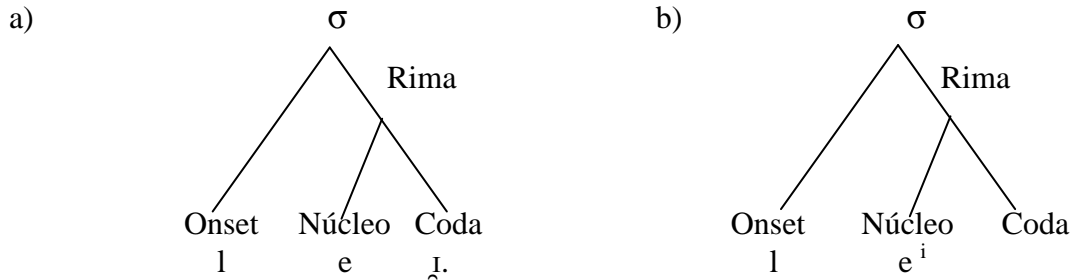


FIGURA 16 – Representação Silábica do Glide

a) Glide localizado na coda, segundo Câmara Jr. (1969)

b) Glide localizado no núcleo, segundo Câmara Jr. (1970)<sup>44</sup>:

Câmara Jr. (1970) afirma que balizou sua decisão na ausência de pares mínimos entre glides e vogais altas. Mesmo assim, ele admite o ditongo no PB somente quando o segmento [- alto] é tônico – já que dois elementos vocálicos átonos criam variação livre entre hiato e ditongo. Os ditongos fonológicos do PB só existem em posições tônicas e devem ser representados por letra exponencial (*ga*[ɫ̃]*ta*, CV<sup>V</sup>CV), para não confundir com hiatos (*saída*, CVVCV). Visto isso, o autor enumera os ditongos decrescentes em posição tônica e um crescente. Os ditongos decrescentes são ilustrados abaixo:

i<sup>u</sup>: riu ['hiɔ]

a<sup>i</sup>: pai ['paɪ]

o<sup>i</sup>: bo ['boi]

e<sup>i</sup>: lei ['lei]

a<sup>u</sup>: pau ['paɯ]

o<sup>u</sup>: vou ['voɯ] ~ ['vo]

ɛ<sup>i</sup>: papéis: [pa.ˈpeɪs]

u<sup>i</sup>: fui ['fui]

ɔ<sup>i</sup>: moi ['moɪ]

ɔ<sup>u</sup>: sol ['soɯ]

Fonte: CÂMARA JR., 1970, p.56.

As sílabas átonas, nas quais, o segundo elemento da sequência VV é a vogal [-aberto 2], são interpretadas como hiato. Isso é devido à ausência de pares mínimos entre hiato e ditongo. Assim, ditongos nessa posição são fonéticos, advindos do hiato (ex. /vaidade/ *vaidade*). Já nos ditongos crescentes, há variação livre entre o ditongo e o hiato, logo o glide sempre é derivado de uma vogal subjacente, exceto nas sequências: /*(k,g)*<sup>u</sup>(a, e, ɛ, i, o, ɔ)/, como em *quais* ['k<sup>u</sup>a<sup>i</sup>s] que se opõe a *coais* [ku.ˈa<sup>i</sup>s] (CÂMARA JR., 1970, p. 56).

São problemas para sua análise, conforme Silva (1992), as palavras como: *coalho* que se realiza foneticamente como ['kɔa.ɫɔ] ~ [ku.ˈa.ɫɔ] (mesmo a vogal que segue o glide sendo tônica, há alternância entre ditongo e hiato), e *água* que se realiza somente como

<sup>44</sup> Utilizou-se o modelo silábico de Selkirk (1982) para se ilustrar as considerações de Câmara Jr. (1970) sobre a sílaba.

[<sup>l</sup>a.gu̘a] e não como [<sup>l</sup>a.gu.a], condição esta, prevista para sequência vocálicas em posição átona. Além disso, são inúmeros os ditongos VG que em sílabas átonas não alternam com o hiato (*ba[ɫ]xada, de[ɫ]tado, co[ɫ]tado*) Estas formas contradizem o estipulado pela descrição do autor.

### 3.1.2.2 Leite (1974)

Na linha gerativa, Leite (1974) também afirma que os glides são alofones. Falante do dialeto Carioca, ela afirma que seu dialeto mantém alguns pares mínimos, mas que os explica como resquícios de um sistema linguístico anterior.

Conforme a autora, a derivação dos glides é decorrente do acento<sup>45</sup>: vogal alta consecutiva a uma vogal acentuada torna-se um glide através de regras durante a derivação. A autora denomina este processo de assilabificação (*asyllabification*):

$$\left[ \begin{array}{c} \text{V} \\ + \text{alto} \end{array} \right] \longrightarrow [- \text{silábico}] / \text{C}_0 \left[ \begin{array}{c} \text{V} \\ + \text{acento} \end{array} \right] (\text{C}_0 \text{V}) \text{_____}$$

FIGURA 17 – Regra de Formação de Glide  
Fonte: LEITE, 1974, p. 83.

Ela descarta qualquer hipótese de se considerar os glides subjacentes para que se possa obter o padrão acentual paroxítono. As palavras *sábia* e *história*, deste modo, devem ser consideradas na forma subjacente /*sabia*/ e /*iStɔria*/ (e não /*sabja*/ ou /*iStɔrja*/).

Ainda conforme Leite (1974), em sílabas pré-tônicas, a assilabificação ocorre somente na velocidade rápida de fala - isto é, o glide decorre de fatores extralinguísticos. Assim a palavra *luar* pode se realizar foneticamente como dissilábica [lu.<sup>l</sup>ah] e monossilábica [<sup>l</sup>u̘ah], esta, na fala rápida.

Apontam-se alguns problemas na análise de Leite (1974). Primeiro, os glides em ditongos crescentes ocorrem por fatores extralinguísticos, depois do processo derivacional. Isso faz com que aumente significativamente o número de palavras que irá receber a regra de acentuação direcionada à formação da palavra proparoxítona, caso o qual a autora marca

<sup>45</sup> A partir das análises gerativas, a exemplo, Leite (1974), Lopez (1979) e Mateus (1982), o acento no PB pode ser obtido por meio de regras fonológicas capazes de prever sua localização.

lexicalmente na língua, por ser uma exceção. O aumento do número de palavras a receber este tipo de acento faz questionar a tendência paroxítona do PB, expressa pela autora. Veja alguns exemplos abaixo:

*Ditongos Crescentes*

*índio*                      *mi'licia,*                      *tabua*                      *ínocuo*                      *'serie*  
*es'tudio*                      *'midia*                      *'legua*                      *'vacuo*                      *'carie*  
*prin'cipio*                      *'furia*                      *'ardua*                      *'arduo*

A análise de Leite (1974) pressupõe também que o glide não atribui peso a sílaba, logo, o peso não atrai o acento. Na verdade, sua descrição, vinculada a teoria gerativa padrão, não reconhece a sílaba como domínio nas quais as regras fonológicas podem se aplicar, o que se torna uma desvantagem de seu trabalho. Deste modo, a análise não consegue captar a generalização de que os glides, quando posicionados diretamente após a vogal (ditongo decrescente), podem atrair o acento, como explica Bisol (1992). Lembra-se também que as palavras consideradas, abaixo, paroxítonas, seguindo Leite (1974) irão receber, também, o acento pela regra da proparoxítona, e as oxítonas, pela regra da paroxítona. Citam-se alguns exemplos:

Paroxítonas		Oxítonas	
'baile	'aula	bifo'cais	ca'cau
'leite	'neutro	'cais	cha'peu
'coisa	'couro	'rei	euro'peu

Também é problemático, em sua análise, o tratamento das palavras: *terapêutico*, *farmacêutico*, *náutico*, *náufrago*, *hidráulico*, *cáustico*, entre outras, que serão acentuadas na quarta sílaba, ultrapassando a janela de três sílabas, característica da acentuação do PB.

Observa-se, com base na análise de Leite (1974), que toda análise que trata o glide VG como alofone vocálico derivado após a silabificação é desvantajosa para a análise do acento.

### 3.1.2.3 Mateus (1982)<sup>46</sup>

Em sua descrição da fonologia do PP, Mateus (1982), fundamentada na teoria gerativa, trata apenas do glide VG ([- cons], [- sil]) e propõe que eles não estão presentes na matriz fonológica do português. São, então, derivados de vogais subjacentes ou inseridos durante a derivação. Observam-se em sua análise duas motivações para os glides. Desfazer o hiato ou garantir que a acentuação obedeça à seguinte regra:

$$V \longrightarrow [+ \text{ acento}] / \text{ \_\_\_\_ } (G) C_0 V C_0 \#$$

FIGURA 18 – Regra de Acentuação  
Fonte: MATEUS, 1982, p. 28

Nesta regra, uma vogal torna-se acentuada se for seguida: opcionalmente por um glide, zero ou mais consoantes, uma vogal, zero ou mais consoantes antes do final de palavra. Visto isso, estabelecer o glide em função do acento paroxítono é um problema para a análise de Mateus (1982), porque eles poderão ser derivados antes ou após a acentuação para que a palavra siga o padrão da regra supracitada. Assim, palavras como *leite* e *gaita* serão derivadas antes do acento (seu glide é representado pelo símbolo (G), na *figura 18*, acima), já *judeu* e *véu* são interpretadas como paroxítonas pela regra acima e, posteriormente, tem seu traço [+ silábico] modificado para [- sil] após o acento (ver *figura 19*, abaixo). A autora também analisa os glides de *passeio* e *areia* e afirma que eles são inseridos após a aplicação do acento, preservando, assim, a validade da regra paroxítona (sua finalidade é desfazer o hiato):

$$V \longrightarrow [- \text{ sil}] / V [ \text{ \_\_\_\_ } ].$$

+ alta  
- acento

FIGURA 19 – Regra de modificação do traço silábico  
Fonte: MATEUS, 1982, p. 41.

Como dito, Mateus (1982) propõe o glide em decorrência do acento, também com a finalidade de se evitar o hiato. São três os processos que se realizam com este propósito: a ditongação (inserção de glide), a alteração do traço silábico (ver *19*, acima) e a simplificação, sendo que os dois primeiros processos têm como resultado, um glide.

<sup>46</sup> Mesmo que a descrição de Mateus (1982) seja para os dados do Português de Portugal, preferiu-se posicioná-la na ordem cronológica estabelecida para as demais análises, visto que, assim, as análises estão agrupadas com base nas teorias a que estão filiadas.

A ditongação ocorre entre uma vogal média acentuada e uma vogal [- alta] que inserir um glide com os mesmos valores para os traços [recuado] e [arredondado] da vogal antecedente. São os casos como *passeio* e *areia*. A alteração do traço silábico ocorre depois da aplicação do acento. É o processo no qual uma vogal [+ alta], [- acento] da antecedida por outra vogal torna-se assilábica (judeu /ʒudeu/ torna-se [ʒudeɥ]) (ver 19, acima). O último processo consiste na simplificação de duas vogais médias consecutivas quando são iguais para o traço [recuado].

Ainda segundo a autora, os glides são [- cons], assim como as vogais, o que lhes atribuem características fonéticas e perceptuais semelhantes às vogais. Mesmo assim, seu comportamento prosódico nas regras fonológicas é semelhante às consoantes, com as quais dividem o traço [-sil]. Mesmo se posicionando a favor do glide como alofone, ela apresenta um forte argumento para sua análise como consoante no PB.

#### 3.1.2.4 *Bisol (1989, 1994, 1996, 1999)*

A análise dos ditongos em Bisol (1989, 1999) está intimamente ligada à proposta silábica. Em 1989, a autora assume um modelo silábico com molde máximo subjacente CCVVC. Nele, o glide VG ocupa a segunda posição V. Este molde só é possível se não for considerado o S-plural no molde silábico – ela o associa ao *tier* prosódico.

Posteriormente, Bisol (1996, 1999) passa a defender um padrão CCVC(C) com glide VG representado por C, paralelo às demais consoantes em coda. A ausência de uma posição para o glide GV nos moldes fonológicos de 1989, 1996 e 1999 reflete a interpretação de que ele seja obtido no nível mais baixo da derivação por meio de ressilabificação. Ainda seguindo essa linha, em 1999, sua representação silábica é a seguinte:

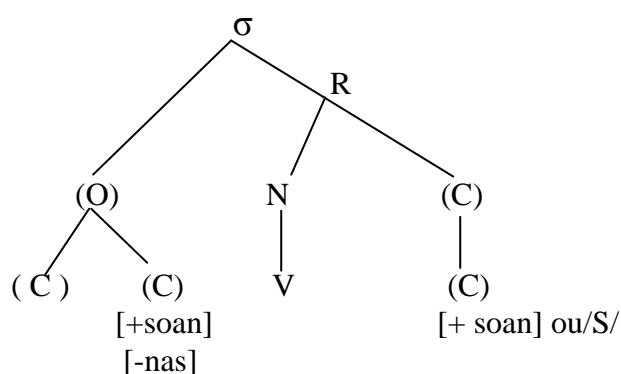


Figura 20 – Representação silábica de Bisol (1999)

Fonte: BISOL, 1999, p.703.

Em Bisol (1989), os elementos que estão localizados na rima são automaticamente posicionados conforme o princípio da sonoridade. Além disso, orientam, também, a sua análise o Princípio da Preservação da Estrutura Silábica (sílabas derivadas devem seguir o padrão silábico da língua) e a Convenção de Ressilabificação (a saída de cada regra é rissilabificada de acordo com as regras de estrutura silábica) (BISOL, 1989, p. 188). A partir da forma subjacente, são construídos os pés binários e após sua construção são designadas as sílabas fortes e fracas. Deste modo, sendo a sílaba presente na fonologia e na construção dos pés binários, pressupõe-se que na descrição de Bisol (1989) o glide VG está no nível fonológico. No entanto, ela não confirma se os glides são fonemas ou não. Somente em 1994 ela expõe, claramente, que em 1989, o ditongo verdadeiro era representado na forma subjacente por duas vogais.

Em 1999, a autora mantém essa posição. Para ela, toda sequência VV subjacente é dissilábica, com exceção somente dos glides que formam segmentos complexos ( $/k^w, g^w/$ ). A vogal mais sonora é posicionada no núcleo e a outra se torna glide. Os glides VG são derivados de vogais altas na primeira silabificação (BISOL, 1999, p. 703). A produção do ditongo é resultado da regra de formação de coda. Ela é ocupada por uma vogal alta que por regra universal se torna glide. Segundo a autora, o glide está localizado na coda por dois motivos: primeiro, porque não há vogais longas no PB e segundo, porque não há sequência VGL (vogal-glide-líquida) em sílabas desta língua. Segundo a autora, as sequências VV, nas quais, a segunda vogal é [+alta] e tônica devem ser lexicalizadas e o acento imprevisível (*saúva, saída, baú*). Discorda-se disso.

Responsabilizar à sílaba quanto à formação de glide não é uma boa solução porque essa formação não é previsível (vogais e glides podem ocorrer em contextos semelhantes, ver *seção 2.1.3 do capítulo 2*). Para isso, palavras terão que ser marcadas

lexicalmente. Também não uma boa solução, porque, no léxico, há a formação de hiatos entre bordas de morfema, contexto que alimenta a ocorrência de regras fonológicas, enquanto há ausência de formação de ditongos. Por último, é problemático propor uma alternância alofônica na silabificação, localizada no léxico, pois esta violará o Princípio de Preservação de Estrutura que atua neste componente, responsável por coibir esse tipo de mudança.

Os glides VG são subclassificados por Bisol (1989), em leves e pesados, assim como as sílabas. Os ditongos VG pesados, i.e., verdadeiros, (*pauta* ['paʊ.ta] e *céu* ['seu]) estão associados a duas posições no *tier* da rima (ver *figura 21*, abaixo).

Palavra: /pauta/

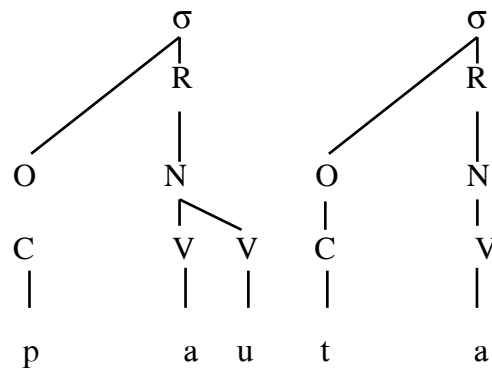


FIGURA 21 – Estrutura silábica subjacente do ditongo pesado conforme Bisol (1994, p. 125)

Fonte: BISOL, 1989, p.125.

Já os ditongos VG leves (*peixe* [pe̞ʃi] ~ [peʃi], *homem* [omẽĩ] ~ [omi], *caixa* [ka̞ʃa] ~ [kaʃa]) são associados a uma única posição V (ou X). Sua estrutura é representada abaixo:

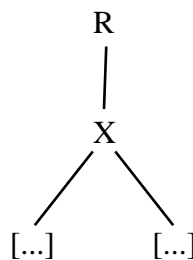


Figura 22 – Ditongo Leve por Bisol (1989)

Fonte: BISOL, 1989, p. 190.

A diferença entre ditongos VG leves e pesados fundamenta-se na capacidade dos ditongos pesados formarem pares mínimos (*pauta* ['paʊ.ta] e *pata* ['pa.ta]), enquanto glides de ditongos leves podem ser omitidos sem causar diferença semântica (*caixa* [kaʃa] ~ [kaʃa]). Para a autora, os ditongos leves são criados por assimilação no *tier* melódico e não estão na representação subjacente. Esses segmentos são discutidos nas *seções* 3.2.1 e 4.3.4, respectivamente, nos *capítulos* 3 e 4. Sua estrutura é representada abaixo:

Palavra: /peʃe/

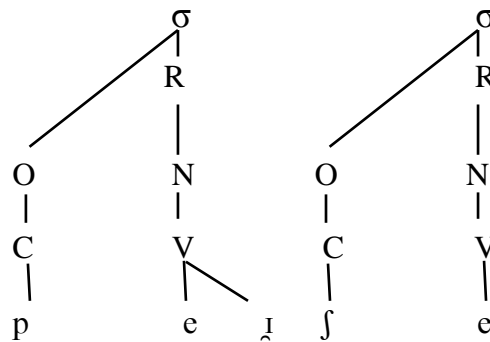


Figura 23 – Estrutura silábica subjacente do ditongo leve conforme Bisol (1994)  
Fonte: BISOL, 1994, p. 132.

Outro ditongo leve é a sequência de vogal mais glide [+ coronal] seguido por tepe. Ele é assim considerado porque neste contexto o glide pode ser omitido antes de tepe ([ˈbeɪ.ra] ~ [ˈbe.ra] *beira*). Ele será discutido na *seção* 3.2.2 deste capítulo.

Bisol (1989, 1999) afirma que os ditongos crescentes (pré ou pós-tônicos) são resultados de processos de ressilabificação. O principal argumento da autora é a alternância livre da sequência glide-vogal ([kiˈabu] ~ [ˈkɪabu] *quiabo*). Estes glides são gerados de vogais subjacentes, no pós-léxico. Elas se desligam do núcleo e são associadas ao onset, criando um onset ramificado, assim como propõe Lopez (1979) e Collischonn (1997). Isso possibilita a ocorrência de sílabas com mais de dois segmentos somente no pós-léxico (*criou* [kɾiɔʊ]).

Para o glide [dorsal] que segue as consoantes velares /k/ ou /g/ ([ˈkʷãdu] *quando* e [gʷahda] *guarda*) e não alterna com a vogal alta, ela propõe que as sequências /kʷe/ /gʷ/ sejam lexicalmente marcadas como segmentos monofonemáticos, isto é, um segmento complexo, localizado no onset não ramificado, decisão semelhante à de Silva (1992).

### 3.1.2.5 Silva (1992)

Silva (1992) baseia-se na Teoria de Charme e Governo<sup>47</sup> para explicar os glides<sup>48</sup> no PB. O governo é uma relação binária e assimétrica entre posições esqueléticas adjacentes, na qual uma das posições é a cabeça (*head*) e possui um elemento governador (*governor*), e a outra, o governado (*governee*) (SILVA, 1992). Vejam abaixo:

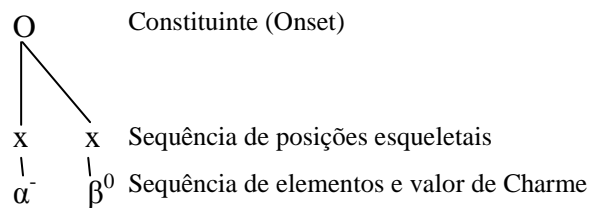


FIGURA 24 – Representação de Governo: o elemento Charme negativo, ( $\alpha^-$ ) governa o elemento neutro ( $\beta^0$ ) no constituinte Onset.

Fonte: SILVA, 1992, p.4.

Os elementos<sup>49</sup> são unidades pronunciáveis e podem formar compostos. Esta propriedade combinatória é denominada charme. Os segmentos podem ser classificados em elementos com charme (este pode ser positivo ou negativo) ou sem charme. Os elementos com charme negativo não ocupam posição nuclear enquanto os positivos ocupam. Elementos com charme são sempre governadores. Os elementos sem charme (ou neutros) podem ocorrer em posições nucleares, ou não nucleares. Segmentos sem charme geralmente são governados. Eles somente poderão ser governadores se possuírem constituição mais complexa<sup>50</sup> que o elemento com charme (SILVA, 1992).

As vogais altas relaxadas (/ĩ, û/) são obtidas dos elementos neutros  $I^0$  e  $U^0$ . Estes podem se realizar como vogais ou como glides. Isso depende da silabificação que resulta das relações e dos princípios de charme e governo, da atuação do OCP e das restrições métricas impostas aos constituintes (ver *figura 22*, abaixo). A obtenção do ditongo (ver *item (c)* na *figura 22*) depende do governo (*item (a)* da *figura 22*) e do OCP (*item (b)* da *figura 22*). Eles podem ser do tipo leve ou pesado.

<sup>47</sup> Kaye, Lowenstamm e Vergnaud (1985,1990).

<sup>48</sup> Silva (1992) representa os glides com os símbolos [j] para o glide anterior e [w] para o posterior.

<sup>49</sup> Os elementos devem obedecer ao Princípio do Charme: elementos de mesmo valor não podem estar juntos em uma relação de governo (SILVA, 1992).

<sup>50</sup> A complexidade de um elemento depende do número de elementos presentes na sua representação interna.

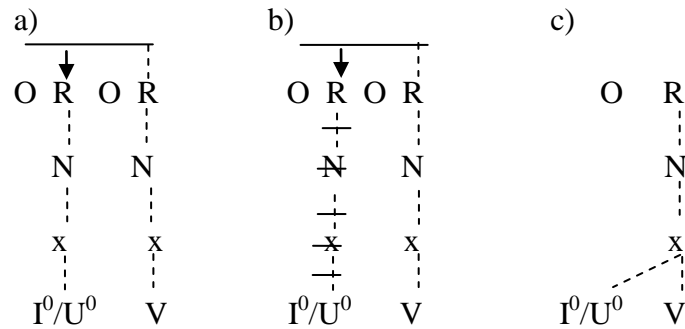


FIGURA 25 – Silabificação por Silva (1992)

- Governo,
- Ponto de apagamento sob governo (OCP),
- Formação de ditongo leve.

Fonte: SILVA, 1992, p.71.

Acima, representa-se a formação do ditongo leve (ditongo crescente), de cabeça à direita. Observa-se que o glide (advindo de um elemento I<sup>0</sup> ou U<sup>0</sup>, sem charme) está ligado com uma vogal (sem charme complexa ou simples e positiva) no núcleo não ramificado, que possui apenas uma unidade temporal (representada por x). Metricamente, esse ditongo se comporta como uma vogal.

A exclusão do glide da posição de onset é devido à ausência de restrições quanto às combinações possíveis nessa posição (eles não podem constituir com outro elemento, um segmento complexo) e porque criaria *onsets* com mais de dois segmentos ramificados, enquanto que o PB somente permite constituintes maximamente preenchidos por dois segmentos. Assim, formas como *criado* [kɾiˈadu] e *bruaca* [brɔˈaka] tornar-se-iam problemáticas.

Os ditongos leves pré-tônicos podem alternar livremente com as vogais (*quiabo* [ˈkɾi.a.bu]~[ˈki.a.bu], *coalho* [ˈkɔ.a.lu] ~ [kuˈa.lu]). A vogal se realiza quando o traço ATR é inserido (ver *figura 26* abaixo).

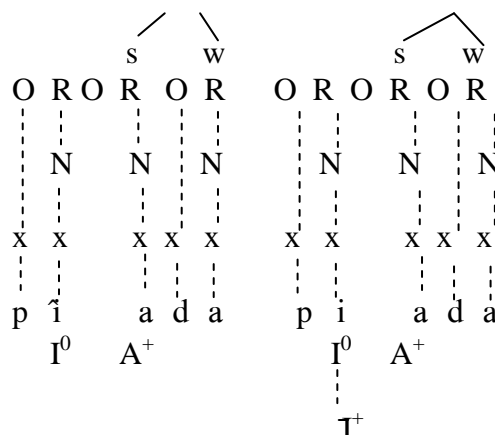


FIGURA 26 – A manutenção da vogal alta

Fonte: SILVA, 1992, p. 77.

Isso muda o valor de charme do elemento, coíbe a perda de segmento nuclear, coíbe a relação de governo e o apagamento via OCP. Já os ditongos leves pós-tônicos não alternam com vogais altas (*sábia* [ˈsab̥i̯a] \*ˈsabi̯a], *água* [ˈaɡ̥wa] \*ˈaɡ̥wa]). As restrições métricas sobre estes glides prevêm que o acento sempre cairá na posição nuclear anterior ao glide.

Os glides GV antecidos por velares, segundo a autora, formam um segmento complexo com a consoante velar quando não alternam com vogais altas. Eles também nunca são antecidos por duas consoantes em uma mesma sílaba ([ˈkʷad̥ru] *quadro* e [lĩˈɡ̥w̥i̯sa] *linguiça*). Vejam abaixo

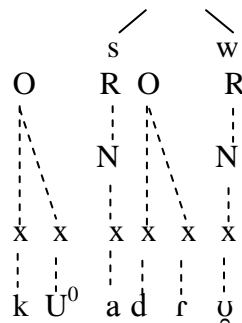


FIGURA 27 – Segmento Complexo  
Fonte: SILVA, 1992, p. 82.

O paradigma entre palavras primitivas e derivadas e sua alternância de acento afetam as relações de governo entre sequência como /k<sup>w</sup>, g<sup>w</sup>/ e /kû, gû/. Assim, em *língua* [ˈlĩɡ̥wa], só é permitido o ditongo leve pós-tônico. Já *linguística* [lĩɡ̥w̥i̯st̥ʃika], não se forma ditongo, porque não há alternância entre glide e vogal alta (\*[lĩɡ̥w̥i̯st̥ʃika]). Neste caso, tem-se um segmento complexo /k<sup>w</sup>/. Ao contrário em *água* [ˈaɡ̥wa], quando se deriva *aguado* [aɡ̥wad̥u] ~ [aɡ̥wad̥u], em que a alternância é possível, podendo formar um ditongo leve. A alternância entre glide e vogal alta é utilizada para expressar se há um segmento simples ou complexo.

Em alguns casos, a sequência /i/ ou /û/ + V mantém suas duas vogais (*pia* [ˈpi.a], *rua* [ˈhu.a], *maníaca* [ˈmaˈniaka]). Isso é permitido porque as duas vogais são charme positivas (a segunda pode ser neutra complexa), o que proíbe o governo, logo, o ditongo. Autora não explica por que as vogais altas relaxadas, neste caso, são charme positivas, são assim classificadas, porque recebem o acento, e, mas não é explícito porque o acento pode cair numa das três últimas sílabas (apenas se sabe que ele não pode ser atribuído no marcador de palavra), o que é uma desvantagem dessa análise.

Os glides de ditongos pesados também são derivados de posições nucleares adjacentes sujeitas ao governo (governador à esquerda, governado à direita). Eles ocupam duas unidades de tempo associadas a um constituinte nuclear (N), diferente do glide leve (ver *figura 28*, abaixo). Também estão localizados no núcleo. Isso se prova nas palavras derivadas: a sequência VG dos primitivos *mus*[eʏ] e *her*[ɔɪ] não ocorre nos derivados como *museólogo* e *heroísmo*. Assim, o glide é suprimido porque ele se localiza na posição nuclear do sufixo de gênero.

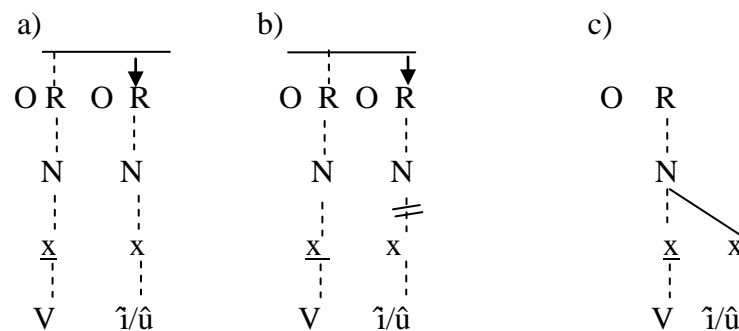


FIGURA 28 – Silabificação por Silva (1992)

- Governo,
- Ponto de apagamento sob governo (OCP),
- Formação de ditongo pesado.

Fonte: SILVA, 1992, p.104.

Os glides de ditongos pesados não alternam com uma vogal alta se acompanham uma vogal tônica (*museu* [mu'seʏ] e não \*[mu'seu]). No entanto, se antecedem uma sílaba acentuada podem alternar ([kaɪ'pira]~[kai'pira] *caipira*). Neste caso, a vogal alta do ditongo pesado sofre o mesmo processo do ditongo leve.

Nos ditongos pesados pós-tônicos formados por sequências de vogais altas, como *assovio* [aso'viu] e *período* [pe'riudɔ], a primeira vogal alta é charme positiva e acentuada. A segunda, um elemento neutro simples. Assim, estabelece-se o governo com a cabeça à esquerda. A pronúncia [pe'riudɔ], com duas vogais, também é possível (os demais ditongos decrescentes não permitem esta alternância). Silva (1992) explica que nas sequências VV, os requerimentos do charme são satisfeitos, mas o governo simplesmente não se aplica.

No PB, há apenas um caso de elemento sem charme governando outro elemento sem charme. Isso só é possível nas sequências de duas vogais altas. Se o glide for pré-tônico, podem-se haver três tipos de pronúncia: VG, GV ou VV. A palavra *juizado* pode se realizar como [ʒui'zadu] (VV), [ʒuɪ'zadu] (VG) ou [ʒɥi'zadu] (GV). A alternância deve-se ao traço [ATR] que transforma uma ou as duas vogais em charme positivas. Quando a sequência

de duas vogais altas é pós-tônica (átona), ela não permite a alternância GV e VG. Se essa sequência for constituída por uma vogal que possui o acento, ela se realizará somente como a sequência VV (*Suíça* [su'isa] \*['sɥisa], *miúdo* [mi'udu] \*['mɥudu]). Entretanto, há também a possibilidade de alternância GV/VG em alguns vocábulos como *gratuito* [gra'tuítu] ~ [gratɥ'itu], com alternância também do acento.

Segundo a autora, o acento é sensível à morfologia e se aplica na terceira, segunda ou última posição nuclear do radical ou no sufixo derivacional (exceto no sufixo de gênero<sup>51</sup>). As palavras poderão ter pés binários, ou ternários, a partir de sua borda direita, com cabeça à esquerda, dependendo da localização do acento. Conforme Silva (1992) o acento proparoxítono e o pé ternário<sup>52</sup> provam que o glide do ditongo pesado ocupa uma posição nuclear na palavra proparoxítônica. O acento é atribuído lexicalmente e é idiossincrático, isto é, não há regra, ou princípio que identifique sua posição. Portanto, a autora descarta a possibilidade do peso silábico ou da sílaba contribuir para sua aplicação.

A principal justificativa para sua assertiva é que se peso silábico fosse influente na atribuição do acento, a língua não permitia formas como [ah.tʃi.gu] na qual o acento é atribuído na penúltima sílaba não ramificada, ao invés de ser atribuído a antepenúltima, já que ela é a sílaba ramificada (\*['ah.tʃi.gu]). No entanto, ela reconhece que quando a rima final do radical é ramificada, o acento sempre cai nesta posição, (recuso [he.'kuh.su], petisco [pe'tʃisku]) e, que em sequências VG, nunca o acento cai na vogal anterior ao glide (\*['pateu]). Mesmo propondo que a aplicação do acento no PB seja estabelecida por uma base morfológica, a autora reconhece, também, influências fonológicas com relação à estrutura silábica e a aplicação do acento<sup>53</sup>.

O principal argumento de Silva (1992) para derivar os glides surge da ausência de contraste entre vogais longas e curtas e a ausência de restrições segmentais referentes às sequências de vogais e glides características das línguas que apresentam ditongos pesados lexicais.

<sup>51</sup> Segundo a autora, o sufixo de gênero no PB é lexicalmente determinado. Isso porque ele pode ser representado por uma posição vazia (Ø), ou pelos sons de [ɪ, u, ou a] tanto para o feminino quanto para o masculino.

<sup>52</sup> Lembra-se que as análises acentuais do PB assumem apenas o padrão binário do pé, conforme Hayes (1995).

<sup>53</sup> Essa influência também é observada em palavras proparoxítônicas nas quais seu penúltimo onset não poderá ser preenchido com os segmentos [k<sup>w</sup>, g<sup>w</sup>, ɲ, ʎ, ʃ, ʒ, h] (*coruja*, temos [ku.'ru.ʒa], e não \*['ku.ru.ʒa]). Deste modo, o acento primário é atribuído na posição nuclear final do radical nominal ([-ku'ruʒ]).

A análise de Silva (1992) valoriza a realização fonética das palavras em detrimento à representação subjacente e se mostra uma das análises mais completas e bem feitas sobre o glide no PB.

Entretanto, observa-se que a ocorrência ou não do glide dependerá do governo, e este depende diretamente do acento para gerar ou não o glide. Lembra-se que o acento pode ser aplicado em uma das três últimas sílabas do radical ou sufixo derivacional. Isso faz com que, em alguns exemplos, não fique claro por que o /i/ torna-se tônico em *rio* ['hiʝ], mas um glide em *armário* [ah'maɾiʝ] (observa-se que o contexto anterior e posterior é o mesmo nos exemplos), pois o acento pode ocupar qualquer uma das três posições da borda direita do radical ou sufixo derivacional. Nestes casos, a ocorrência do glide ou da vogal alta dependerá do governo, isto é, da teoria.

### 3.1.2.6 Lee (1999)

Acrescenta-se a essa seção a análise de Lee (1999) sobre a silabificação no PB. O objetivo é observar como uma análise voltada para a silabificação explica os glides.

Baseado na Teoria da Otimalidade (PRINCE; SMOLENSKY, 1993), Lee (1999) demonstra as possibilidades silábicas do PB (sílabas com ou sem onset e com ou sem codas, tipos codas) através de alterações mínimas entre as sequências localizadas no input (forma subjacente) e no output (forma superficial). É uma descrição alternativa da silabificação, diferindo de outras descrições que constroem a sílaba durante o processo de derivação com base no ordenamento. O autor utiliza o seguinte ranqueamento:

Sonor, Max, Dep<sup>Onset</sup>, Nuc, Coda-Cond >> Dep<sup>Nuc</sup> >> Contig >> Onset >> No Coda, No  
complex

Lee (1999) não demonstra um tratamento especial aos glides em sua análise, no entanto infere-se que o autor filia-se a proposta de que os glides são derivados de vogais subjacentes, sendo os glides de ditongos decrescentes localizados juntos à vogal no núcleo silábico (LEE, 1999, p. 146).

Observando isso, e reavaliando seus tableaux, conclui-se que esse ranqueamento não dá conta de explicar a silabificação dos glides, partindo de uma vogal subjacente. Abaixo, foram analisados dois exemplos do PB: *triagem* e *gaita*. Seguindo as possibilidades de estrutura silábica propostas pelo autor, na página 146 de seu artigo, *triagem* deve realizar-se como hiato no output e *gaita*, como um ditongo. Foram utilizadas apenas as restrições de marcação ou fidelidade propostas pelo autor que podem afetar ou serem afetadas na ocorrência do glide.

TABLEAU 2

/hiafo/ CVVCV	Max	Dep <sup>Onset</sup>	Coda-Cond [- vocálico] [+soante]	Dep <sup>Nuc</sup>	Onset	No Coda	No Complex
☞ 1. h̄ra.fo ● <sup>*</sup> CCV.CV							*
☞ 2. h̄ra.fo ● <sup>*</sup> CVV.CV							*
3. hi.a.fo ☹					*!		
4. hi.□a.fo		*!					
5. ha.fo	*!						

No tableau acima, avaliou-se a possibilidade da sequência VV ser representada no output como: (V) ramificada no núcleo, consoante (C) em coda ou hiato. Também foi avaliada a possibilidades de apagamento da vogal alta ou inserção de segmento para desfazer a sequência.

O ranking acima descarta o candidato ótimo (3) que contém o hiato (simbolizado por ☹) e reconhece como ótimo dois candidatos indesejáveis que realizam o glide, marcados com o símbolo ●<sup>\*</sup>. O ranking também não foi capaz de mostrar o posicionamento do glide na sílaba: onset ou ramificação nuclear.

No TABLEAU 3, abaixo, a restrição ONSET exclui o output fiel (3). Além disso, segundo Lee (1999), não há dominância entre as restrições NO CODA e NO COMPLEX, que compartilham a mesma posição no ranking, o que inviabiliza determinar, dentre os candidatos restantes, qual é o output ótimo:

TABLEAU 3

/gaita/ CVVCV	Max	Dep <sup>Onset</sup>	Coda-Cond [- vocálico] [+soante]	Dep <sup>Nuc</sup>	Onset	No Coda	No Complex
☞ 1. gại.ta CVV.CV							*
☞ 2. gại.ta CVC.CV						*	
3. ga.i.ta					*!		
4. ga.□i.ta		*!					
5. ga.ta	*!						

Este tableau, no entanto, apresenta o output ótimo somente forem analisados se apenas os segmentos, deixando, de lado a avaliação silábica. Vejam abaixo:

TABLEAU 4

/gaita/	Max	Dep <sup>Onset</sup>	Coda-Cond [- voc][+soante]	Dep <sup>Nuc</sup>	Onset	No Coda	No complex
☞ 1. gại.ta							*
2. ga.i.ta					*!		

Entretanto, este ranking não conseguirá estabelecer se o glide está no núcleo ramificado ou na coda, assim, não se sabe se a restrição NO CODA será violada. Conclui-se, diante disso, que a análise de Lee (1999) sobre a sílaba enfrenta dificuldades ao tentar descrever os glides no PB.

### 3.1.3 A FAVOR DA SUBESPECIFICAÇÃO DE GLIDES E DE VOGAIS ALTAS

#### 3.1.3.1 *Lopez (1979)*

Lopez<sup>54</sup> (1979) apresenta uma análise diferenciada. Ela deriva alguns glides e as vogais altas de soantes [- consonantais] subjacentes não especificadas para silabicidade, simbolizadas por ‘V’ e propõe dois tipos de glides em distribuição complementar na língua: os glides  $\underset{\sim}{V}$  e G. São simbolizados por  $\underset{\sim}{V}$  e chamados de semivogais, os glides pós-vocálicos, e por G, chamados de semiconsonantais, os glides pré-vocálicos. Essa diferença não se fundamenta na composição dos traços fonéticos desses segmentos, mas na sua distribuição complementar: enquanto a grande parte dos glides  $\underset{\sim}{V}$  é obtida fonologicamente – i.e., uma variante contextual de ‘V’, derivados da silabificação que precede o acento, G é obtido após acentuação, em um nível baixo, e está em variação livre com vogais. Apenas os glides  $\underset{\sim}{V}$  seguidos de /Z/ ou em final de palavra decorrem da influência do acento e ocorrem depois de sua aplicação.

A análise de Lopez (1979) é dissonante de análises que categorizam o glide como alofone ou fonema. Ela propõe um segmento subespecificado que depende do contexto para se realizar. Portanto, o hiato está em distribuição complementar com o ditongo. Os glides G, assim como nas análises acima, são derivados de vogais plenamente especificadas.

Na silabificação, Lopez (1979, p.96) propõe uma representação subjacente básica da sílaba responsável pela distribuição dos segmentos na palavra, ilustrada abaixo:

$$\left( \left\{ \begin{array}{l} P(L) \\ Z \end{array} \right\} \right) \quad V \quad \left( \left\{ \begin{array}{l} (Z) \\ \underset{\sim}{V} \end{array} \right\} \right)$$

FIGURA 29 – Representação subjacente da sílaba, conforme Lopez (1979)  
Fonte: LOPEZ, 1979, p. 96.

Nesta representação, a letra P representa oclusivas e fricativas labiodentais; a letra L, as líquidas; a letra Z, soantes e sibilantes, a letra V, as vogais e a letra com diacrítico  $\underset{\sim}{V}$ , os

<sup>54</sup> Lopez (1979) utiliza como dados de sua análise o dialeto Carioca.

glides. Os colchetes indicam que os segmentos são exclusivos, isto é, ou as palavras terão onset complexo, P+(L), ou simples, Z. Os parênteses indicam que os segmentos são opcionais para a sílaba.

Conforme a autora, a representação superficial da sílaba não tem diferenças substanciais da representação subjacente. A silabificação é decorrente da derivação de glides (G) que formam os ditongos crescentes. À representação subjacente, a única restrição possível existente tem a finalidade de coibir as sequências de /tʎ/, /dʎ/ e /vʎ/<sup>55</sup> em onset no PB (/tʎ/ somente não ocorre em início de palavra – *atlas*, *atlântico*, *atlético*). Após as regras que introduzem as especificações de silabicidade dos glides (V̆), anteriores a atribuição do acento, a estrutura silábica é a mesma representada em na *figura 29*, acima.

Quanto ao papel silábico, ao propor um segmento subespecificado Lopez (1979) sugere que os segmentos não sejam totalmente responsáveis pela estruturação da sílaba e, sim, o contrário. Assim, a silabificação é responsável por definir os segmentos com base nos princípios que regem a boa formação silábica. Segundo Lopez (1979), esses princípios são simples, expressos seguintes regras:

$$\begin{array}{ll} \text{a)} & \text{b)} \\ \text{'V'} & \text{'V'} \\ [- \text{alto}] & [+ \text{alto}] \\ \longrightarrow & \longrightarrow \\ \text{V} & \text{V̆ / V} \_\_\_\_\_\$ \end{array}$$

FIGURA 30 – Regras de Formação Silábica

- a) Regra de formação de núcleo silábico
- b) Regra de formação de glide

Fonte: LOPEZ, 1979, p. 100.

A *regra 30a* estabelece que as vogais não-altas [e, ε, a, o, ɔ] estarão no núcleo, ao passo que a *regra 30a* institui que as vogais altas [i, u], precedidas por vogal e em posição final de sílaba (\$), tornar-se-ão glides (*leite*, /leite/, [leᵢ.tʃɪ], *gaita*, /gaita/, [gaᵢ.ta]). A proposição da regra sensível ao final silábico evita exceções à *30b*. Segundo a autora, o hiato é preferencial quando as vogais altas são seguidas por duas consoantes (*maíça* [ma.ᵢ.sa] (/maiNsa/) ou por uma consoante em posição final de sílaba (*raiz* /hais/ [ha.ᵢs]). No entanto, este último caso não parece ser uma regra, pois há exemplos de glides seguidos por consoante em final de palavra ([deᵢs] *deus*, [kaᵢs] *cais*).

<sup>55</sup> Conforme Lopez (1979, p. 96) essas restrições podem ser violadas em nomes próprios.

Por fim, a autora apresenta uma generalização: sempre que o segmento [+silábico]<sup>56</sup> for antecedido por qualquer segmento [-silábico] (uma consoante, uma semivogal ou um limite de palavra) ele será silábico (LOPEZ, 1979, p. 101). Se ele ainda for seguido por um segmento [+vocalico], haverá uma alternância variável (G). Abaixo, reproduzem-se as posições, nas quais há a preservação do hiato:

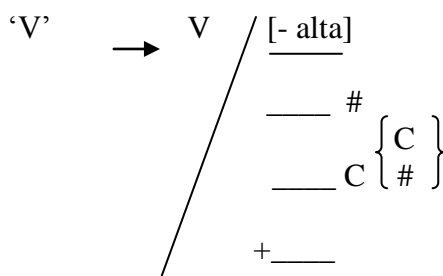


FIGURA 31 – Representação dos contextos de preservação do Hiato por LOPEZ (1979)  
 Fonte: LOPEZ, 1979, p. 101.

Em 31, acima, ‘V’ torna-se uma vogal quando o output é [- alto], antes de uma consoante em final de palavra ou de duas consoantes, antes de final de palavra e em limite de morfema. A formação de glide (*Regra 30b*, acima) é sensível ao limite morfológico, e não se aplica se houver um limite de morfema entre a sequência: V+V (*atraído* /atra]i]d]o/ [a.trə.'i.du]). Porém há exceções. Citam-se as palavras: *com[e]u*, *fal[i]u* e *idon[e]idade*. O glide também é sensível à morfologia na silabificação de palavra derivada. Esta será a mesma que a raiz da forma básica, exceto nos casos em que a formação da sílaba desta é influenciada pela terminação da palavra. (LOPEZ, 1979, p. 102).

A silabificação é não contínua e se realiza para derivar os glides  $\underset{\vee}{V}$  antes do acento, fazendo os ajustes fonéticos necessários para que haja sua correta aplicação. A acentuação é sensível à estrutura morfológica e deve ocorrer na última vogal do radical. Ao propor isso, Lopez (1979) indiretamente afirma que o acento não é determinado pelo peso silábico. Alguns glides decorrem do acento, num nível mais baixo da derivação. Neste caso, a silabificação aplica-se novamente, num ambiente não-fonológico gerando a estrutura silábica superficial com a inclusão do glide (G).

<sup>56</sup> A autora usa o termo *vocalico*.



Acima, a vogal torna-se uma semivogal quando está em posição final de palavra precedida imediatamente de vogal acentuada e opcionalmente seguida por uma sibilante. A regra também pode ser representada por meio de vogais que representam as sílabas ‘forte’ e ‘fraca’ no input dissilábico tornando-se uma única sílaba forte no output.

A proposta de Lopez (1979) é um avanço sobre a proposta de Leite (1974) e Câmara Jr. (1953, 1969 e 1970) porque mostra as relações entre os glides e a morfologia, a sílaba e o acento, além de sistematizar sua alternância com os hiatos, o que Leite (1974) não demonstra. Esta trata o fenômeno do glide de forma simplificada, sendo uma análise preliminar, mas que apresenta contribuições para o desenvolvimento do tema. Entretanto, sua proposta apresenta alguns problemas:

- a) O glide semiconsonantal (G) é advindo de uma vogal subjacente, porém após sua derivação, localiza-se na ramificação do onset tornando-se uma semiconsoante. Sabe-se que nos sistemas linguísticos, o processo de vocalização do glide é comum. Porém o processo no qual uma vogal tornar-se uma consoante não é natural.
- b) Outra indagação corresponde à silabificação de palavras com onset complexo e glide. Os falantes do português silabificam palavras como *criança*, *Adriana*, *triângulo*, *triagem*, etc., como: *cri.an.ça*, *a.dri.a.na*, *tri.an.gu.lo*, *tri.a.gem*. formando, um hiato. A ocorrência do ditongo crescente, nestes casos, pode ser devido a fatores extralinguísticos (velocidade de fala, por exemplo), o que não a caracterizaria como um processo sistemático da língua.

## 3.2 OS GLIDES E OUTROS PROCESSOS

Acima, revisou-se como foram descritos os glides e sua relação com a sílaba, o peso silábico e o acento. Aqui, resumem e debatem-se os processos particulares de glides em contextos típicos.

### 3.2.1 OS DITONGOS [eɪ, aɪ] E PALATAIS [ʃ, ʒ]

No PB, os glides coronais sucedidos por consoantes [+ coronais], [- anteriores] [ʃ, ʒ] podem se realizar ou não, o que gera a discussão se são representados na forma subjacente ou somente na forma superficial. Sobre essas sequências, Câmara Jr. (1953) afirma que o glide [ɪ] é inserido após [e] seguido de /ʃ/<sup>58</sup> ou /ʒ/ localizado no onset da sílaba seguinte formando, assim, um ditongo (ver *exemplos* abaixo). Em outros casos, o caráter mecânico deste [ɪ], condicionaria sua síncope em palavras como *peixe* e *baxo* ['baɪ.ʃu] e ['ba.ʃu].

1. *peixe* – ['pe.ʃɪ] ~ ['peɪ.ʃɪ]
2. *mexer* – [me.'ʃeh] e [meɪ.'ʃeh]
3. *feichar* – [fe.'ʃah] e [feɪ.'ʃah]

Conforme Bisol (1989, 1994), estes ditongos decrescentes são leves (ver *figura 22* da *seção 3.1.2.4* no *capítulo 3*) e previsíveis. Seu glide é inserido antes do segmento palatal [ʃ], e não é sensível à tonicidade (*peixe* ['peɪʃi] ~ [peʃi], *faxina* [fa'ʃina] ~ [faɪ'ʃina]). Em 1989, a autora afirma que a ocorrência do glide [coronal] é devido a um processo assimilatório dos traços [altura] e [recuo] no qual há o espraiamento à esquerda do traço alto da consoante palatal (ver *figura 35* abaixo). É problemático para sua análise explicar por que a alternância não ocorre em exemplos como *bocejo*, *veja*, *mexa*, *acha* e *aja*.

---

<sup>58</sup> Os sons /ʃ/ ou /ʒ/ são representados, respectivamente, em Câmara Jr. (1953) por /x/ ou /j/.

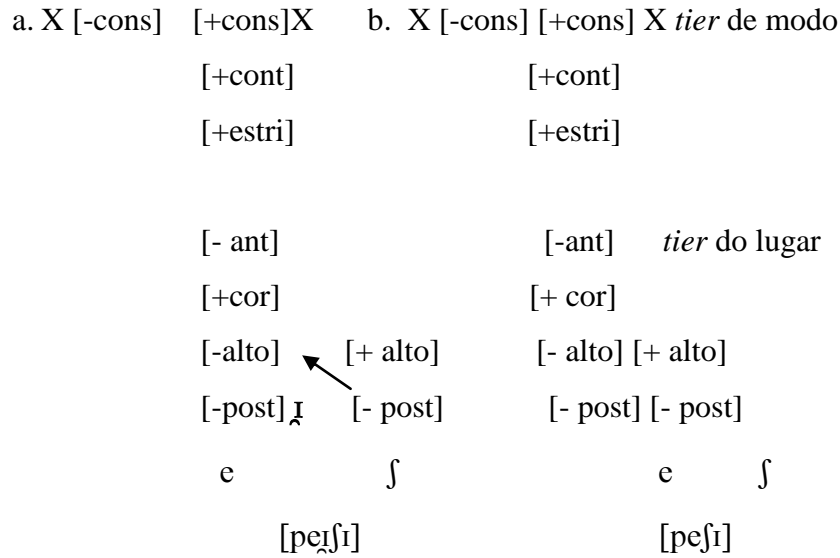


FIGURA 35 – Espreadimento de soante palatal por Bisol (1989)  
 Fonte: BISOL, 1989, p.192.

Uma desvantagem dessa proposta de Bisol (1989) é admitir que o processo de assimilação refere-se a um traço negativo para desencadear o processo ([-recuado]).

Em 1994, para corrigir este problema, ela propõe a assimilação pela geometria de traços e estabelece o segmento /ʃ/ como complexo, i.e., com dois traços de articulação oral, um deles vocálico<sup>59</sup>, que o diferente da consoante plena /s/. Assim, a estrutura prevê que o espreadimento se dará apenas com /ʃ/.

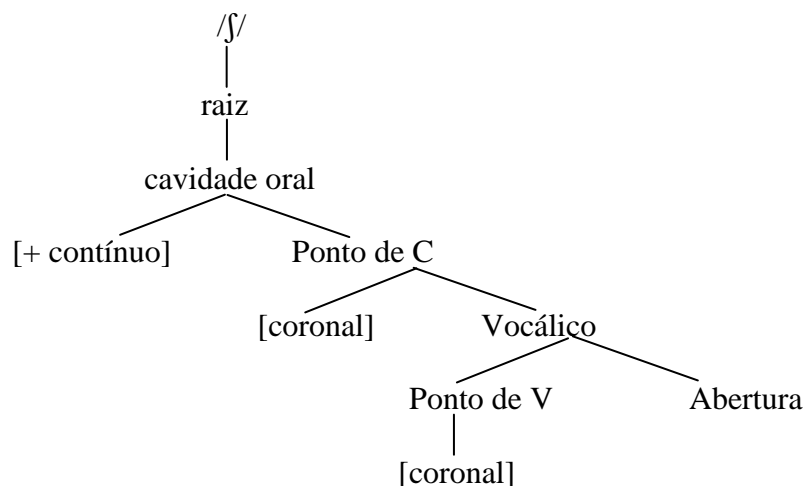


FIGURA 36 – Representação de /ʃ/ por Bisol (1994)  
 Fonte: BISOL, 1994, p. 128.

<sup>59</sup> Wetzels (1997) também estabelece essas consoantes com dupla articulação.

Serão espriados apenas os traços do nó vocálico para o Ponto de C da vogal antecedente. Um dos problemas da proposta de Bisol (1994) é a redundância observada na estrutura de /ʃ/, que é constituído por duas aberturas que representam o mesmo ponto de articulação [coronal]. Segundo Clements and Hume (1996) o segmento complexo é formado por, no mínimo, dois traços de articulação *diferentes*. Além disso, esse segmento não se alterna com o glide, mais um argumento contra o nó vocálico neste segmento. Os demais problemas de sua análise serão discutidos no *capítulo 4*.

### 3.2.2 A INSERÇÃO DE GLIDE CORONAL

Estes glides são tratados por Leite (1974) e Bisol (1994). Conforme Leite (1974), o glide de *paz* [ˈpaʝ] é inserido por uma regra após a vogal [+ acentuada], antes de vogal [+ estridente, + coronal]. Vejam abaixo:

$$\emptyset \longrightarrow \left( \begin{array}{l} + \text{ silábico} \\ + \text{ alto} \\ - \text{ posterior} \end{array} \right) / \left( \begin{array}{c} \text{V} \\ + \text{ acento} \end{array} \right) \longrightarrow \left( \begin{array}{l} + \text{ estridente} \\ + \text{ coronal} \end{array} \right) \#.$$

FIGURA 37 – Inserção de Glide Leite (1974)  
Fonte: LEITE, 1974, p.84

Em 1994, pautada em análises estatísticas de base Laboviana, e na Fonologia Autossegmental e de Traços, Bisol analisa a inserção do glide em palavras como *três* [tres] ~ [treʝs], *rapaz* [haˈpaʝs], *arroz* [aˈhoʝs]. Segundo ela, este processo é semelhante à inserção dos glides antes de sibilantes palatais, no entanto, diferencia-se porque ocorre apenas dentro da sílaba tônica e pode ser desencadeado, também, antes de sibilantes coronais /s, z/. Assim, segundo a autora, a formação deste glide é um processo assimilatório que tem como gatilho o arquifonema /S/. Com base em Clements (1991), ela propõe o espriamento do ponto de vocalização de /S/.

### 3.2.3 O DITONGO [eɪ] E O TEPE

O glide também pode ser omitido no contexto anterior ao tepe ([<sup>l</sup>beɪ.ra] ~ [<sup>l</sup>be.ra] *beira*). Bisol (1989) também o considera um ditongo leve, no entanto, apresenta duas motivações disjuntivas para sua ocorrência. A primeira motivação seria a Metátese com base na alternância de [a] para [eɪ] em casos como *primário/primeiro*, que apresentam semelhança semântica. Segundo Bisol (1989):

a vogal alta do sufixo /-ario/ é desligada de sua posição pra ser associada à vogal da rima precedente. No ponto da derivação em que [isso] ocorre (...), a sonorante R é uma consoante não plenamente especificada. Então o processo de espraiamento que também converge /a/ em /e/ não viola uma das condições básicas da fonologia autosegmental *linhas de associação não podem se cruzar* (Goldsmith, 1976) (...). Se a associação da vogal /i/ com a primeira rima não ocorrer, essa vogal permanecerá, no decorrer da derivação, um auto-segmento flutuante e será apagada pelos princípios da teoria, resultando /-ero/. (BISOL, 1989, p. 194)

Essa primeira solução encontrada por Bisol (1989) é problemática. A regra *default* de tepe prevê que as consoantes sonoras [- altas] e [- nasais] se tornem [+ anteriores] [+ coronais]. O input solicitado pela regra inclui outras consoantes com essas especificações, como por exemplo /z/. Outro problema, levantado pela autora é acerca da morfologia destes sufixos que discute se fazem parte de entradas lexicais diferentes ou são alomorfes.

A outra solução é baseada na escala de sonoridade. Segundo a autora, em /-ero/, existe uma lacuna sonora entre a vogal /e/ e o tepe (mais detalhes sobre a escala de sonoridade na *seção 2.2.1 do capítulo 2*). Essa lacuna é preenchida pelo glide. “Assim duas sílabas vizinhas separadas por um único valor na escala de sonoridade, podem ser ligadas, por meio do preenchimento desse vazio” (BISOL, 1989, p. 196). No entanto, na classe das líquidas, este fenômeno ocorre apenas com o tepe e não com a lateral. Isso obriga a autora a reconhecer que o tepe tem maior ligação com as vogais do que a lateral. Novamente, a própria autora reconhece alguns problemas quanto a essa abordagem, visto que o glide é obrigatório em [aɪ] (*Cairo*) e sua ausência/presença em [oʊ] não se restringe ao contexto de tepe (neste caso, o glide se apaga em qualquer contexto posterior – [hoʊpa] ~ [hopa] *roupa*) ou se insere em outros contextos, como por exemplo: *passeio* (/pasejo/ [paseɪʊ]).

### 3.2.4 A DISSIMILAÇÃO NO DITONGO [ou]

Em 1953, o desaparecimento do ditongo /ou/ já era descrito por Câmara Jr. (1953, p. 45). Conforme o autor, o ditongo [ou] confundia-se com a vogal [o] e, por isso, não era realizado. No entanto, neste mesmo período, desfaz-se o contraste entre os fonemas /u/ e /l/ em coda, o que resulta no surgimento de decrescentes com [ɥ], tais quais, [eɥ], [aɥ].

Em 1969, o referido autor descreve a reincidência do ditongo /ou/ com a mudança do /l/ pós-vocálico (realizado em quase todos os dialetos como consoante velar) para o glide posterior /ɥ/. “Com essa articulação, não há /l/ pós-vocálico e multiplicam-se os ditongos de semivogal /ɥ/, inclusive /ou/, com /ɔ/ aberto, saído de /ɔl/” (CÂMARA JR. 1953, p.29).

Conforme Bisol (1989), o ditongo /ou/ é fonológico, i.e., pesado, capaz de atrair o acento, porém está sendo substituído por uma vogal simples, perdendo também sua capacidade semântica de distinguir vocábulos, a exemplo, ['koru] *coro* e ['kouɥu] ~ ['koru] *couro*. Isso ocorre tanto em palavras primitivas, derivadas e em limites de morfemas.

### 3.2.5 OS GLIDES INTERVOCÁLICOS

É unânime a afirmação de que a maioria dos glides consecutivos às vogais médias [- recuadas] e tônicas quando pospostos por outra vogal são introduzidos em algum nível da derivação, e não correspondem a uma representação no nível subjacente da língua, por exemplo, *passeio* com representação subjacente /pase]o/ e superficial [pa'seɥu]. Também é consenso que o objetivo de se introduzir um glide nesta posição é motivado para se evitar o hiato. Entretanto os autores discordam do posicionamento deste glide na sílaba e de como a inserção ocorre. Discutem-se essas ideias abaixo.

Conforme Câmara Jr. (1953) - em referência aos estudos de Nascentes (1946) - Câmara Jr. (1970), Lopez (1979) e Mateus (1982), os glides intervocálicos são apenas sons de transição entre vogais, sem valor distintivo. Ele surge devido a fatores mecânicos para desfazer os hiatos, sendo, somente, a realização fonética da vogal simples.

Segundo Câmara Jr. (1953; 1970) estes glides ocorrem tanto após as vogais [-recuadas] quanto [+recuadas] (*cheio* [ʃeyu]<sup>60</sup> e *tua* [tuwa]). Ele estabelece como unidade prosódica máxima de aplicação do processo a palavra fonológica – já que a inserção do glide não ocorre em *vê-a* (forma verbal *vê* com pronome *a* enclítico). Sua proposta tem por vantagem descrever a ocorrência do mesmo processo nos dois glides.

Lopez, diferentemente dos fonólogos da década de 90, afirma que o glide epentético localiza-se no onset, sendo introduzida após as regras de formação de conversão de vogal-glide (*boa* [bɔwa]) (LOPEZ, 1979, p.114). Após a inserção do glide G, um glide V é inserido após a vogal da sílaba anterior, para diminuir o impacto na passagem da vogal média para o glide G (*boa* [boɔwa] e *saia* [sajja]). O glide ‘G’ possuirá os mesmos valores de traços [recuado] e [arredondado] da vogal que o precedente: depois de /i/, /e/ ou /ɛ/ será [ɿ], depois /u/, /o/, /ɔ/ serão [ʊ] (LOPEZ, 1979, p.41). Ele é inserido independentemente se as vogais são, ou não, acentuadas. Essa proposta complica a descrição durante a derivação, além de inserir o glide no onset. Essa proposta é problemática porque o glide intervocálico (como o que ocorre em *g[ɔ]aba*) funciona na língua como o glide VG (*g[aj]ta*), isto é, não alterna com o hiato, sendo assim, diferente do GV (*d[ɿ]abo*).

Para Mateus (1982), estes glides são inseridos por regras de ditongação, sendo o contexto *anterior* e o contexto *posterior* determinantes. Um glide [-recuado] é inserido após uma vogal [-alta], [-recuada] [+acento] se esta for seguida por uma vogal que não seja [+alta]. Isso explica o fato que os glides não se inserem antes de vogais [+altas]: *judeu* (a representação fonética é [ʒu'deɯ] e não \*[ʒu'deɯ]) e *céu* ([ˈseɯ]). Palavras como *rodeio* [ho'deɯ] e *correio* [koreɯ] não são consideradas exceções porque o glide (advindo de uma vogal) ocorre antes da neutralização da vogal final [-alta] para [+alta].

Silva (1992, 1996) afirma que considerar os glides intervocálicos no onset é a hipótese mais simples, mas não os estabelece assim, porque, no PB, formas como \*[ˈlakaɯ], seriam possíveis. Entretanto se as proparoxítonas no PB são exceção<sup>61</sup>, a ausência de formas como \*[ˈlakaɯ] pode ser atribuída a uma lacuna natural de um conjunto defectivo que persiste no sistema sincrônico atual.

<sup>60</sup> Em seu livro, Câmara Jr. (1953) utiliza a representação fonética [xeiyu] para *cheiro* e [tuwa] para *tua*. Optou-se por adaptá-las à representação atual.

<sup>61</sup> O PB tende a acentuar as palavras na penúltima ou última sílaba da borda direita da palavra, ocorrendo, assim, um número limitado de palavras proparoxítonas que tendem a se reduzir ao formato paroxítono, quando permitido pelo padrão silábico: *xícara* [ˈxikra], *fósforo* [ˈfosfru], *abóbora* [aˈbɔbra].

Para Couto (1994), o glide intervocálico é ambissilábico (sobre ambissilabidade, ver seção 2.2.1 no capítulo 2). O autor se limita ao estudo dos glides intervocálicos que são fonológicos (como em *coiote*, *ceia*, *bóia*, etc). Primeiro, há a formação do ditongo decrescente e o glide é dominado pelo núcleo. Posteriormente, há a formação do ditongo crescente. Nesta sílaba, o glide também é posicionado no núcleo, mas depois passa a se ocupar uma posição (C) na onset, formando o padrão CV. No entanto, se a vogal após o glide for tônica, haverá o processo inverso (*teiú*, *piaiense*), com a formação do ditongo crescente primeiro e posteriormente a criação do ditongo decrescente. Neste caso, o ditongo crescente não alterna com o hiato e, nas palavras do autor, “parece estar até mesmo a nível fonológico” (COUTO, 1994, p. 140).

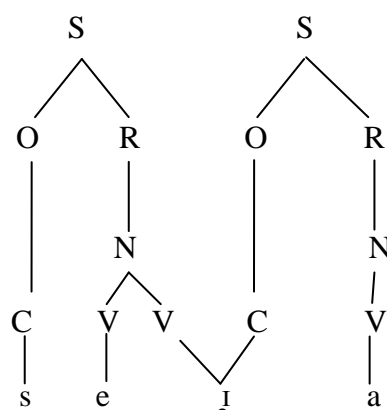


FIGURA 38 – Estrutura do glide intervocálico ambissilábico por Couto (1994)  
Fonte: COUTO, 1994, p. 135.

A proposta da ambissilabidade de Couto (1994), à luz do que Kahn (1976), é vantajosa porque expressa com exatidão o que observa nos falantes do PB ao solicitá-los que separe as sílabas de palavras com glide intervocálico. Sua análise também instiga a investigação do glide GV como fonema consonântico (C), o que parece simplificar ainda o sistema do PB

### 3.2.6 A VOCALIZAÇÃO DA CONSOANTE [l]

No PB, a consoante [l], quando localizada na coda silábica pode sofrer o processo de vocalização e realiza-se como [ɥ], formando um ditongo com a vogal precedente [‘sal’

[saɔ̃]]. Segundo Leite (1974), o [l] também pode vocalizar para [i] no processo de formação de plural do PB: *hotel hotéis, funil funis e hábil hábeis*.

Nesta seção vislumbrou-se a revisão literária das propostas sobre o glide tido como pós-lexical e/ou daqueles que apresentam uma discussão própria, à parte da discussão geral sobre o status fonêmico do glide.

## 3.2.7 SÍNTESE DAS PROPOSTAS

QUADRO 14  
Interpretação dos Glides GV e VG

Autores	Fonema ou Alofone	
	GV	VG
<i>Câmara Jr. (1953)</i>	Alofone livre	Fonema
<i>Câmara Jr. (1969)</i>	Alofone livre	Fonema
<i>Câmara Jr. (1970)</i>	Alofone livre	Alofone. Os ditongos VG fonológicos só existem em sílaba tônica
<i>Leite (1974)</i>	Alofone depende da velocidade de fala	Alofone depende do acento
<i>Lopez (1979)</i>	Alofone	Alofone de um segmento subespecificado
<i>Mateus (1982)</i>	Alofone	Alofone depende do acento
<i>Bisol (1989)</i>	Alofone livre Resultado de Ressilabificação	Alofone
<i>Bisol (1999)</i>	Alofone livre Resultado de Ressilabificação	Alofone
<i>Silva (1992)</i>	Alofone Charme neutro	Alofone Charme neutro Depende do acento
<i>Collischonn (1996, 1997)</i>	Alofone resultado de Ditongação	Fonema
<i>Wetzels (1997, (2000a, b, 2009)</i>	..	Fonema
<i>Lee (1999)</i>	..	Alofone

QUADRO 15  
Interface Glide e Acento

Autores	Acento	Sensibilidade ao Peso
<i>Câmara Jr. (1953)</i>	fonêmico	não
<i>Câmara Jr. (1969)</i>	fonêmico	não
<i>Câmara Jr. (1970)</i>	fonêmico	não
<i>Leite (1974)</i>	..	..
<i>Lopez (1979)</i>	Última vogal do radical	não
<i>Mateus (1982)</i>	Regra acentua-se a sílaba paroxítone	não
<i>Bisol (1989)</i>	Sensível à estrutura silábica	sim
<i>Bisol (1999)</i>	Sensível à estrutura silábica	sim
<i>Silva (1992)</i>	Lexical (Idiossin-crático)	não
<i>Collischonn (1996, 1997)</i>	Idem a Bisol (1992)	sim
<i>Wetzels (1997, 2000a, b, 2009)</i>	Cap.II	sim
<i>Lee (2007)</i>	Cap. II	não

QUADRO 16  
Interface Glide e Sílabas

Autores	Localização na Sílabas:		Molde Silábico Glide VG	Silabificação
	Glides Pré-vocálicos	Glides Pós-vocálicos		
<i>Câmara Jr. (1953)</i>	..	Centro de sílabas polifonemático	..	Não contínua
<i>Câmara Jr. (1969)</i>	..	Paralelo à consoante (coda)	CVC	..
<i>Câmara Jr. (1970)</i>	..	Núcleo	CV <sup>v</sup> CV	..
<i>Leite (1974)</i>	..	..	..	..
<i>Lopez (1979)</i>	Onset	..	..	Não contínua
<i>Mateus (1982)</i>	..	..	..	..
<i>Bisol (1989)</i>	Onset Ramificado Ressilabificação	Núcleo junto à vogal	CCV <sup>v</sup> C	Realizada após a aplicação de cada regra
<i>Bisol (1999)</i>	Onset Ramificado Ressilabificação	Coda Paralelo à consoante	CCVC	Processo contínuo
<i>Silva (1992)</i>	Núcleo	Núcleo junto à vogal	..	Não contínua
<i>Collischonn (1996, 1997)</i>	..	Coda Paralelo à consoante	CCV <sup>v</sup> C	Silabificação é Cíclica (Input para o acento que é cíclico nos nomes)
<i>Wetzels (1997, 2000a, b, 2009)</i>	..	Paralelo à consoante (coda)	..	..
<i>Lee (1999)</i>	..	Núcleo junto à vogal	..	Não contínua (OT)

## **CAPÍTULO IV: AFINAL, O QUE SÃO OS GLIDES?**

---

Ao sintetizar o desenvolvimento dos estudos dos glides no PB, o *capítulo 3* expõe variações na avaliação do acento, peso silábico, sílaba e silabificação e não se esgota nisso, apresentando, em segundo plano, a evolução teórica sofrida pela fonologia. Como foi visto, sob estas variantes, as análises dos glides, destoam, mas também convergem e buscam, algumas vezes, em propostas de valor histórico, a solução para alguns problemas atuais.

Com base nisso, visa-se, neste capítulo, pesar essas propostas, sob os dados, sob as análises acentuais e silábicas atuais do PB e alicerçados em um suporte teórico atualizado, apresentado principalmente no *capítulo 2*, mas também estendidos ao *capítulo 3*. As principais divergências, apontadas pelo *capítulo 3* foram:

### 1 A representação fonológica dos glides GV:

- a. são fonemas (CÂMARA JR., 1953; COLLISCHONN, 1997);
- b. são segmentos subespecificados (LOPEZ, 1979);
- c. são alofones devido:
  - à silabificação (BISOL, 1989, 1999; SILVA, 1992);
  - ao acento primário (CÂMARA JR, 1970; LEITE, 1974; MATEUS, 1982; SILVA, 1992).

### 2 Sensibilidade ao peso silábico

- a. é sensível (BISOL, 1989; WETZELS, 1992, 1997, 2000a, b, 2009);
- b. não é sensível (CAMARA JR., 1953, 1969, 1970; LEITE, 1974; MATEUS, 1982, SILVA, 1992; LEE, 2007)

### 3 Posicionamento silábico do glide VG:

- a. núcleo ramificado (BISOL, 1989; SILVA, 1992);
- b. coda, paralelo às demais consoantes (CÂMARA JR., 1969; COLLISCHONN, 1997; WETZELS, 1997; BISOL, 1999).

### 4 Posicionamento silábico do glide GV:

- a. núcleo ramificado (SILVA, 1992);
- b. onset (LOPEZ, 1979; BISOL, 1989, 1999).

5 Glides GV dorsal, após uma velar, podem ser:

- a. ditongos (CAMARA JR., 1970)
- b. segmentos complexos:
  - marcados lexicalmente (BISOL, 1989);
  - previsíveis pelo acento primário (SILVA, 1992).

6 Glides GV pós-tônicos:

- a. alternam com vogais (CÂMARA JR., 1953);
- b. não alternam com vogais (SILVA, 1992).

As análises demonstradas no *capítulo 3*, de um modo ou de outro, convergem em afirmar:

- 1 que os glides GV são alofones livres de vogais altas – exceto Couto (1994)
- 2 que os glides GV e glides VG são diferentes no PB.

Com relação às exposições realizadas no *capítulo 2*, as análises do *capítulo 3* não (ou pouco) discutem:

- 1 a relação possível entre glides e morfemas
- 2 a possibilidade fonológica do glide GV pós-tônico
- 3 a alternância dos glides VG pré-tônicos (apenas é discutida em Silva (1992)).

A primeira parte desta análise é dedicada a apontar vantagens, desvantagens e quando possível, uma resposta, para os itens acima. A segunda é dedicada à análise particular de alguns glides quanto a sua representação fonológica. Inicia-se esta parte discutindo a representação dos glides. O objetivo deste item é encontrar argumentos que favoreçam, ou não, as propostas apresentadas: se são fonemas, segmentos subespecificados ou alofones devido à silabificação ou ao acento primário.

#### 4.1 A REPRESENTAÇÃO FONOLÓGICA DOS GLIDES

O melhor vestígio para a existência de um fonema é o par mínimo. Ele seria um argumento imbatível para a interpretação dos glides como fonemas, no entanto, segundo Câmara Jr. (1969), baseado em sua tentativa de estabelecê-los em 1953, não existem pares mínimos entre glides e vogais altas no PB (ver *seção 3.1.1.1 do capítulo 3*). Em 1970, o autor confirma essa afirmação e propõe que os glides de ditongos decrescentes átonos são alofones vocálicos. Entretanto, deixando de lado, por um momento, os exemplos deste autor, observem os seguintes exemplos, em parte, ainda não explorados:

- |           |                       |   |
|-----------|-----------------------|---|
| 1a. baía  | [ <sup>h</sup> baia]  | <i>tabique ou trave que nas cavalarias separa os cavalos</i>      |
| 1b. baía  | [ba <sup>h</sup> ia]  | <i>pequeno golfo cuja entrada é mais estreita que o interior.</i> |
| 2a. doido | [ <sup>h</sup> doido] | <i>que perdeu a razão, alienado</i>                               |
| 2b. doído | [do <sup>h</sup> ido] | <i>sensibilizado</i>  |
| 3a. sábia | [ <sup>h</sup> sabia] | <i>diz-se do que sabe muito: erudito</i>                          |
| 3b. sabia | [sa <sup>h</sup> bia] | <i>1ª e 3ª pessoa do singular, modo indicativo, verbo saber</i>   |

Pela análise de Câmara Jr. (1970), esses exemplos não poderiam ser pares mínimos porque a alternância entre o glide e a vogal é acompanhada da alternância acentual, o que proporciona um par análogo. Contudo as análises acentuais de Bisol (1992), Wetzels (1992) e Lee (1994, 1995, 1997, 2002, 2007), no *capítulo 2*, mostram que o acento é previsível. Assim, com base nesta condição acentual e na hipótese de o glide ser um fonema (/<sup>h</sup>baia/ e /ba<sup>h</sup>ia/), observa-se a possibilidade de existência de raríssimos pares mínimos entre glides e vogais altas no PB. Para isso, antes, faz-se necessário revisar o sistema fonológico do PB e verificar se essa opção é a mais vantajosa.

#### 4.1.1 A INTERPRETAÇÃO ALOFÔNICA DOS GLIDES

As análises que se posicionam a favor dos glides VG como alofones baseiam-se ou no acento, ou na silabificação para obtê-los. Discute-se primeiro, os argumentos baseados no acento e que são expressos pelas análises de Câmara Jr. (1970), Leite, (1974), Mateus (1982) e Silva (1992).

Câmara Jr. (1970) afirma que todos os glides VG localizados em sílaba átona são alofones porque podem alternar com o hiato, assim como os glides GV (só que, neste caso, independe do acento). Isso é possível em alguns dados como: *vai'dade*, *cai'pira*, *reunião* (*reúne* [re'lune]) e *traizão* (ver *padrão 1*, abaixo). No entanto, em muitos outros casos, essa alternância não é possível, sendo o glide obrigatório: *coi'tado*, *dei'tado*, *auto'mático*, *azei'tona* e *sau'dade* (ver abaixo, *padrão 2*).



FIGURA 39 – Interface fonologia e fonética do glide  
1- Com alternância livre  
2- Sem alternância livre

Observa-se nos dados acima que a proposta acentual de Câmara Jr.(1970) não condiz com os dados do PB. Observa-se, também, pelos padrões, que a proposta alofônica é problemática na previsão dos possíveis alofones nos casos supracitados. Se os glides forem considerados alofones de vogais altas, quais critérios devem ser utilizados para se prever corretamente os casos em 1 e 2, acima, se ambos ocorrem num mesmo contexto acentual (sílabas pré-tônica átona) e, ou, segmental (como em *sau'dade* e *vai'dade*)?

Para uma proposta alofônica dar conta destes dados, independente do sistema teórico utilizado (baseado no ordenamento ou em restrições), a palavra que alterna livremente com o hiato (padrão 1 acima) deverá ter algum tipo de marcação, para que seja corretamente reconhecida e não ter sua vogal transformada em glide. Essa vogal só poderá se transformar em glide no nível fonético, pela ditongação. Essa proposta é semelhante à de Bisol (1999). A obtenção do glide obrigatório seria função da silabificação.

Leite (1974) também afirma que os glides são alofones devido ao acento. Segundo a autora, toda vogal [+alta] que está à direita do acento torna-se glide. Essa afirmação é correta, pois a vogal alta antecedida por vogal só se realiza se for acentuada, exceto na posição pré-tônica, já apresentada acima. Além disso, o acento nunca é atribuído ao glide que, geralmente, atribui peso à sílaba e atrai o acento que se aplica a sua direita. No entanto, sua proposta é problemática, como já foi exposto no *capítulo 3*, por estabelecer o padrão paroxítono para o PB e ter o acento, muitas vezes, aplicado na sílaba proparoxítônica (padrão considerado irregular por muitos autores), pois os glides vão ser derivados após o acento. A autora explica bem os glides VG pós-tônicos, porém apresenta uma proposta desfavorável ao acento. Vejam abaixo:

Forma Subjacente	gaita	gaufo
Acento paroxítono	'gaita (proparoxítono?)	ga'ufo
Formação de Glide $V \rightarrow G/C_0 \quad V \quad (C_0 V) \text{ _____} .$ <span style="margin-left: 100px;">(+ acento)</span>	'gaita	_____
Forma Fonética	'gaita	ga'ufo

FIGURA 40 – Derivação de glides a partir de vogais altas

Na derivação acima, também é problemático propor que as estruturas CVVCV que, posteriormente, formarão glides são marcadas devido ao acento. Segundo Bisol (1999), nestes casos, a silabificação não marcada é aquela que gera o glide, contudo, vê-se o contrário acima: são os hiatos que não são marcados.

Em Mateus (1982), os glides também são alofônicos. Parte deles é derivada antes do acento (*leite*, *gaita*) para que eles possam ser atribuídos corretamente e outra parte após o acento (*judeu*). A autora explica bem o acento, mas é problemática na explicação dos glides, pois não há como saber quais vogais altas tornar-se-ão glides antes de o acento se aplicar. Em sua análise, palavras como *viúva*, *gaúcho*, *egoísta* seguem o padrão proposto para o acento, mas têm a mesma estrutura de uma palavra, na qual, a vogal alta se torna glide (*ra[ɹ]va*), no entanto, a vogal alta se realiza e recebe o acento. O sistema utilizado pela autora e em geral, as análises alofônicas, não conseguem explicar estes dados.

A última análise que fundamenta a existência dos glides pelo acento é proposta por Silva (1992). A realização do glide depende da silabificação e do OCP, mas a sua obrigatoriedade, depende de sua posição com relação ao acento na palavra. Assim, ditongos leves pré-tônicos podem alternar livremente com vogais (*k[i]abo*, *k[ɹ]abo*), enquanto que os

ditongos pós-tônicos, não podem (*ág[ʊ]a*)<sup>62</sup>. O único caso em que os glides de ditongos crescentes pré-tônicos não alternam com vogais são aqueles em que os glides formam um segmento complexo (BISOL, 1989; SILVA, 1992) com a consoante velar (*lin[gʷ]ística*). Silva (1992) satisfatoriamente une a possibilidade fonética de alternância com a representação do glide GV como parte de um ditongo, ou parte de um segmento complexo. Entretanto sua análise apresenta problemas.

O primeiro problema está no conjunto de palavras *água*, *aguaceiro*, *aguar* e *aguado*. Enquanto que a alternância é coibida nas duas primeiras palavras, ela é permitida nas duas últimas. Conforme Silva (1992), a alternância é coibida em *água* porque o ditongo é pós-tônico; é coibida em *aguaceiro* porque há um segmento complexo e é permitida em *aguar* e *aguado* porque há um ditongo leve pré-tônico. Observa-se com essa variedade de explicações fonológicas que a fonologia não é capaz de interpretar a relação morfológica existente entre este grupo de palavras.

Observa-se nos dados acima que a realização do glide GV obrigatório parece estar ligada a sua classificação lexical. Se ele está em nomes, a alternância é coibida, se está em verbos (neste caso, devem estar na sílaba tônica), ela é permitida. No entanto os verbos como *adequar* e *averiguar* não permitem essa alternância. Poder-se-ia propor, também, que o glide pode alternar com a vogal alta somente quando está posicionado em sílaba tônica. Contudo, os não verbos *língua*, *linguagem*, *linguajar*, *linguístico*, *linguista* apresentam glide obrigatório em sílaba pré-tônica, tônica e pós-tônica. Conclui-se que, o acento, não é a melhor solução para estabelecer os glides GV como segmentos complexos ou como ditongos.

Propõe-se que o glide dorsal antecedido por velar é fonológico quando não há alternância livre com uma vogal alta (*quando* [kʷãdu]). Se ele puder alternar com uma, então, é obtido no nível fonético (*coando* [kuãdu] ~ [kʷãdu]). Particularmente, para explicar a palavra primitiva *agua* e seus derivados, propõe-se a existência de duas entradas lexicais, uma com glide (–agʷa) para o radical nominal e uma com vogal alta (–agua) para o verbo. A representação silábica será discutida à frente.

No PB, o acento pode influenciar a inserção de glide somente em duas situações: a primeira, quando a sílaba tônica está em posição final de palavra (*feiz*, *arroiz*) ou no contexto intervocálico, após vogal acentuada (*co'reia*, porém *core'ano*). Estes dados serão

<sup>62</sup> Conforme Silva (1992, p. 86) enquanto que as sequências iV/uV pré-tônicas podem ocorrer ou como uma sequência de glide e vogal ou como uma sequência de vogais, os glides de sequências iV/uV pós-tônicas não podem se alternar com as suas vogais altas correspondentes.

detalhados à frente. Assume-se, com o exposto, que o acento não é o melhor índice para determinar se os glides são alofones no PB.

As análises que interpretam os glides como alofones com base na silabificação são Silva (1992), Bisol (1999) e Lee (1999).

A obtenção dos glides pela silabificação em Silva (1992) é problemática, porque a autora assume que o acento pode ser atribuído em qualquer uma das três últimas sílabas da borda direita do radical ou do sufixo derivacional e a silabificação depende do acento para gerar o glide. Assim, em exemplos como *ra[ɫ]va* e *viúva*, a silabificação gera o glide, no primeiro exemplo, porque o acento não se aplicou. Como afirmado no capítulo 2, este trabalho entende que o acento no PB é previsível e que ele depende da estrutura silábica para identificar sílabas pesadas e leves e se aplicar corretamente, o contrário do proposto por Silva (1992).

Já Bisol (1999) descreve como os glides VG são obtidos a partir da silabificação. Conforme a autora, a produção do ditongo é resultado da regra de formação de coda. Os hiatos que não sofrem essa regra devem ser lexicalizados e o acento imprevisível (*saúva*, *saída*, *baú*). Bisol (1999) assume, deste modo, que essas palavras são marcadas. Deverão ser marcadas também as sequências VG pré-tônicas que alternam com sequências VV.

Sua análise apresenta alguns problemas ao propor que os glides VG são alofones. Primeiro, porque para a autora os glides são obtidos pela silabificação que antecede o acento no léxico. Isso viola o Princípio de Preservação de Estrutura, pois o alofone é gerado no léxico e não depende do ambiente derivado. Outro problema é afirmar que os glides são derivados no léxico, quando, em bordas de morfemas, contexto que alimenta a ocorrência de regras fonológicas, a sequência geralmente tende à formação de hiatos (*caféina*, *jesuíta*, *heroísmo*). A tendência ao glide existe apenas entre morfemas de flexão regular e de número.

Já a proposta de Lee (1999), para a silabificação, pressupõe que o glide VG é fonológico, posicionado no núcleo ramificado, enquanto o glide GV é fonético (LEE, 1999, p.146). No entanto, como mostra o capítulo 3, sua análise não consegue explicar os dados que contêm glides. Uma solução possível seria posicionar a restrição NO COMPLEX acima da restrição ONSET e NO CODA. Com isso, o ranking consegue gerar o hiato, output ótimo para as sequências  $V_{[-aberto\ 2]}V$  (ver TABLEAU 5). A restrição NO COMPLEX não pode se posicionar acima de  $DEP^{Nuc}$  porque excluiria outputs que contêm sequências consonantais no onset como *prato* [pratu], *plano* [planu] (ver LEE, 1999, p. 151). Observem abaixo:

TABLEAU 5

/hiafo/ CVVCV	Max	Dep <sup>Onset</sup>	Coda-Cond [- vocálico] [+soante]	Dep <sup>Nuc</sup>	No Complex	Onset	No Coda
1. hi.□a.fo		*!					
2. ha.fo	*!						
3. h̄a.fo (CVV.CV)					*!		
4. h̄ra.fo (CCV.CV)					*!		
☞ 5. hi.a.fo						*	

Para obter o output correto, as restrições MAX, DEP<sup>ONSET</sup> e NO COMPLEX devem ser ranqueadas acima da restrição ONSET. MAX proíbe o apagamento de segmentos, DEP<sup>ONSET</sup> coíbe a inserção de onset e NO COMPLEX proíbe que os constituintes tenham mais que um elemento. O hiato só pode ser escolhido como candidato ótimo porque viola uma restrição baixa do ranking. No entanto, este mesmo ranqueamento não consegue descrever as sequências VV<sub>[-aberto 2]</sub> que alternam com glides VG ([vaɪdade][vaidade])(ver TABLEAU 6), os glides obrigatórios ([gaɪta]) e nem os hiatos obrigatórios se o input for, em todos os casos, uma vogal alta e todos os glides alofônicos:

TABLEAU 6

/vaidade/ CVVCVCV	Max	Dep <sup>Onset</sup>	Coda-Cond [- vocálico] [+soante]	Dep <sup>Nuc</sup>	No Complex	Onset	No Coda
1.va.□i.da.de		*!					
2.va.da.de	*!						
3.vaɪ.da.de (CVV.CV.CV)					*!		
☞ 4.vaɪ.da.de ☉ <sup>*</sup> (CVC.CV.CV)							*
5.va.i.da.de☺						*!	

Neste TABLEAU, o output esperado seria o candidato 5, com realização do hiato. Nestes casos, o glide também é aceitável no PB, mas ele provém de uma regra não obrigatória, pós-lexical, que transforma a vogal em glide. Outro problema neste tableau é que o candidato 4, com glide consonântico, compete com o hiato, ao invés do candidato 3, com

glide ramificado no núcleo, conforme o molde de Lee (1999). O tableau não consegue obter o resultado desejado, mesmo que se considere ambos os candidatos 3 e 5 como ótimos.

No TABLEAU 7, abaixo, o resultado esperado é o glide. O ranqueamento obtém como resultado ótimo o glide alofônico posicionado na coda silábica. Vejam abaixo:

TABLEAU 7

/gaita/ CVVCV	Max	Dep <sup>Onset</sup>	Coda-Cond [- vocálico] [+soante]	Dep <sup>Nuc</sup>	No Complex	Onset	No Coda
1. ga.□i.ta		*!					
2. ga.ta	*!						
3. gại.ta ☹ (CVV.CV)					*!		
☞ 4. gại.ta ●☼ (CVC.CV)							*
5. ga.i.ta						*!	

Novamente, este tableau é problemático porque o resultado esperado seria o output 3, com glide posicionado no núcleo ramificado, porém é escolhido como ótimo o output localizado na coda silábica.

No TABLEAU 8, abaixo, observa-se que o ranking proposto ainda não consegue explicar o hiato obrigatório:

TABLEAU 8

/saude/ CVVCV	Max	Dep <sup>Onset</sup>	Coda-Cond [- vocálico] [+soante]	Dep <sup>Nuc</sup>	No Complex	Onset	No Coda
1.sa.□u.de		*!					
2.sa.de	*!						
3.sạu.de (CVV.CV)					*!		
☞ 4.sạu.de ●☼ (CVC.CV)							*
5.sa.u.de ☹						*!	

Observa-se, no tableau supracitado, que o posicionamento de ONSET acima de NO CODA faz com que o resultado obtido, erroneamente, seja o glide. Logo, o ranqueamento de NO CODA sobre ONSET resolveria o problema. O tableau ficaria assim:

TABLEAU 9

/saude/ CVVVCV	Max	Dep <sup>Onset</sup>	Coda-Cond [- vocálico] [+soante]	Dep <sup>Nuc</sup>	No Complex	No Coda	Onset
1.sa.□u.de		*!					
2.sa.de	*!						
3.sa <sub>u</sub> .de (CVV.CV)					*!		
4.sa <sub>u</sub> .de (CVC.CV)						*!	
☞ 5.sa.u.de							*

Esta alteração não afeta o TABLEAU 5, que continua obtendo corretamente o output ótimo em palavras com glide GV . Essa alteração também consegue gerar o output correto para a palavra *vaidade*. Observem abaixo:

TABLEAU 10

/vaidade/ CVVVCVCV	Max	Dep <sup>Onset</sup>	Coda-Cond [- vocálico] [+soante]	Dep <sup>Nuc</sup>	No Complex	No Coda	Onset
1.va.□i.da.de		*!					
2.va.da.de	*!						
3.va <sub>i</sub> .da.de (CVV.CV.CV)					*!		
4.va <sub>i</sub> .da.de (CVC.CV.CV)						*!	
☞ 5.va.i.da.de							*

Por fim, este ranqueamento consegue obter o output mais harmônico quando o segmento deve ser fiel à silabicidade representada no input. Contudo, a alteração do ranqueamento dessas restrições não soluciona o problema, porque ela não consegue prever o candidato ótimo no TABLEAU 7, isto é, o glide. Ele é reproduzido abaixo. Vejam:

TABLEAU 11

/gaita/ CVVCV	Max	Dep <sup>Onset</sup>	Coda-Cond [- vocálico] [+soante]	Dep <sup>Nuc</sup>	No Complex	No Coda	Onset
1. ga.□i.ta		*!					
2. ga.ta	*!						
3. gaᵛi.ta ☹ (CVV.CV)					*!		
4. gaᵛta (CVC.CV)						*!	
☞ 5. ga.i.ta 🍷							*

Outras possibilidades também foram testadas. Por exemplo, desmembrar a restrição NO COMPLEX em duas: NO COMPLEX<sup>NUCLEO</sup> e NO COMPLEX<sup>ONSET</sup>. Como foi dito, NO COMPLEX<sup>ONSET</sup> não pode se posicionar acima de DEP<sup>NUCLEO</sup> porque obteria como output *p□rato* ao invés de *prato*. Já posicionar NO COMPLEX<sup>NUCLEO</sup> na parte alta do ranking não auxiliaria na obtenção do output correto, pelo contrário, excluiria o candidato que apresentasse o glide ramificado no núcleo, o qual, o autor propõe como ótimo no TABLEAU 7.

Acima, observa-se que o ranqueamento proposto por Lee (1999) não dá conta de explicar os hiatos e as sequências VG se o glide somente existir como alofone. Mesmo com a mudança de posição de restrições no ranking ou acréscimo de novas restrições, todos os outputs esperados não se realizam. Em outros casos, o glide posicionado no núcleo ramificado, proposto pelo autor, nem concorre até a última restrição com o candidato escolhido. O ranqueamento de Lee (1999), com as modificações expressas acima tende a privilegiar o glide localizado na coda em detrimento do glide ramificado no núcleo.

Nesta seção, demonstrou-se que o estabelecimento dos glides como alofones é problemático tanto para as análises que os relacionam com a silabificação quanto para as análises que os relacionam com o acento. É também problemático para as análises que são fundamentadas tanto no ordenamento (pressuposto pelas teorias *Gerativa Padrão*, *Gerativa não linear* e *Fonologia Lexical*) quanto para a OT. Em geral, essas análises têm dificuldades em explicar a ocorrência de glides e hiatos em contexto semelhante, a tendência do hiato entre morfemas derivacionais e a tendência pelo ditongo entre morfemas de flexão regular e de número.

#### 4.1.2 GLIDES COMO SEGMENTOS SUBESPECIFICADOS

Outra forma de organizar os glides no PB é interpretá-los como segmentos subespecificados para silabicidade, como propõe Lopez (1979). Essa proposta fundamenta-se na distribuição complementar entre glides e vogais altas. Um bom argumento para esta proposta seria a distribuição das codas antes de consoantes soantes palatais [ʎ, ɲ]: enquanto os glides VG, e também as consoantes, são coibidos nesta posição, apenas o hiato ([ha'ɲna] *rainha*, [mo'ɲɲu] *moinha*, [fa'uʎa] *faúlha*) é possível. Entretanto, essa distribuição oferece dois indícios importantes para a análise fonológica:

- a) glides e vogais altas podem estar em distribuição complementar.
- b) glides têm a mesma distribuição que as consoantes;

O item (a) representa a subespecificação de Lopez (1979). Enquanto os dados acima confirmam sua análise, outros dados a refutam: antes de consoante [+soante], [+anterior] tanto o glide quanto a vogal alta ocorrem (*s[u'i]no*, *It[a'u]na*) versus (*'b[ɔ]na*, *ʃ[au]na*). Neste caso, um dos dois grupos deve ser marcado no léxico, caso essa análise seja a melhor para o glide.

O item (b) representa a proposta de Wetzels (2000a). Ela estabelece que a nasal/lateral seja fonologicamente geminada. Assim, ele explica que as consoantes e os glides não ocorrem nesta posição porque ela já está preenchida. Isso corrobora com a hipótese do glide ser consonantal e localizado na coda silábica (item b). Este trabalho concorda com a interpretação de Wetzels (2000). Entretanto, assumir a hipótese das consoantes geminadas é anular o principal argumento para a hipótese de Lopez (1979), pois a aparente distribuição complementar antes de [ʎ, ɲ] deixa de ser explicada pela existência de um segmento subespecificado /i/ ([α silábico]) e passa a ser explicada pela palatal geminada.

Ainda há outro problema para a análise de Lopez (1979). Foneticamente, o hiato (VV) que alterna livremente com a sequência GV (*'c[ɥɛ]ca* ~ *c[u'ɛ]ca*, *p[ɥɛ]'dade* ~ *p[ie]'dade*) e o hiato obrigatório (*f[l'u]or*, *pe[r'u]a*, *teo[r'i]a*) podem ocorrer em contextos iguais, assim como os glide VG, o que também dificulta uma análise baseada num segmento subespecificado:

co'me[di]a ~ co'me[d̥i]a - rebel[d'i]a      abrangê[n[s'i]a ~ abrangê[n[s̥i]a - acroba[s'i]a  
 [pi]'olho ~ ['p̥i]olho - ['pi]o      d[ʎo]'cese ~ d[io]'cese - med[i'o]cre

Para driblar os exemplos acima, que desfavorecem a análise baseada na subespecificação, Lopez (1979) deriva os glides GV de vogais plenamente especificadas (que, em sua análise estão em alofonia contextual com os glides VG). Isto é, para a autora, a língua tem um elemento subespecificado 'V' que se torna vogal V – isso deve ocorrer antes do acento, pois é indispensável que o segmento seja especificado para que ele se aplique corretamente - e posteriormente, no nível mais baixo, sob influência do acento, pode se tornar um glide GV. Com isso, Lopez (1979) complica o sistema durante a derivação, para não assumir que glides e/ou vogais altas estejam especificados na subjacência.

#### 4.1.3 A INTERPRETAÇÃO FONÊMICA DOS GLIDES

Observou-se, acima, a dificuldade em se descrever os glides GV, os glides VG alternantes (*vai'dade*, *reunião*) e não alternantes (*coi'tado*, *auto'mático*, *azei'tona* e *sau'dade*) e o hiato, ao se estabelecer que todos os glides são alofônicos. Diferentemente dessa proposta, a hipótese do glide fonêmico é mais simples. Para que os dois padrões sejam previstos corretamente basta que haja um glide no input do *padrão 2* (*figura 39 da seção 4.1.1*). Vejam, abaixo, o *padrão 2* reformulado:

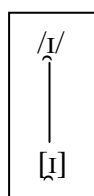


FIGURA 41 – Padrão 2 reformulado

Neste caso, a silabificação mapeia o glide subjacente, que se realiza obrigatoriamente. A comparação das duas possibilidades tem como melhor explicação aquela que estabelece os glides como fonemas, pois é mais simples e prevê os dados. Neste caso, o PB é uma língua que segue o *padrão 2* de Levi (2003) (ver *figura 3, seção 2.1.1, capítulo 2*). Essa proposta estabelece que alguns glides são fonêmicos. Eles nunca alternam com as

vogais. Os glides que são alternantes com sequências VV são obtidos no nível fonético. Os tipos de glides, no PB, podem ser descritos assim:

QUADRO 17  
Os tipos de glides do Português Brasileiro

<i>Forma Fonológica (input)</i>	<i>Estrutura Subjacente</i>	<i>Alternância Livre com Vogais Altas</i>	<i>Forma Fonética: output</i>
1 je̞to, la̞do	VG	Não	'je̞to, 'la̞do
2 aze̞tona, de̞tado	VG	Não	aze̞'tona, de̞'tadu
3 vaidade, reuniR	VV <sub>[-aberto 2]</sub>	Sim	vai'dadʃɪ~vai'dadʃɪ, reu'nir~reu'nih
4 afiado, suave	V <sub>[-aberto 2]</sub> V	Sim	afi'adu~a'fiadu, su'avɪ~'suavɪ

Ainda são argumentos que corroboram para o estabelecimento do glide VG fonêmico: a possibilidade de ele ocorrer antes e após os mesmos segmentos que vogais altas em hiatos (*su[ʼin]o* e *b[ʼɔm]a*, *s[aʼud]e* e *ʼ[aʼud]o*) – como consequência disso, a hipótese de uma vogal subespecificada, proposta por Lopez (1979) e a hipótese de que ele é um alofone contextual vocálico são problemáticas – e a hipótese das soantes palatais e do erre forte geminados aliada as alternâncias dialetais, nas quais, glides VG substituem consoantes em processos fonológicos. Além de justificar o glide como fonema, eles evidenciam que os glides VG, estudados acima, têm a mesma distribuição que as consoantes.

Um problema da análise de Collischonn (1997) é a afirmação de que a silabificação é informação previsível a partir dos traços de sonoridade, preferencialmente, pelo traço [vocóide], assim, inclusive os glides, já seriam estabelecidos antes da silabificação. No entanto, discorda-se da autora quanto à possibilidade do traço [vocóide] identificar o glide. Como foi demonstrado no capítulo 2, esse traço, unido aos traços [aproximante] e [soante], possibilita apenas a identificação de obstruintes, nasais, líquidas e vogais. Soluciona esse problema com a admissão da análise de Hume (1994) (ver seção 2.1.2, capítulo 2).

Outro problema enfrentado pela hipótese do glide fonêmico (CÂMARA JR. 1953; COLLISCHONN, 1997) é conciliar, em uma única análise, os glides GV e VG. Se for cogitado que os glides VG são fonemas de distribuição semelhante à consonantal, deve-se admitir que, fonologicamente, os glides GV não ocorrem no onset, antes de vogal (somente outra vogal, formando a sequência VV), como proposto por Collischonn (1997).

Os glides GV não são subjacentes porque eles podem alternar livremente com as vogais altas. Propor que as vogais altas advêm de glides nestes dados não seria possível porque, ao se observar a palavra primitiva, comprova-se que há uma vogal acentuada

(*cax[í̃a]s*), que pode se tornar um glide na palavra derivada (*cax[ĩe]nse ~ cax[ɹe]nse*). Esse processo faz parte das regras de conspiração - inserção de consoante, formação de glide, ou apagamento de um dos segmentos – que coíbem o hiato. Elas são universais e observadas em várias línguas (no Francês, Havaiano e Alemão, etc.) (FERY; VIJVER, 2003).

Logo, as análises que defendem o glide fonêmico (CÂMARA JR. 1953; COLLISCHONN, 1997) têm que admitir uma distribuição defectiva, já que, no PB, fonologicamente, a distribuição consonantal corresponde a, no mínimo, duas posições: uma no onset e uma coda (ver ‘m’ e ‘l’ em /mal/ *mal*) e o glide só é um fonema na coda.

Em resumo, são vantagens ao se interpretar o glide como fonema: reduzir o número de palavras marcadas no léxico e simplificar a atribuição do acento e da silabificação. Já as vantagens de se propor o glide como alofone vocálico são: a redução do número de fonemas existentes na forma subjacente e, também, a unicidade, já que ambos os glides VG e GV são vogais subjacentes, porém o primeiro, derivado no léxico e o segundo, no pós-léxico.

São desvantagens ao se afirmar que glides são fonemas: o aumento do número de segmentos na forma subjacente e a ausência de glides subjacentes precedendo vogais. Já a desvantagem em interpretar os glides como segmentos alofônicos porque as vogais altas, mesmo em menor número, ocorrem nos mesmos contextos que eles, o que implica, também na marcação lexical.

## 4.2 INTERFACE ACENTO E SÍLABA

### 4.2.1 O ACENTO E OS GLIDES

Na *seção 4.1.1* (acima) foram explicitadas as análises que se baseiam no acento para interpretar os glides em descrições em que eles eram objeto principal de estudo. Neste tópico, ir-se-á analisar como a interpretação fonológica dos glides interfere nas descrições atuais para o acento.

No atual ambiente dos estudos fonológicos, a discussão sobre o acento gira em torno de duas propostas: ou ele é sensível à morfologia, aplicando-se à última vogal do radical, ou ele é aplicado no nível da palavra, sensível ao peso, aplicando-se à penúltima ou última sílaba da palavra (essas propostas são descritas no *capítulo 2*). A este trabalho não cabe discutir sobre a validade dessas propostas, já que a hipótese do glide VG fonêmico beneficia, igualmente, a ambas. Propor que o glide VG é um fonema faz com que os dados sigam o padrão acentual propostos pelas duas análises acentuais da *seção 4.2.1* do *capítulo 2*. Mostra-se isso, abaixo.

Como já afirmado no *capítulo 2*, as análises acentuais, de um modo ou de outro, contabilizam os segmentos vocálicos localizados a sua direita. Se os glides VG *não forem derivados antes da aplicação do acento*, as análises de Bisol (1992) e Lee (1994, 1997, 2002, 2007) não conseguirão explicar os dados das células sombreadas:

QUADRO 18  
Interface entre o acento e a hipótese do glide alofônico

	leite	pau	saude	eroína	bau
Bisol	le.'i.te (* .)	'pa.u (* .)	sa'u.de (* .)	e.ro.'i.na (* .)	ba.'u/C/ (* .)
Lee	le'it]e	'pa]u	sa'ud]e	ero'in]a	ba.'u]

Segundo Bisol (1999), nos exemplos localizados nas células sombreadas, os glides VG são a opção regular, mas sua análise acentual (BISOL, 1992) não consegue prevêê-los. Para resolver esse impasse sua análise apresenta duas possibilidades: derivar o glide antes do acento ([<sup>l</sup>le.i.te]) ou marcar a última sílaba como extramétrica ([<sup>l</sup>le.i<te>]). As duas

soluções não são adequadas. Primeiro, lembra-se que para se obter o glide antes do acento, é inevitável violar o Princípio de Preservação de Estrutura no léxico, segundo, porque como o glide é maioria nestes contextos, em oposição ao hiato, a marcação extramétrica tornar-se-ia uma regra e não uma exceção. Em 1999, ela marca os hiatos como exceção. Assim, além do hiato das palavras primitivas, também seriam marcados os hiatos de palavras derivadas descritas no *capítulo 2*.

Para que Lee (2007) obtenha a acentuação correta em *le'it]e*, esta palavra deverá receber o acento irregular, isto é, o acento é informação presente em sua representação subjacente (LEE, 2007, p. 136). Contudo a palavra *sa'ud]e*, de estrutura semelhante, tem o acento correto. A hipótese do glide alofônico seria problemática para a análise de Lee (2007), porque este autor marca o padrão proparoxítono, logo ele iria marcar os ditongos, quantitativamente expressivos na língua, como proparoxítonos, resultando no tratamento regular apenas os hiatos que são mais comuns em bordas de morfemas.

A proposta do glide alofônico aumenta significativamente o número de palavras que serão classificadas como proparoxítonas; padrão acentual irregular para o PB. Mas se os glides VG forem considerados fonêmicos, todos os dados são obtidos corretamente:

QUADRO 19  
Interface entre o acento e a hipótese do glide fonêmico

	le <sub>̃</sub> ite	pa <sub>̃</sub> u	saude	eroina	bau
Bisol	'le <sub>̃</sub> .te (* .)	'pa <sub>̃</sub> (* .)	sa'u <sub>̃</sub> de (* .)	e.ro.'i.na (* .)	ba.'u/C/ (* .)
Lee	'le <sub>̃</sub> t]e	'pa <sub>̃</sub> ]u	sa'u <sub>̃</sub> d]e	ero'in]a	ba.'u]

Como o glide na forma subjacente é reconhecido como segmento não vocálico pelas regras de atribuição de acento, o que evidencia seu caráter consonântico, assim, em Bisol (1992) a palavra *leite* recebe o acento proparoxítono, enquanto em Lee (2007) o acento é atribuído regularmente à última vogal do radical. O acento também será aplicado corretamente nos exemplos citados na *seção 4.1*, exemplificados abaixo:

QUADRO 20  
Acento, glide fonêmico e pares mínimos

	baia	ba <sub>̃</sub> a
Bisol	ba.'i.a (* .)	'ba <sub>̃</sub> .a (* .)
Lee	ba'i]a	'ba <sub>̃</sub> ]a

Novamente, o glide é reconhecido como segmento [-silábico] e o acento é aplicado conforme as regras propostas nas descrições acentuais do PB. Logo, a proposta do glide fonêmico é vantajosa para as duas análises.

A previsibilidade de atribuição do acento e de silabificação somadas à existência de alguns glides VG na forma subjacente pressupõe a existência de pares mínimos fonológicos entre glides e vogais altas (*quadro 18*, acima). Com base nestas representações, há a silabificação (respectivamente [ba̠.ɨ.a] e [ba.i.a]) e o acento [ˈba̠.ɨ.a] e [ba.ˈi.a]), como já demonstrado acima. Neste ponto da análise, surge a resposta da pergunta deixada em aberto na *seção 4.1* deste capítulo: se alguns glides são fonemas, haverá um pequeno número de pares mínimos entre vogais altas e consoantes no PB.

Entretanto, o ditongo GV pós-tônico complica a acentuação no PB. Este glide está em alofonia livre com a vogal alta, sendo obtido somente no nível pós-lexical. Então, todo segmento [-aberto 2], pós-tônico e sucedido por outra vogal, é uma vogal alta na forma subjacente e no léxico (com exceção de alguns glides que antecedem velares).

O problema dessa assertiva é que palavras como *co'mercio*, *tábua* ou *ingênu*a terão seu acento proparoxítono, o que contraria os padrões acentuais propostos atualmente (essa discussão também é realizada na *seção 3.1.2.2*, sobre o trabalho de Leite (1974)). Serão inúmeras as palavras primitivas e derivadas (ver *itens 3 e 4* abaixo) que terão esse padrão de acento considerado marcado na língua. Nas sequências VV, em palavras derivadas, como pode ser observado nos *exemplos 1 e 2*, abaixo, o acento é paroxítono, atribuído à vogal alta e segue as duas teorias acentuais abordadas neste trabalho. Porém, nos exemplos *dos itens 3 e 4*, o segmento [-aberto 2] é uma vogal e não recebe o acento.

QUADRO 21  
Realização da vogal alta e do glide nos sufixos

<i>Sufixo</i>	<i>Exemplo</i>	<i>Morfema</i>
1. - <sup>l</sup> ia	secretaria, diretoria, corregedoria	{indicativo de lugar}
2. -a <sup>l</sup> ria	padaria, relojoaria, marmoraria	{indicativo de lugar}
3. - <sup>l</sup> ari(o)	secretário, bibliotecário	{profissão}
4. - <sup>l</sup> icio	alimentício, natalício, patricio	{relação}

O que ressurgiu a pergunta: será o padrão proparoxítono, realmente, marcado no PB, já que inúmeras palavras seguem esse padrão? No entanto esta língua utiliza dois recursos para desfazer esse tipo de acento e obter o padrão paroxítono: a ditongação (/komeɾsio/

[kɔ.'mɛh.sɹu]) e o apagamento (/negɔsio/ [nɛ'gɔsu]). Esses processos são fonéticos, então, notoriamente, o padrão proparoxítono é evitado na forma fonética, mas, e na fonologia?

Para a fonologia é problemático marcar um grande número de palavras que seguem o padrão proparoxítono. São inúmeras as palavras, primitivas e também derivadas, que seguirão esse padrão (ver *itens 3 e 4* acima) caso o glide seja considerado uma vogal.

Entretanto, também é difícil para a fonologia propor que a forma proparoxítona é regular, porque não haveria como prever seu acento, pois ele se aplica nos mesmos contextos fonológicos que o acento paroxítono. Como pode ser observado, no quadro acima, não se pode prever de maneira exata a ocorrência entre vogal alta e glide. Ilustra-se com os exemplos, [mahmora'ria] *marmoraria* e [sekre'taɾia] *secretaria*. Ambas estão localizadas no mesmo ambiente fonológico (r\_\_a). Esses dados corroboram para se considerar que talvez haja glides GV na forma subjacente. No entanto, para isso, seria necessário investigar se também há glides GV no contexto pré-tônico. Além disso, a discordância na interpretação fonêmica quanto à possível alternância entre vogais e glides GV pós-tônicos expõe a necessidade de pesquisas sobre a alternância, que, de certo modo, induz a interpretação do glide como fonema ou alofone vocálico.

Silva (1992) propõe que os glides GV pós-tônicos não alternam com vogais. Será que eles poderiam ser fonêmicos? A possibilidade de alternância com as vogais altas em palavras como *ingênua*, *Etiópia*, *próprio* causam problemas a essa possibilidade. Entretanto, será que parcialmente esses segmentos podem ser fonológicos, já que alguns itens parecem não alternar com vogais como (*ar'mario*, *a'quario*, *tênuê*). Essa possibilidade faria com que parte dos glides GV pós-tônicos fossem fonêmicos e parte do acento atribuído na forma proparoxítona.

Todavia essa possibilidade depara-se com alguns problemas: primeiro, a inexistência de glides GV fonêmicos pré-tônicos. Diante da ausência deste tipo de glide subjacente nesta posição é mais coerente propor que eles são obtidos no pós-léxico. Segundo, este glide não pode alternar com a vogal alta ao se tornar pré-tônico em palavras derivadas. Por exemplo, se o glide for fonêmico em *comérc[ɹ]o*; em *comerc[ɹ]ali'zar*, a vogal alta não pode ocorrer.

Ainda há outra questão. Para regularizar o acento proparoxítono, em muitas palavras, apaga-se a segunda vogal de sua borda direita: *a'bobora* ~ *a'bobra*, *fosforo* ~ *fosfru*, o apagamento em *negocio* ~ *nego[su]*, *vácuo* ~ *vácu* poderia comprovar que este glide é

uma vogal subjacente, assim como as demais, e que sofre o mesmo apagamento que as demais vogais de proparoxítonas?

A interface entre o acento e os glides GV não é explorada nas análises acentuais demonstradas no *capítulo 2* e nem nas análises que discutem os glides. A resolução das hipóteses levantadas neste tópico necessita de uma análise mais apurada sobre o glide GV pós-tônico. Devido a isso, este trabalho ainda não disponibiliza uma solução adequada para estes dados. Deixa-se, assim, esta questão em aberto para análises futuras.

#### 4.2.2 A SÍLABA E OS GLIDES

A relação entre o glide e a sílaba implica duas vertentes: a primeira relaciona os glides e a silabificação, e foi discutida anteriormente, e a segunda implica no seu posicionamento na sílaba, e será discutida abaixo. Deste modo, essas duas vertentes possibilitam 4 combinações entre a interpretação fonêmica do glide e seu posicionamento silábico:

- a) são fonemas de caráter vocálico que se posicionam numa ramificação do núcleo silábico (CÂMARA JR., 1953);
- b) são fonemas consonânticos que se posicionam na coda silábica (CÂMARA JR., 1969; COLLISCHONN, 1997);
- c) são alofones vocálicos que se posicionam no núcleo ramificado (BISOL, 1989; CÂMARA JR., 1970; LEE, 1999; LOPEZ, 1979; SILVA, 1992);
- d) são alofones vocálicos que, devido à silabificação, ocupam a coda silábica (BISOL, 1999).

Na seção anterior, demonstrou-se que as propostas que se baseiam na alofonia do glide são desvantajosas para o PB. Por isso, nesta seção, limita-se a descrição dos itens (a) e (b).

Posicionar o glide VG no núcleo (*item (a)*) é vantajoso porque o PB seguiria a generalização, proposta por Hyman (1975) e Hayes (1995), apresentada no *capítulo 2*, de que as línguas, nas quais, a rima é sensível ao peso silábico (molde CVC), pressupõe que o peso

seja atuante também no núcleo (molde CVV). Como o PB não possui vogais longas, este molde teria existência por meio da sequência Vogal-Glide, com o glide localizado no núcleo. No entanto, como demonstrado anteriormente, no peso silábico e antes de laterais palatais os glides VG atuam no PB como consoantes. Além disso, esta língua coíbe as sequências do tipo \*VGL no PB – argumento de Bisol (1999). Assim, inferir que o glide VG está no núcleo é desvantajoso, também, porque aumentaria o número de tipos silábicos possíveis na língua (CCVVC(C)) e não expressaria a semelhança que estes segmentos têm com as consoantes. No entanto há mais argumentos que posicionam os glides no núcleo que precisam ser debatidos.

Câmara Jr. (1970), por exemplo, afirma que os glides VG estão localizados em uma ramificação nuclear devido à distribuição do tepe (ver distribuição do tepe na *seção 2.1, do capítulo 2*). Este segmento sempre pode ser precedido por vogais (/karo/ *caro*, /koro/ *coro*, /kero/ *quero*, /kuro/ *curo*) e nunca por codas consonantais. Diante disso, Câmara Jr. (1953/1977, p. 46), afirma que se os glides podem anteceder o tepe, e as consoantes não podem, os glides são vogais, i.e., alofones vocálicos. Diferentemente do tepe, a fricativa glotal pode ser antecedida por codas consonantais (*honra* /oNRa/, *genro* /geNRo/ e *Israel* /iSRael/), existindo, na língua, somente um exemplo de glide antecedendo esta fricativa.

Seguindo o raciocínio de Câmara Jr. (1953, p. 46), se as vogais podem ocorrer antes da fricativa glotal (*ca[h]o*, *se[h]a*, *aci[h]ado*, *mo[h]er*), e se os glides são vogais, então, eles deveriam ocorrer antes dessa fricativa, porque as vogais ocorrem. Logo, a ausência de glides antecedendo a fricativa glotal aspirada não necessariamente os classifica como vogais.

Além disso, são poucos os exemplos no PB que apresentam uma coda antecedendo esta fricativa, por isso, propõe-se que estes exemplos são marcados lexicalmente, sendo qualquer coda coibida antes deste segmento. Diante dos fatos, fonologicamente, concorda-se com Wetzels (1997) na proposição da fricativa glotal aspirada seja geminada (na *seção 3. 1.1.3, capítulo 3*). Entretanto, o único problema em se admitir isso é o fato de o PB não realizar, foneticamente, nenhuma consoante geminada, isto é, sua existência não é comprovada, o que fere a naturalidade do processo. No entanto essa solução é econômica porque oferece um mecanismo único para explicar tanto a distribuição da fricativa aspirada, quanto às consoantes soantes palatais.

Collischonn (1997) lembra que a existência de restrições entre o núcleo e os glides ou entre a coda e os glides são argumentos que justificam seu posicionamento. Em defesa do posicionamento do glide na coda silábica, a autora explica alguns fenômenos típicos

de glides no PB, a fim de que eles não fossem explanados pela restrição subsilábica com o núcleo (ver *capítulo 3*).

Mesmo que os pontos expostos por Collischonn (1997) estejam bem fundamentados, eles não são necessários para anular a afirmação acima sobre os constituintes subsilábicos, pelo menos no PB. Mesmo se houver restrições fonotáticas entre vogais e glides, elas não são suficientes para os posicionarem no núcleo. Fundamenta-se isso na distribuição das vogais seguidas de consoantes nasais em coda. No PB, apenas são possíveis as vogais nasais /iN, eN, aN, oN, uN/, sendo proibidas as sequências \*/εN, ɔN/. A existência dessa restrição não faz com que a consoante nasal esteja localizada no núcleo junto à vogal. Logo, uma restrição entre vogal e glide não é a motivação mais adequada para decidir o posicionamento do glide no PB.

Os argumentos acima são questionáveis, entretanto, isso não é a principal motivação para posicionar os glides na coda silábica. Como pode ser observado no desenvolvimento deste trabalho, o caráter consonantal do glide VG é preponderante no sistema fonológico do PB. Eles não recebem o acento, não ocorrem antes de soantes palatais e não ocupam a coda, quando ela é ocupada por outra consoante soante; não é contabilizado para a aplicação do acento e atua no peso silábico. Enfim, atuam no sistema do mesmo modo que as demais consoantes em coda silábica. Além disso, corroboram para um molde silábico mais coeso, que terá a segunda posição de seu onset e a primeira de sua coda ocupada apenas por consoantes soantes (ver *figura 8, capítulo 2*).

Acrescentam-se, a tudo isso, as bordas de morfema que, em teoria, deveriam favorecer a ocorrência alofônica do glide, mas preferem manter o hiato. É com base nestes dados que se conclui, neste tópico, que os glides VG estão posicionados na coda silábica porque, principalmente, funcionam, fonologicamente, como consoantes.

Além disso, nas línguas, os segmentos soantes formam uma classe natural adversa das demais, devido à facilidade de permutar, entre o grupo consonantal e o grupo vocálico, podendo atuar, assim, como elementos silábicos ou assilábicos. Visto que os glides fazem parte deste grupo, assim como consoantes nasais e líquidas, e que este tipo segmental se localiza apenas em posições marginais no PB, sendo coibidos de atuar no núcleo, também, por este motivo, seria mais coerente que o glide VG se localizasse na coda silábica, assim, a posição nuclear seria preenchida apenas por um segmento capaz de receber o acento, isto é, a vogal.

Já a discussão sobre o posicionamento do glide GV, derivado no pós-lexico, estabelece que ele possa ser interpretado como uma ramificação da vogal no núcleo (SILVA, 1992), ou uma ramificação no onset silábico (LOPEZ, 1979; BISOL 1989, 1999) – ver *seção 2.2.1 do capítulo 2*.

Interpretar os glides GV junto à vogal ramificada implica em propor para a vogal e para o glide, na sílaba, uma estrutura semelhante à de um segmento complexo. Além disso, se o peso não atua na análise de Silva (1992) é questionável em sua proposta posicionar o glide VG em um núcleo ramificado e o glide GV na vogal ramificada. Por fim, ainda resta uma questão. Porque criar uma ramificação no núcleo para estes glides, no pós-léxico, se, muitas vezes, a segunda posição de onset está vazia? Essa posição exige que os segmentos que a preencham sejam [+soantes] e não nasais – propriedades inerentes dos glides. Parece mais coeso, adicioná-los ao onset e, caso a segunda posição esteja ocupada, criar uma ramificação, também no onset. Assim, propõe-se que para as palavras como [kɾ]ou, o pós-léxico aceite o molde silábico CCCVC. Assim, opta-se por localizar os glides GV no onset, paralelos aos segmentos soantes [l, r] que se realizam nesta posição. A análise dos glides GV que não alternam com vogais altas será realizada na *seção 4.3.1.1*, abaixo.

## **4.3 UMA PROPOSTA PARA OS GLIDES NO PB**

### **4.3.1 OS GLIDES NO PB**

Após a análise das descrições realizadas para os glides no PB, da silabificação, acentuação e da observação da atuação dos glides na língua, propõe-se que os glides, no PB, são fonêmicos. A principal característica do glide fonêmico é sua impossibilidade de alternar livremente com vogais ou consoantes. Eles estão na forma subjacente, e podem ser gerados a partir de consoantes e vogais no léxico. Esta alternância é unidirecional e o glide nunca alterna com a vogal na forma fonética. O output ótimo sempre é o glide.

A existência do glide na forma subjacente torna mais simples o sistema linguístico da língua, facilita a atribuição do acento e a silabificação e evita formas marcadas no léxico. Propõe-se que ele está localizado na coda silábica, assim como as demais consoantes, pois o

glide participa do peso silábico, não se realiza antes de soantes palatais e sua distribuição assemelha-se a das consoantes em coda. Possuem caráter consonantal.

Na forma fonética os glides podem ser obtidos de vogais, por ditongação, ou de consoantes, por vocalização. Nestes casos, há alternância livre. A interface entre forma subjacente e forma fonética para glides e vogais altas e consoantes é resumida abaixo:

Forma subjacente	a) /i/	b) /ɪ/	c) /i/	d) /i/	e) /ɫ/	f) /l/
Forma Fonética	i	ɪ	ɪ	i ɪ	ɫ ɪ	l ʊ

FIGURA 42 – Interface entre forma fonológica e forma fonética de glides e de vogais altas no PB

O item (a) representa as palavras, nas quais apenas a vogal alta é possível no nível fonético (*time, saída, jesuíta, gaúcho*). Se a vogal alta recebe o acento, ela não alterna com o glide no output. Em (b) apenas são representados os casos de sequências  $VV_{[-aberto 2]}$  em que apenas o glide é possível (*gaita, azeitona*). Obedecem ao modelo em (c) os glides que são obtidos por processos morfológicos em contextos específicos. Eles são obtidos no léxico e nunca alternam com vogais (*ba hia, então, ba[ɪ]ano; vende][ʊ]; anzo][ɪ]s*). O padrão em (d) é obtido nas sequências  $V_{[-aberto 2]}V$  e  $VV_{[-aberto 2]}$ , nas quais, o glide só é possível no nível fonético. O padrão (e), averiguado no dialeto-norte mineiro, trata-se da vocalização da lateral palatal /ɫ/ e, por fim, (f) representa a vocalização do /l/ que se torna um alofone contextual ([ʊ]) se posicionado em coda silábica (*sa[ʊ]* e *sa[l]eiro*), atestada em todo o PB.

Ainda há o caso dos glides que são inseridos no nível pós-lexical (*passe[ʌ]o, bo[ʊ]a, feiz, arroiz*). Eles não alternam com vogais e nem com consoantes, e na fala, podem ser omitidos, sem alterar o significado da palavra. Dependem de um contexto específico para se realizarem.

É com base neste quadro que se reavalia o ranqueamento proposto por Lee (1999) para a silabificação no PB. Para isso, antes, expõe-se uma proposta silábica para o glide.

Diante dos argumentos, já enumerados na seção acima, estabelece-se que o glide VG está localizado na coda silábica, enquanto o glide GV está posicionado no onset, independente se são fonêmicos ou derivados.

Os glides VG fonêmicos e derivados (*gaita, feiz, passeio, baiano e gaio “galho”*) e o glide GV fonêmico (*guarda, quarto*) apresentam ponto de C (ver *figura 4b*, no *capítulo 2*),

o que justifica porque funcionam na língua como consoantes. Este trabalho segue, assim, a proposta de Hume (1994).

Assim, a condição básica e fonológica que se exige de um segmento para que ele possa preencher a coda silábica no PB é ser [+ soante] e possuir Ponto de C consonantal, isto é, ausente de nó vocálico. A restrição CODA-CONDITION, será expressa assim:

CODA-CONDITION: O segmento deve ser [+ soante] e possuir Ponto de C consonantal.

Apenas na forma fonética que segmentos com ponto de C vocálico poderão ocupar as margens silábicas. Assim, uma vogal poderá desligar-se de uma posição vocálica e ligar-se a uma posição consonantal tornando-se um glide. Neste caso, ela não irá apresentar estrutura consonantal. Ela é o resultado de uma regra variável que em alternância com a vogal alta, não é capaz de alterar o sentido da palavra (*caipira* [kaipira]~[kaipira]). Resultam nos glides GV e VG derivados que terão o nó vocálico como as demais vogais, isto é, o glide é resultado de um processo que desliga a vogal alta da posição silábica, V, e a liga a posição C, no onset ou na coda. A sua representação e da vogal alta na geometria de traços é observada na *figura 2* (*seção 2.1.2 do capítulo 2*).

Este processo é representado, abaixo, através da palavra *ansiedade*:

Output:	Desligamento de V[-aberto2]	Ditongação
$\begin{array}{c} \text{CV.V} \\ \text{  } \quad   \\ [\tilde{a}.s\grave{i}.e.da.d\grave{s}i] \end{array}$	$\begin{array}{c} \text{CV.V} \\ \text{  } \quad   \\ [\tilde{a}.s\grave{i}.e.da.d\grave{s}i] \end{array}$	$\begin{array}{c} \text{CC.V} \\ \text{  } \quad   \\ [\tilde{a}.s\grave{i}.e.da.d\grave{s}i] \end{array}$

FIGURA 43 – Processo de formação de glide vocálico derivado

O glide formado é um alofone livre de uma vogal subjacente (*item (d)* da *figura 42*). A ausência de contraste entre eles é devida a sua representação na geometria de traços.

Agora, reavalia-se a proposta de silabificação de Lee (1999) para a análise supracitada. Inicia-se com a palavra *riacho* /hiaʃo/. Para obter o output correto, o hiato, faz-se necessário fazer algumas alterações no ranqueamento. Testa-se, inicialmente a mudança de posição da restrição NO COMPLEX, assim como foi feito acima para o glide alofônico. Esta restrição passa a se localizar acima da restrição ONSET e passa, também, a dominar NO CODA:

TABLEAU 12

/hiafo/ CVVCV	Max	Dep <sup>Onset</sup>	Coda-Cond [+soante] com ponto de C	Dep <sup>Nuc</sup>	No Complex	Onset	No Coda
1. hi.□a.fo		*!					
2. ha.fo	*!						
3. h̄a.fo (CVV.CV)					*!		
4. h̄ra.fo (CCV.CV)					*!		
5. hi.a.fo						*	
6. h̄ra.fo (C <sub>v</sub> V.CV)					*!		

Este tableau diferencia-se do TABLEAU 5 em duas situações. Primeiro, na adição de mais um candidato que deverá ser testado, i. e., o candidato 6. Ao se admitir que os glides consonantais fonêmicos e derivados diferem em sua estrutura de glides que advêm de vogais altas, faz-se necessário distinguir dois tipos de glides que podem ocupar as posições marginais. Assim, representa-se e com *V* o glide localizado em uma ramificação nuclear (assim como foi feito nos tableaux anteriores), com *V subscripto* o glide de estrutura vocálica localizado em posição marginal e por *C* o glide de estrutura consonantal também localizado em posição marginal. A segunda representação advém da alteração da condição prevista pela restrição CODA-CONDITION. Com essa nova condição, o desligamento da vogal do núcleo para o onset, formando um glide de estrutura vocálica é proibido, logo o candidato 6 é eliminado. Verifica-se novamente, que esta alteração de NO COMPLEX resulta na obtenção do candidato correto.

#### 4.3.1.1 OS GLIDES GV PRECEDIDOS POR CONSOANTE VELAR

A análise mais desenvolvida acerca dos glides GV são aquelas que estudam a sequência [kʷ, gʷ]+vogal. Como já abordado no capítulo 3, em algumas palavras, esses glides não são acentuados e, mesmo assim, nunca alternam com as vogais altas (*água, guarda, quando, linguiça*), por isso, são tidos, para alguns autores, como segmentos complexos

(BISOL, 1989; SILVA, 1992), ou como uma sequência GV, de vogal tônica, formando o ditongo fonêmico (CÂMARA JR., 1970).

Nesta análise, entende-se que os glides GV não formam segmentos complexos ( $k^w$ ,  $g^w$ ), e sim, uma sequência glide vogal fonêmica (/kʊ, gʊ/), pois eles não alternam com vogais altas, assim como os demais glides fonêmicos VG. Outra vantagem dessa proposta é admitir que, mesmo em menor escala, existem ditongos crescentes subjacentes, assim como decrescentes, no PB, ocupando, no mínimo, a segunda posição de onset.

Além disso, essa análise é mais vantajosa do que aquela que o posiciona no núcleo, porque o glide ocupará uma posição disponível no onset e só criará ramificações no pós-léxico, quando a segunda posição de onset já está ocupada (ver *seção 4.2.2* acima). Logo, diferente do molde silábico fonológico (CCVC(C)), o molde silábico fonético pode apresentar até 3 segmentos no onset silábico. Deste modo, lexicalmente, os glides podem ocupar a segunda posição de onset. Neste caso, eles devem se comportar do mesmo modo que o glide VG fonêmico.

Como resultado, esses glides contrastam, com vogais altas na forma subjacente. Interpretá-los como um segmento complexo seria adicionar esse segmento ao léxico, como propõe Bisol (1989) ou tratá-lo como fonêmico. Novamente, observa-se que as análises intentam variados recursos para não estipular o glide como um segmento subjacente, muitas vezes, complicando análise do PB.

Abaixo, demonstra-se, no TABLEAU 9, a avaliação dos candidatos para o glide GV subjacente. Utiliza-se, novamente, o ranking de Lee (1999). Avalia-se, se ele consegue obter o resultado correto quando a expectativa é a realização do glide GV fonêmico. Exemplifica-se com a palavra *guarda*:

TABLEAU 13

/gʷaRda/ CCVCCV	Max	Dep <sup>Onset</sup>	Coda-Cond [+soante] com ponto de C	Dep <sup>Nuc</sup>	No Complex	Onset	No Coda
1. g□.ʷah.da				*!			*
2. gah.da	*!						*
3. gu.ah.da <sup>☛</sup> (CV.V.CV)						*	*
4. gʷah.da (CCV.CV)					*!		*
5. gʷah.da (C <sub>v</sub> V.CV)					*!		*
6. gʷah.da (CVV.CV)					*!		*

Observa-se que o ranqueamento não dá conta de prever o glide, e escolhe como realização mais harmônica, a forma fonética da palavra que o PB não realiza, i.e., o hiato. Poder-se-ia, propor, para o ranqueamento, o posicionamento da restrição ONSET acima de NO COMPLEX. No entanto, isso causaria problemas ao TABLEAU 12.

No tableau acima, verifica-se que a restrição CODA-CONDITION consegue estabelecer a obrigatoriedade do ponto de C para a coda, no entanto, não há nenhuma restrição que faça o mesmo pelo onset. Para isso, faz-se necessário uma restrição para garantir que o glide consonantal não se torne uma vogal. Neste ponto propõe-se a seguinte forma para a restrição IDENT-I/O:

IDENT-I/O: Preserva-se no output o ponto de C (vocalico ou consonantal) do input.

A restrição IDENT-I/O geralmente é uma restrição de correspondência que verifica se um traço do input é mantido no output ótimo. No entanto, como os traços não conseguem distinguir os glides de vogais altas no PB, e sim, o nó Ponto de C, então, faz-se uma adaptação a essa restrição. Ela impede que haja alterações no nó vocalico, garantindo que as vogais continuem vogais, e no nó consonantal, garantido que os segmentos consonantais se realizam como consoantes. Reproduz-se o tableau anterior com a adição de IDENT-I/O. Essa restrição posiciona acima de NO COMPLEX. Ela garante que na fonologia não deve haver formação de glides ou vogais altas, mas sim, a manutenção desses segmentos, por isso está posicionada no nível superior do ranking.

TABLEAU 14

/gʷaRda/ CCVCCV	Max	Dep <sup>Onset</sup>	Coda-Cond [+soante] com ponto de C	Ident- I/O Ponto de C	Dep <sup>Nuc</sup>	No Complex	Onset	No Coda
1. g□.ʷah.da					*!			*
2. gah.da	*!							*
3. gu.ah.da (CV.VC.CV)				*!			*	*
☞ 4. gʷah.da ☺ (CCVC.CV)						*		*
5. gʷah.da (C <sub>v</sub> VC.CV)				*!		*		*
☞ 6. gʷah.da ☹ (CV.VC.CV)						*		*

Essa restrição consegue excluir o hiato e o glide de estrutura vocálica do onset. No entanto, ela não dá conta de escolher entre o candidato que apresenta o glide posicionado no núcleo silábico e o candidato que apresenta o glide posicionado no onset, output ótimo conforme o debate exposto na *seção 4.3.1.1*, acima.

Para que o output realizado seja o glide de estrutura consonantal, posicionado no onset, propõe-se o desmembramento da restrição NO COMPLEX em: NO COMPLEX<sup>NÚCLEO</sup> e NO COMPLEX<sup>CODA</sup>. A primeira deve posicionar-se acima da segunda. Vejam abaixo:

TABLEAU 15

/gʷaRda/ CCVCCV	Max	Dep <sup>Onset</sup>	Coda-Cond [+soante] com ponto de C	Ident- I/O Ponto de C	Dep <sup>Nuc</sup>	No Complex Nuc	No Complex Ons	Onset	No Coda
1. g□.ʷah.da					*!				*
2. gah.da	*!								*
3. gu.ah.da (CV.VC.CV)				*!				*	*
☞ 4. gʷah.da ☺ (CCVC.CV)							*!		*
5. gʷah.da (C <sub>v</sub> VC.CV)				*!			*		*
6. gʷah.da (CV.VC.CV)						*!			*

Agora, o ranqueamento consegue estabelecer o output ótimo, com o glide de estrutura consonantal, localizado no onset. Esta restrição não altera o resultado do TABLEAU 12, que prevê corretamente a sequência VV.

## 4.3.1.2 OS GLIDES VG E A TEORIA DA OTIMALIDADE

Abaixo, observa-se se as alterações, supracitadas, realizadas no ranking de Lee (1999) conseguem descrever, também, os glides VG. Ilustra-se com a palavra *gaita*. O output correto deve ter o glide com ponto de C na coda silábica como previsto pelos argumentos da seção 3.2.2 e 4.3.1.

TABLEAU 16

/gaṯa/ CVCCV	Max	Dep <sub>Onset</sub>	Coda-Cond [+soante] com ponto de C	Ident- I/O Ponto de C	Dep <sup>Nuc</sup>	No Complex Nuc	No Complex Ons	Onset	No Coda
1. ga.ṯi.ta		*!							
2. ga.ta	*!								
3. gaṯ.ta (CVV.CV)				*!		*			
4. gaṯ.ta (CVC.CV)									*
5. gaṯ.ta (CV <sub>v</sub> .CV)			*!	*					*
6. ga.i.ta				*!				*	

A restrição IDENT-I/O exclui os glides de estrutura vocálica da posição de coda e garante que o glide de estrutura consonantal seja o output ótimo. Abaixo, verifica-se que este ranking também obtém corretamente a vogal alta:

TABLEAU 17

/saude/ CVVCV	Max	Dep Onset	Coda-Cond [+soante] com ponto de C	Ident- I/O Ponto de C	Dep <sup>Nuc</sup>	No Complex Nuc	No Complex Ons	Onset	No Coda
1.sa.□u.de		*!							
2.sa.de	*!								
3.sạu.de (CVV.CV)						*!			
4.sạu.de (CVC.CV)				*!	*				*
5.sạu.de (CV <sub>v</sub> .CV)			*!						*
☞ 6. sa.u.de								*	

Assim, a palavra acima pode receber o acento regular (*saúde*). O ranking também consegue obter o output correto para o input *vaidade*. Neste caso, o output esperado também é o hiato (*va[i]dade*). A ditongação (*va[ɪ]dade*), proveniente de variação fonológica não é considerada neste tableau. Entretanto, observa-se que é a sequência VG, com glide posicionado no núcleo, como previsto pela proposta desse trabalho, que compete até o final com o output ótimo. A ausência de contraste entre glide e vogal alta, nestes casos, é devida a representação desses segmentos na geometria de traços. Estes glides têm o mesmo ponto de C das vogais altas. Eles são desligados de sua posição vocálica e se ligam, quando possível, à segunda posição de onset ou à coda. O tableau da palavra */vaidade/* é ilustrado abaixo:

TABLEAU 18

/vaidade/ CVVCVCV	Max	Dep Onset	Coda-Cond [+soante] com ponto de C	Ident-I/O Ponto de C	Dep <sup>Nuc</sup>	No Complex Nuc	No Complex Ons	Onset	No Coda
1.va.□i.da.de		*!							
2.va.da.de	*!								
3.vại.da.de (CVV.CV.CV)						*!			
4.vại.da.de (CVC.CV.CV)				*!	*				*
5.vại.da.de (CV <sub>v</sub> .CV.CV)			*!						*
☞ 6. va.i.da.de								*	

Em todos os tableaux, acima citados, a restrição MAX garante que a sequência VG não seja desfeita por apagamento segmental e a restrição DEP<sup>ONSET</sup>, impede que segmentos

sejam introduzidos. Já a restrição IDENT-I/O coíbe a alteração do ponto de C das soantes. Entretanto, observa-se que no pós-léxico tanto a inserção quanto o apagamento de glides são possíveis no PB. Mas não a alteração do ponto de C. Esta alteração só é possível em uma alternância fonológica típica, quando o glide está na borda de morfema não verbal (*ba[i]a; ba[ɪ]ano*). Entre morfemas, no léxico, a alteração do ponto de C da vogal para a formação do glide só é possível plural (neste caso, ele é inserido) e nos verbos (neste caso, a vogal alta tem seu traço alterado). Em não verbos, nos demais casos, a tendência é o hiato. Visto esses fatos, abaixo, rascunha-se uma análise inicial para a interface glide e morfologia no Português Brasileiro.

#### 4.3.2 OS GLIDES E A MORFOLOGIA

Nesta seção, analisa-se como os glides se comportam com relação à morfologia. A importância de se compreender esse comportamento fundamenta-se no questionamento da afirmação de Lopez (1979) que sequências entre vogais e glides não ocorrem em limites de morfemas. Propõe-se que além dos glides fonêmicos, já defendidos acima, há também, no PB glides lexicais, que são alofones contextuais (*Ba'hia/bai'ano* [baʁianu], *vend[e]u*, *anz[o]is*). Os glides consonantais fonêmicos e os glides consonantais alofônicos e contextuais nunca alternam livremente com vogais altas e têm estrutura consonantal. Os glides alofônicos contextuais são obtidos por regras lexicais, sensíveis morfologicamente (ver *item (c)*, da *figura 42*). Aqueles que estão em variação livre com vogais altas são derivados no pós-léxico e apresentam estrutura vocálica (ver *item (d)*, da *figura 42*). Os glides inseridos no pós-lexico em posições consonantais já são inseridos com estrutura consonantal (ver *itens (e,f)*, da *figura 42*).

A ditongação lexical difere-se da ditongação pós-lexical, pois exige que a vogal [-aberto 2] torne-se um glide de valor consonântico (de estrutura consonantal) que nunca poderá alternar novamente com a vogal. No componente lexical, a vogal alta [coronal] é sensível à borda de morfema e torna-se um glide antes de vogal (*Bahia* [ba'ia][baʁianu], *Havaí* [ava'i][avaʁianu]):



inserção do glide. Deste modo, há o apagamento de /l/ antes de /s/, pois a formação de uma coda \*[l]S] entre morfemas é proibida. Após, tem-se o mesmo contexto acima, que possibilita a inserção, na coda, do glide [ɹ].

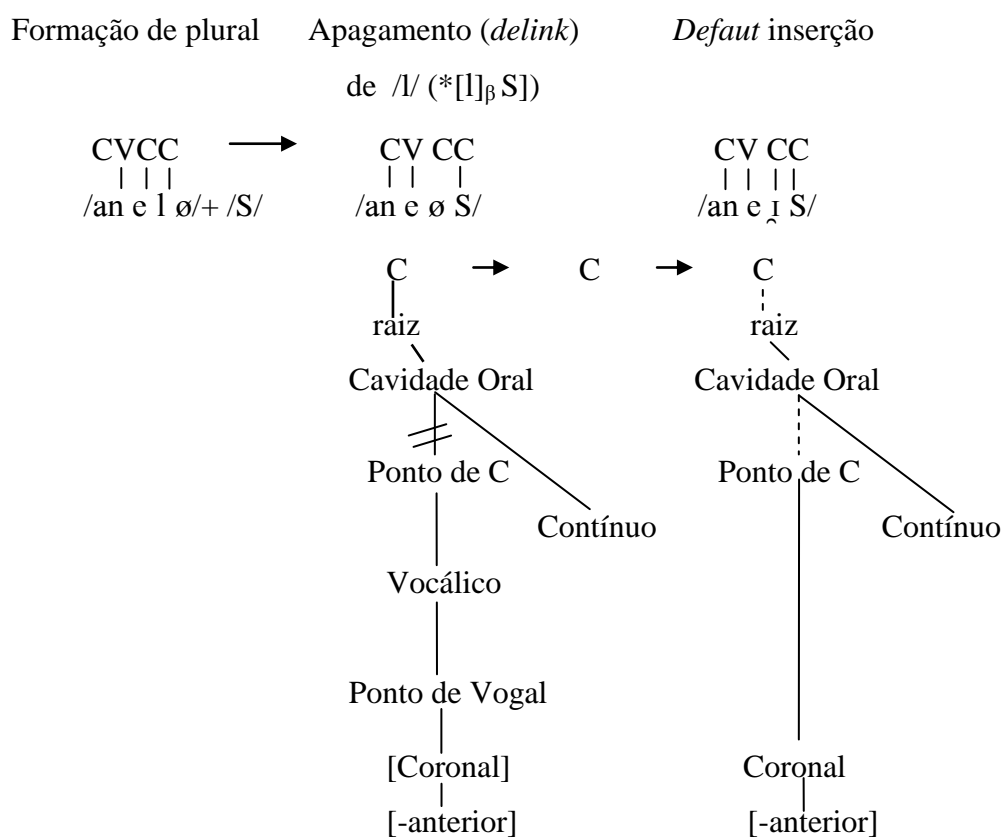


FIGURA 46 – Inserção de glide lexical na formação de plural

Essa inserção é motivada pelo peso silábico. Ele garante que o acento continuará na sílaba oxítone pesada.

A ditongação no pós-léxico não é sensível aos limites morfológicos, pode ou não se aplicar e ocorre, inclusive entre palavras, como no Sandhi externo no qual a última vogal da primeira palavra, átona, pode tornar-se um glide: [kah<sup>u</sup>ama<sup>1</sup>relu] *carro amarelo*. Ela ocorre nas palavras abaixo:

/saiR/ - [sai<sup>1</sup>dera] ~ [sai<sup>1</sup>dera]

/vaidade/ - [vai.<sup>1</sup>da.dʃɹ] ~ [vai<sup>1</sup>.da.dʃɹ]

/diabo/ - [di.<sup>1</sup>a.bu] ~ [di<sup>1</sup>.a.bu]

/komeRsio/ - [ko<sup>1</sup>mehsiu] ~ [ko<sup>1</sup>mehsiu]

A ditongação pode formar tanto glides GV quanto VG e sua principal característica é a alternância livre com a vogal. Este trabalho capta, assim, a proposta da alternância livre entre sequência VV e VG ou GV como resultado de ditongação no nível pós-lexical, i.e., componente fonológico. Os glides advindos dessa alternância não são sensíveis à morfologia. Os demais, que não alternam livremente são obtidos no léxico e são sensíveis ao ambiente morfológico. Conclui-se, nesta seção, que todo glide que não alterna livremente com a vogal, mas que advém de uma, ou está na forma subjacente, ou é obtido no léxico, motivado pelo contexto morfológico. Os demais glides que alternam com vogais livremente são pós-lexicais. Além disso, possuem um ponto de articulação semelhante ao da consoante. Mais um motivo para que sejam localizados na coda silábica, pois, naturalmente, eles são selecionados para preenchê-la.

#### 4.3.3 UMA REANÁLISE PARA OS DITONGOS [e̞ɪ] E [a̞ɪ] SEGUIDOS POR PALATAIS [ʃ, ʒ]

Na *seção 2.1.3*, neste capítulo, viu-se que antes de fricativa alveopalatal, apenas o glide [ɪ], [coronal], se apaga, enquanto que a realização do glide [ʊ], [dorsal] é obrigatória:

QUADRO 22  
Realização do glide antes de soante palatal

	ʒ	ʃ
ɪ	b[e̞ʒ]a-flor - b[eʒ]a-flor	am[e̞ʃ]a - am[eʃ]a c[a̞ʃ]a - c[aʃ]a
ʊ	[eʊʒ]enia	[aʊʃ]e b[aʊʃ]ita fr[oʊʃ]o - fr[oʃ]o

Somente a sequência [oʊ], em *fr[oʊʃ]o ~ fr[oʃ]o* pode se encontrar em variação com a vogal [o], mas isso pode ocorrer antes de qualquer consoante, não sendo, assim, um processo desencadeado pela alveopalatal.

Enquanto Câmara Jr. (1953) afirma que o glide [coronal] é inserido após /e/, independente da tonicidade da sílaba (*ver seção 3.1.1.1 do capítulo 3*), Bisol (1989) afirma que esse segmento somente é inserido neste mesmo contexto se a sílaba for tônica, formando

um ditongo leve, que não atribui peso a sílaba. Em 1994, Bisol propõe, pela geometria de traços que a assimilação decorre do traço vocálico existente nos segmentos [ʃ ʒ] (ver *seção* 3.2.1, do *capítulo* 3). Um dos problemas dessa proposta é a redundância na constituição desses segmentos que apresentam dupla articulação [coronal], i.e., referente a um mesmo local da articulação oral.

Observando os exemplos do quadro 20, questiona-se: porque os glides das sequências [ẽ̞] e [ã̞], comuns antes de outras consoantes, apenas não se realizam fonologicamente antes de [ʒ] e [ʃ]? E ainda: já que o glide [coronal] e o [dorsal] formam uma classe natural (ver *capítulo* 2), porque aquele é derivado e este está na forma subjacente? Eles não deveriam sofrer o mesmo processo juntos? O glide [dorsal] pode ser também inserido na derivação, não correspondendo a nenhuma unidade na forma subjacente?

O glide [dorsal] não pode ser inserido antes de /ʃ,ʒ/, assim como o [coronal], pois não haveria como prevê-lo. Ele pode ocorrer no mesmo contexto que o glide [coronal] ([eʊʒ]enia, b[ẽ̞ʒ]a) e, além disso, também é possível a sequência ausente de ambos os glides ([ẽ̞ʒ]iã). A inserção somente do glide [coronal] viola um dos requisitos propostos aos segmentos pertencentes a uma classe natural: segmentos de uma mesma classe devem sofrer o mesmo processo. Como, no entanto, não há, no PB, exemplos de glide [dorsal] sendo inserido antes de consoantes dorsais, já se pode afirmar que o glide [coronal] também corresponde a uma unidade que o representa na forma subjacente. Entretanto, abaixo, são apontados outros argumentos para isso.

O segundo argumento contra a inserção do glide [coronal] é a existência de exemplos, na língua, que não a admitem: *mexa* \*me[̞̃]a, *veja* \*ve[̞̃]a, *boce*[ʒ]o \*boce[̞̃]o, *aja* \*[̞̃]a).

O terceiro argumento é a inexistência, no PB, desse glide entre a vogal dorsal, [o], e as alveopalatais: *nojo* (\*noʒu), *muxoxo* (\*muʃoʒu) ou *hoje* (\*oʒi), o que mostra que sua distribuição é reduzida e limitada, e segue, somente, à vogal média anterior e a vogal baixa.

Por fim, ainda tem-se um quarto argumento contra a inserção. Ele se fundamenta no trabalho quantitativo de Aragão (2000) sobre o falar de Fortaleza, que agrega também a pesquisa bibliográfica que confirma seus resultados em todo o PB.

Conforme Aragão (2000), a monotongação (redução do ditongo a uma única vogal) é observada em palavras extensas, antes de [ʃ, ʒ, ɾ]. Segundo a autora, quanto maior o

número de sílabas em uma palavra, maior é a propensão do apagamento: *alezadu, apafonadu, bafu, quezu*.

Já a ditongação é influenciada pelo contexto posterior /S/, pela sílaba tônica e pela extensão da palavra, que deve ser monossilábica (*f[ais], m[eis]*) ou na última vogal da palavra dissilábica (*rap[ais, franc[eis]*), logo, o ambiente que o favorece é o final de palavra. Essa visão difere de Bisol (1989, 1994) que propõe a inserção em ambos os casos.

Assim, estes pontos incitam a investigação de outras possibilidades para a análise deste glide. Por isso, este trabalho propõe que, nos casos caracterizados como monotongação, ocorre a dissimilação.

Como exposto acima, variavelmente os glides [coronais] podem ou não, ocorrer antes de fricativas alveopalatais, sendo mais frequente, quantitativamente, sua ausência na forma superficial (output). Visto isso, confere-se à ausência do glide, um processo de dissimilação (no nível mais baixo da derivação), que decorre de sua semelhança estrutural, via OCP. Para isso, este trabalho discorda de Bisol (1994) e Wetzels (1997) que propõem os segmentos [ʃ, ʒ] como complexos. Propõe-se, aqui, que eles apresentam estrutura simples e assume-se que a representação do glide corresponde ao glide consonantal de Hume (1994) (ver seção 2.1.2 no capítulo 2):

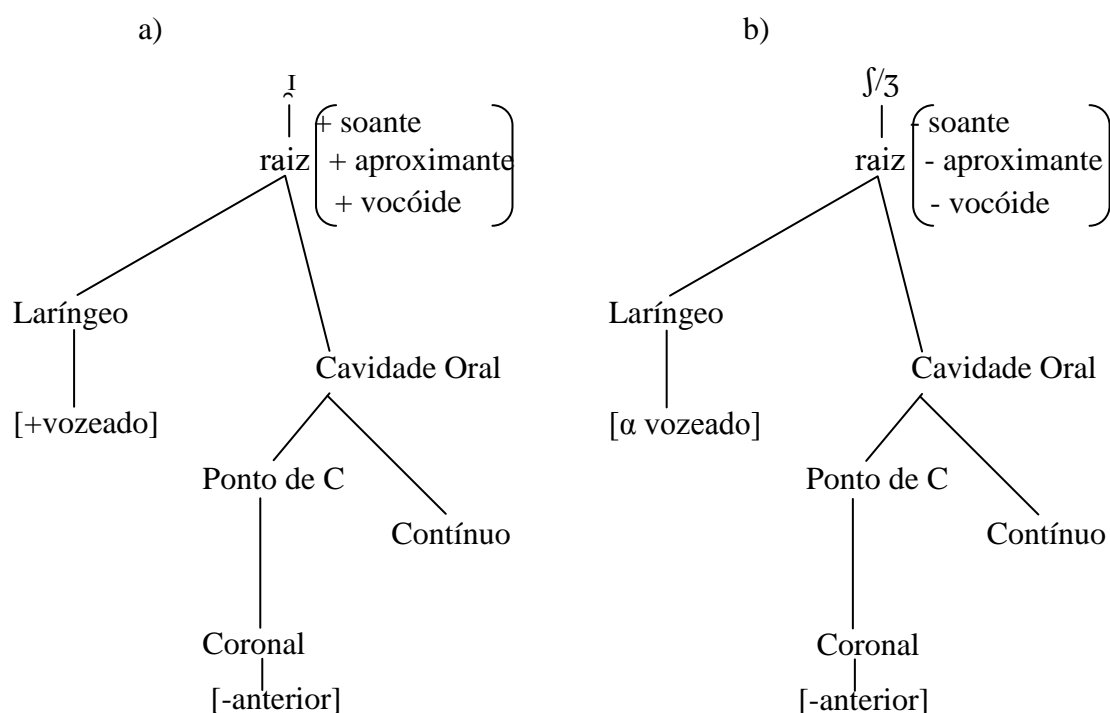


FIGURA 47 – Representação pela Geometria de Traços  
 a) Representação do glide coronal consonantal  
 b) Representação da fricativa alveopalatal

Como se pode observar acima, a cavidade oral é igual no glide coronal e na fricativa palatal. Essa semelhança desencadeia o OCP, princípio que coíbe a ocorrência de segmentos semelhantes nas línguas. Ele desencadeia a dissimilação que apaga o glide, simplificando a estrutura CVC para CV:

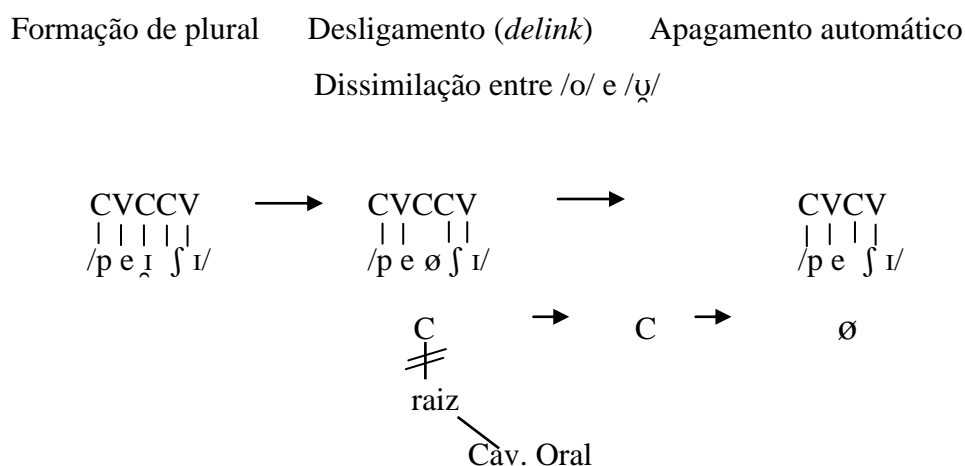


FIGURA 48 – Apagamento de glide antes de fricativa alveopalatal

O glide se apaga somente antes de [ʃ, ʒ], e não antes de [s, z] porque o primeiro grupo é [- anterior], assim como o glide, diferentemente do segundo grupo que é [+ anterior]. O apagamento também não atinge o glide [dorsal] porque ele não forma uma classe natural com as consoantes [coronais] e, sim, com as consoantes [dorsais] ([k,g]). Como a dissimilação é desencadeada pela semelhança de todo o ponto de C, ela não ocorre entre o glide dorsal em coda se seguida de consoante dorsal porque estas são [- contínuas], enquanto o glide é [+ contínuo] (*eucaristía* \*[e□karistia], *inauguração* \*[ina□gurasãũ]).

A dissimilação também é atestada entre o glide GV e o onset posposto por uma vogal de mesma articulação: *quociente* [kʷosiẽtʃɪ][kosiẽtʃɪ], ou somente entre o glide e a vogal: *quieto* [kʷiɛtʷ][ketʷ].

### 4.3.5 A INSERÇÃO DE GLIDE CORONAL

Anteriormente, foi demonstrado que o glide [coronal] se apaga antes de [ʃ, ʒ]. No entanto, em sílabas tônicas finais terminadas em /S/, i.e., [s, z, ʃ, ʒ], ocorre o contrário: eles são inseridos após vogal: *rapaz* [ha'paɪs], *paz* ['paɪs], *arroz* [a'hoɪs], *fez* [feɪs]:

$$\emptyset \rightarrow \underset{\cdot}{i} / 'V \_ S$$

FIGURA 49 – Inserção de Glide antes de sibilantes

Esse processo é possível devido à primeira posição vazia de C em coda, entre o núcleo da vogal e a segunda posição de coda que permite a inserção em coda silábica. Sabe-se que toda inserção vocálica no PB que não é advinda de assimilação, é realizada pelos traços *default* que caracterizam a vogal [coronal][- aberto 1] [- aberto 2] (*pneu* [pi'neʊ], *táxi* ['takisɪ]). Esses traços são ligados ao nó C, que por ser assilábico, ao receber os traços de /i/ e torna-se um glide consonantal.

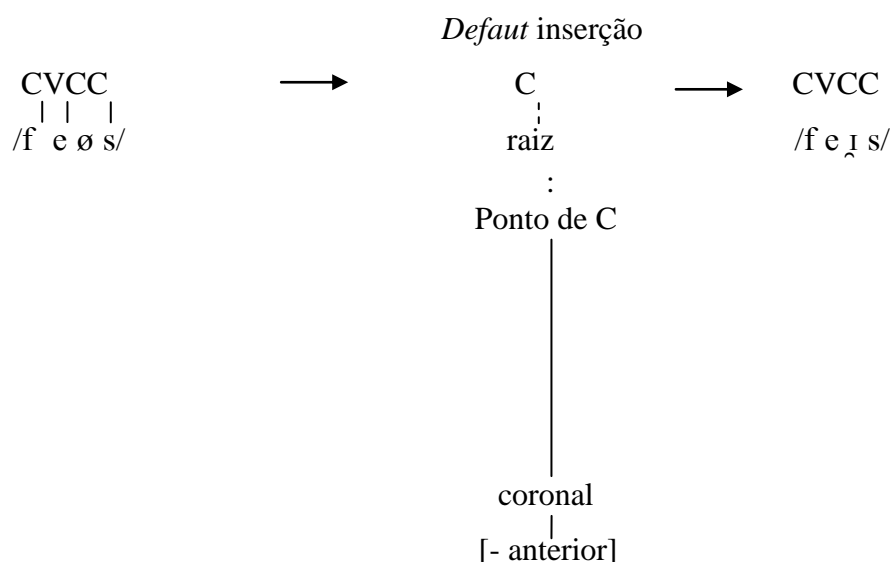


FIGURA 50 – Representação do processo de inserção de glide antes de sibilantes

Deste modo, a inserção é independente da articulação de /S/. Essa mesma regra explica a alternância entre *anel/anéis*, *anzol/anzóis* e o processo de inserção *default* entre glide e consoantes em coda como em *porta*/[poɪta].

### 4.3.6 A DISSIMILAÇÃO NO DITONGO [ou]

O processo de apagamento da coda [ou] deve-se a constituição da cavidade oral, assim como pode ser considerado no processo de neutralização. Enquanto a sequência VG, o glide [ɹ] não se apaga após vogal [e], o oposto ocorre com o glide [ʊ] que se apaga após a vogal [o]. O processo de dissimilação atinge o glide [dorsal], mas não o [coronal] é motivado no espaço articulatorio da cavidade oral. Sua morfologia, maior espaço na parte anterior e menor espaço na parte posterior, prediz um apagamento mais intenso em vogais [dorsais] do que nas vogais [coronais]. Do mesmo modo, essa motivação atinge a posição pós-tônica não final nas palavras nas quais a neutralização é mais comum com as vogais dorsais do que com as vogais coronais (*cômodo* ['komudo], *pêssego* ['peseɣu]) (CÂMARA JR. ,1969, 1970; LEITE, 1974; WETZELS, 1992, 1995.; BISOL, 2003). Representa-se, abaixo o processo de dissimilação:

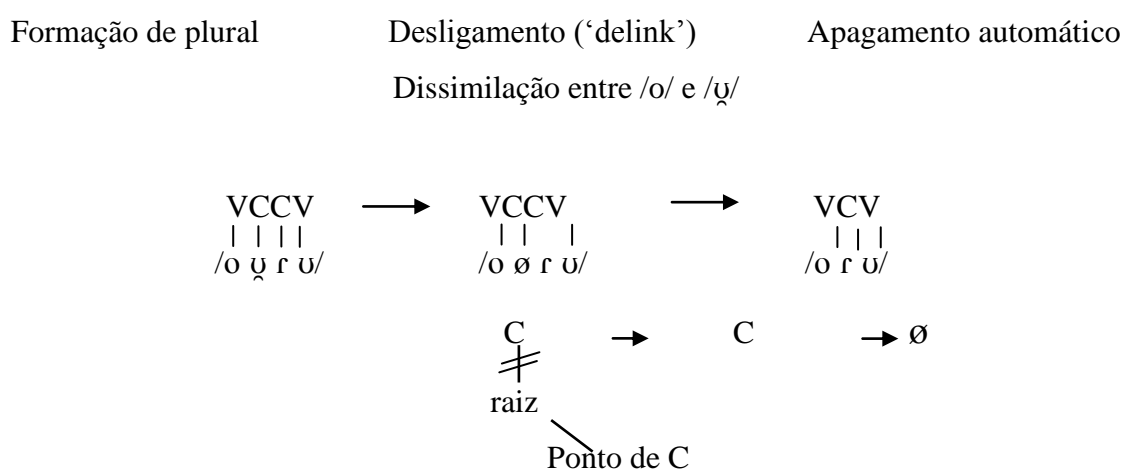


FIGURA 51 – Representação do processo de apagamento de glide

Essa análise é vantajosa porque consegue explicar como uma única motivação serve de gatilho para dois processos fonológicos diferentes no PB.

### 4.3.8 OS GLIDES INTERVOCÁLICOS

Glides intervocálicos são segmentos que se realizam entre segmentos [+ silábicos] (*ba[ɫ]oneta*, *ce[ɫ]a*, *Ca[ʊ]an*). A maioria dos glides intervocálicos não tem segmento correspondente na representação subjacente da palavra. O principal argumento para essa conclusão é a previsibilidade de sua realização (MATEUS, 1982). Assim, o glide intervocálico é criado e concorda com os traços [recuado], e [arredondado] da vogal que o precede; esta vogal necessariamente deve ser tônica, [-alta] (e,ɛ,o,ɔ) e a vogal que o segue deve ser [- alta].

Outras duas características diferenciam o glide intervocálico previsível do glide intervocálico não-previsível<sup>63</sup> (denominação dada neste texto). A primeira é sua não ocorrência em todas as formas de um paradigma (*pass[e[ɫ]o-passear*, porém *cu[ɫ]a-cu[ɫ]eira*); a segunda é sua ocorrência variável, dependente de condições extralinguísticas ([a<sup>1</sup>reɫa] ~ [a<sup>1</sup>rea] *areia*, porém [kuɫa] \*[kua]). Vejam abaixo:

Glides intervocálicos previsíveis:

*'ce[ɫ]a*, porém *ce'ar*

*pas'se[ɫ]o*, porém *pass'e'ar*

*ca'ho[ʊ]a*, porém *cano'a*

*'do[ʊ]a*, porém *doa'ção*

Fazem-se duas pontuações sobre os exemplos acima. Primeiro, observa-se que [ɫ] e [ʊ] formam uma classe natural porque os dois podem ser inseridos no contexto descrito acima. Nota-se, também, que a inserção pode ocorrer tanto entre verbos quanto em nomes não sendo sensível à categoria lexical, no entanto, a alteração do acento é diretamente influente em sua ocorrência (isso se deve, provavelmente, a tendência de as sílabas tônicas apresentarem maior duração que as átonas). Quando a vogal que antecede o glide se torna átona, ou é naturalmente átona (*a'mendoa*, então *\*a'mendo[ʊ]a*), automaticamente o glide

<sup>63</sup> Este texto trata como glide intervocálico previsível aquele que não tem unidade temporal correspondente na forma subjacente.

perde o contexto para sua realização. Abaixo, citam-se exemplos de glides intervocálicos não previsíveis:

*'bo[ɪ]a*, então *bo[ɪ]'ar*

*go[ɪ]'aba* e *go[ɪ]a'bada*

*Ca[ʊ]an*, então *Ca[ʊ]an'zinho*

Nos casos acima, com a alteração do acento, o glide ainda se realiza, não dependendo, deste modo, do contexto.

Há duas explicações para o fato de os glides intervocálicos apenas antecederem, fonologicamente, segmentos [- altos]. A primeira, apresentada por Mateus (1982) (*seção 3.2.5 do Capítulo 3*) afirma que em palavras com sequência fonológica de vogal [+/- ATR], [- alta] e vogal [+ alta], o glide não pode ser inserido, devido a segunda vogal ser [+ alta]: \**eu.ro.peɪ̯*, *europe*, \**ju.deɪ̯*, *jude*. Ela explica que as realizações fonéticas do tipo [paseɪ̯], com glide [coronal] antecedendo a vogal [u] só são possíveis porque a neutralização da vogal subjacente /o/ para [u] realiza-se antes da inserção do glide (considera-se aqui uma teoria com base no ordenamento), deste modo, o glide é inserido antes de vogal [-alta].

A segunda explicação fundamenta-se na aceitação de que os glides fazem parte do inventário subjacente da língua como glides. Assim, a inserção do glide é proibida porque no PB proíbe a realização de dois glides consecutivos na mesma sílaba \**eu.ro.peɪ̯*, *europe* \**ju.deɪ̯*, *jude*. Essa explicação é mais simples, porém exige que aceite esse segmento como fonológico em uma língua que não há pares mínimos entre os glides e os seus sons foneticamente semelhantes, isto é, as vogais altas, como foi afirmado anteriormente.

Aceitar que o glide faz parte do inventário fonológico da língua também descomplica a atuação da acentuação do PB. Vejam os exemplos abaixo:

*pas'se[ɪ]o* ~ *pas'se[ɪ]*

*'me[ɪ]o* ~ *'me[ɪ]*

*'velho* ~ *'ve[ɪ]*

*'me[ɪ]a* (*somente*)

O segundo exemplo de cada palavra acima mostra um processo bastante comum do falar norte-mineiro: o apagamento do marcador de palavra /o/. Este apagamento é sensível à informação lexical e permite somente a realização de *o me[l]*, mas não de *\*a me[l]*. O que sugere que o marcador masculino é uma informação redundante. Fonologicamente<sup>64</sup>, o apagamento deste marcador implica na reestruturação da palavra que deixa de ser paroxítona para se tornar oxítona terminada em glide (confira a *seção 2.2.2.1*, sobre o *peso silábico*).

Os exemplos acima são uma evidência de que o glide é interpretado como um segmento que atribui peso silábico, pois a ausência do marcador masculino não causa nenhuma violação ao padrão do PB já que o dialeto recorre ao segundo padrão aceito pela língua, o oxítono, conforme proposto por Bisol (1992)<sup>65</sup>. Isso só é possível se for considerado que o glide atribui peso a sílaba.

Pode-se pensar na possibilidade de inserir este glide sob a forma de vogal, e depois, por regra, transformá-lo em glide, e obter o padrão paroxítono. Esta não é uma boa solução porque causaria, primeiramente, um padrão de acento proparoxítono, marcado no PB, para depois, obter o padrão paroxítono quando a vogal se tornar glide. Além disso, se houver o processo de apagamento, que suprime o marcador de palavra, a forma paroxítona se desfaz para dar lugar ao acento oxítono. Deste modo, descarta-se essa hipótese.

Novamente, avalia-se o dialeto acima, agora, sob a teoria acentual de Lee (2007). Este autor afirma que o PB acentua a última vogal do radical. A inserção do glide não prejudica esta análise porque ele já se insere glide, isto é, com ponto de C consonantal, e não pode receber o acento. Como o dialeto não faz alterações no radical, não há mudança na acentuação. No entanto, as palavras que apresentam o glide intervocálico imprevisível se tornam problemáticas, pois esta teoria se vê obrigada a marcar estes exemplos (além de outros não discutidos aqui), que não terão o acento atribuído a última vogal do radical, como em *cuia*, *bóia* e *maior*. Novamente, para a teoria acentual, considerar os glides, segmentos fonológicos, é mais vantajoso.

Afirmou-se, anteriormente, que glides intervocálicos previsíveis podem realizar-se ou não. Quando não se realizam, tem-se, na palavra, o encontro de duas vogais, isto é, há um limite silábico bem específico. Contudo, se o glide ocorre, tem-se um impasse: em qual

<sup>64</sup> O fenômeno de apagamento no falar norte-mineiro é somente fonético, no entanto, exibe o padrão de acento fonológico.

<sup>65</sup> Essa ideia foi proposta pelo Prof. Lee, em comunicação oral.

sílaba localiza-se o glide? A silabificação deve ser feita <sup>1</sup>me.[ɹ]o, com o glide no início da segunda sílaba, ou <sup>1</sup>me[ɹ].o com glide no final da primeira?

No PB, o glide de uma sequências VG comporta-se de modo diferente de glides de sequências GV. Essa diferença se expressa no comportamento fonético dessas sequências. Enquanto o primeiro não permite a variação livre com a sequência vogal-vogal, o segundo permite. Considerando-se que os glides intervocálicos (considera-se tanto glides previsíveis e não previsíveis) nunca se realizam como vogais (\*me[i]o, \*cano[u]a), conclui-se que eles se comportam como um glide de sequência vogal-glide, localizado, assim, na primeira sílaba. Neste ponto, podem-se imaginar duas possibilidades: se o glide for analisado como advindo de uma vogal subjacente, então, ao se tornar glide, ele passa a se localizar no núcleo da primeira vogal, junto com ela, sem adicionar peso à sílaba. Todavia, se ele for classificado como consoante, ele se localizará na coda (ligado a um nó C) e, ainda, se for classificado como glide, poderá ocupar estas duas posições. Exemplifica-se abaixo:

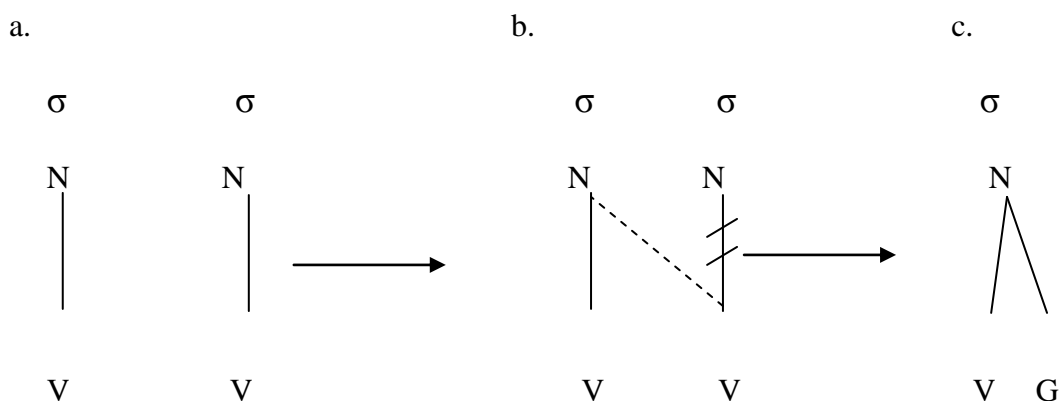


Figura 52 – Representação silábica do glide obtido por processo de assilabificação da vogal

Acima, apresentou-se, em representação silábica parcial, a formação do glide em sequência vogal-glide. No caso do glide intervocálico previsível, o processo já se inicia em (c.). Abaixo, exemplifica-se a sílaba com glide classificado como consonantal:



FIGURA 53 – Representação silábica do glide classificado como consoante

Relembra-se que o glide intervocálico previsível é um fenômeno que ocorre na forma fonética e não atinge o nível subjacente do sistema fonológico, no entanto, ele dá indícios de como este nível está organizado, além disso, há restrições que são comuns aos dois níveis. Acima, foi afirmado que no nível fonético é proibida a realização dois glides consecutivos na mesma sílaba, assim também ocorre no nível subjacente, como pode ser visto no exemplo *piaiense* (consultar seção 4.3.2).

Propor que os glides estão na coda, ou que são vogais ramificadas no núcleo, na forma subjacente, implica em problemas para a silabificação, pois deverá haver alguma restrição que as coíba de ocupar o onset da sílaba seguinte. Isso ocorre porque no PB, são proibidas sequências silábicas do tipo \*VC.V. Por exemplo, palavras como *canto*, *cama*, *sala* não são silabificadas como \*'cant.o', \*cam.a ou \*sal.a, e sim, *can.to*, *ca.ma* e *sa.la*. Nestes casos, a consoante intervocálica está posicionada no onset da sílaba seguinte. Se o glide intervocálico deve ser inserido no final da primeira sílaba e as consoantes estão no *onset* silábico, como o glide pode ser considerado, nesta posição uma consoante?

Para se resolver este impasse, deve-se considerar que as sequências silábicas do tipo \*VC.V são proibidas na forma fonética. Para evitar que este tipo de sequência se realize, propõe-se que neste nível ocorra a ambissilabidade. Isto é, o glide ocorre tanto na coda da primeira sílaba quanto no onset da segunda. Assim, este trabalho está em sintonia com a solução de Couto (1994). No entanto discorda-se deste autor quanto ao tratamento do glide. Segundo o autor, o glide é ramificado na primeira sílaba como V. Todavia, o que se vê, no desenvolvimento desta pesquisa, são razões concretas de que o glide é interpretado como um segmento consonantal no sistema do PB.

No processo de ambissilabidade (Kahn, 1976), sabe-se a quantidade de sílabas que a palavra tem, no entanto, não se sabe qual o limite entre as sílabas ambissilábicas. Em

alguns testes informais realizados com falantes do PB, observou-se que a maioria expressa alguma dificuldade<sup>66</sup> em decidir o modo de se dividir as sílabas que contém glides intervocálicos, dificuldade que não se realiza em palavras com consoantes intervocálicas. Outra prova é que as respostas<sup>67</sup> obtidas eram variáveis: alguns falantes propunham (VG.V) enquanto, uma boa parte propunha (V.GV).

Com papel consonantal, o glide é inserido na coda silábica da primeira sílaba e se associa ao onset da sílaba seguinte, produzindo o padrão VC.CV, permitido no PB. Outro fenômeno que apresenta razões para a interpretação dos glides como consonantais são o apagamento do glide [ɥ] em coda, se antecedido por vogal [o].

Há, no PB, a inserção do glide intervocálico que proporciona a realização de variações como *boa* ~ *bo[ɥ]a*, *pessoa* ~ *pesso[ɥ]a*, mas há, também, o processo inverso, isto é, o de apagamento do glide [ɥ], antecedido por [o]:

*ro[ɥ]pa* ~ *ropa*

*lo[ɥ]ça* ~ *loca*

Isso demonstra a diferença sistemática entre estes dois glides: no apagamento, o glide é apenas associado à coda (C), ou ao núcleo, junto à vogal (V), e sofre dissimilação com a vogal [o] que o antecede. Já o glide intervocálico advém da assimilação dos mesmos traços de [o]. Conforme Couto (1994) “eu creio que isso (o fato do glide ser inserido) só reforçaria a tese aqui defendida de que ele passa a ter natureza consonantal. Com efeito, ele é inserido para separar duas vogais; e o que melhor separa duas vogais é uma consoante.” (Couto, 1994, p. 136) Assim, conclui-se que o preenchimento do onset pelo glide intervocálico, formando uma estrutura CV, é responsável pela sua tendência de realização na forma fonética, diferente do apagamento, visto anteriormente.

Conclui-se que no PB, há dois tipos de glides intervocálicos: aqueles que são previsíveis pelo contexto, criados por assimilação de traços na forma fonética, e aqueles que não são previsíveis pelo contexto, ligados a uma unidade temporal C ou V. Neste último caso, investigou-se se eles eram obtidos por uma regra de assilabificação, que torna a vogal em glide, ou se ele é fonêmico, ligado a uma unidade temporal C. As descrições acentuais, a

<sup>66</sup> A dificuldade é expressa pelo falante em interjeições, expressões faciais e também pelo tempo de resposta. Observa-se que o falante utiliza um tempo de resposta maior nestes casos, diferente de palavras que contenham uma consoante intervocálica.

<sup>67</sup> Em algumas dessas respostas os falantes se apóiam no ensino normativo.

estrutura silábica e o comportamento fonético favorecem a descrição do glide como consonantal, presente na estrutura subjacente do PB.

## **CAPÍTULO V: CONCLUSÃO**

---

Afinal, qual o papel dos glides no sistema fonológico do PB? Após observar a sua interface com o acento e a silabificação, a sua distribuição com os demais segmentos da língua, em especial, a comparação de sua distribuição com vogais altas e consoantes pode-se concluir que, no PB, alguns glides são fonêmicos e consonantais, isto é, estão presentes na forma subjacente da língua e são posicionados nas margens silábicas. Eles são imprevisíveis e não se alteram com vogais altas. Os demais glides são derivados no léxico ou no pós-léxico.

Os glides alofônicos contextuais, derivados no léxico, são sensíveis as bordas de morfema e ocorrem, geralmente, em bordas verbais, ou na formação do plural. Neste caso, uma vogal subjacente torna-se um glide, devido a uma alteração em seu ponto de C. O glide obtido é proibido de alternar com a vogal alta novamente.

No pós-léxico, os glides podem alternar livremente com vogais altas e com consoantes. No primeiro caso, o glide mantém o ponto de C vocálico, no segundo, o ponto de C consonantal.

Conclui-se, também, que os glides antes de [ʃ,ʒ] são apagados devido a um processo dissimilatório, que rege, também, o apagamento do glide dorsal no ditongo [ou]. A assimilação fica limitada à inserção de glide em sílaba tônica quando esta possui uma sibilante na coda.

Por fim, conclui-se, também, que parte dos glides intervocálicos está na forma subjacente e parte é inserida no pós-léxico. Essa diferença se evidencia no comportamento dos dois tipos segmentais na língua.

Essa interpretação simplifica a atuação do acento, da silabificação, explica o comportamento do glide em borda de morfema e mostra-se um avanço sobre a teoria alofônica, mas não se esgota nisso. Ainda há problemas a serem pesquisados em profundidade, a fim de averiguar a validade das propostas aqui defendidas.

## REFERÊNCIAS

ARAGÃO, Maria do Socorro de. Ditongo X Monotongação no Falar de Fortaleza. *Graphos*, João Pessoa, v. 5, n. 1, p. 109-120, Dez. 2000. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/graphos/article/view/9349/5029>>. Acesso em: 6 mar. 2011

BISOL, Leda. *O Ditongo na Perspectiva da Fonologia Atual*. D.E.L.T.A, São Paulo, v.5, n. 2, p. 185-224, ago. 1989

\_\_\_\_\_. O acento e o pé métrico. *Caderno de Estudos Linguísticos*, Campinas, n 22, p.69-80, jan./jun.1992

\_\_\_\_\_. Ditongos Derivados. *Revista de Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada*, São Paulo, v.10, p.123-140, 1994. Edição Especial.

\_\_\_\_\_. O sândi e a Ressilabação. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v.31, n.2, p.159-168, jun. 1996.

\_\_\_\_\_. *A Sílabas e seus Constituintes*. In: NEVES, Maria Helena de Moura. *Gramática do Português Falado: Volume VII: Novos Estudos*. São Paulo: Editora da Unicamp, 1999. v. 7, cap. 5, p. 701-742

\_\_\_\_\_. A Neutralização das átonas. *D.E.L.T.A*, [S.l.], v. 19, n.2, p. 267-276, 2003. Disponível em: <[www.lettras.ufpr.br/documentos/pdf\\_revistas/bisol.pdf](http://www.lettras.ufpr.br/documentos/pdf_revistas/bisol.pdf)> Acesso em: 05 jan. 2011

BLOOMFIELD, Leonard. *Language*. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1933

BOOIJ, Geert. On the representation of diphthongs in Frisian. *Journal of Linguistics*, 25, p. 319-33, 1989 *apud* COLLISCHONN, Gisela. *Análise prosódica da sílaba em Português*. 1997. 233 fl. Tese (Linguística Aplicada) – Curso de pós-graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1997

CÂMARA JR, Joaquim Mattoso. *Para o Estudo da Fonêmica Portuguesa*. Petropolis: Vozes, 195.

\_\_\_\_\_. *Problemas de Língua Descritiva*. 3. ed. Petropolis: Vozes, 1969.

\_\_\_\_\_. *Estrutura da Língua Portuguesa*. 14. ed. Petropolis: Vozes, 1970 .

CHOMSKY, Noam; HALLE, Morris. *The Sound Pattern of English*. New York: Harper and Row, 1968

CLEMENTS, G. N. The geometry of phonological features. In: EWEN, Colin J.; ANDERSON, John M. *Phonology Yearbook 2*. New York: Cambridge University Press, 1985

\_\_\_\_\_. Place of articulation in Consoants and Vowels. *Working papers of the Cornell Phonetics Laboratory*, 5, p. 78-115 *apud* BISOL, Leda. Ditongos Derivados. *Revista de Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada*, São Paulo, v.10, p.123-140, 1994. Edição Especial.

CLEMENTS. G.N; HUME, Elizabeth. The Internal Organization of Speech Sounds. In. GOLDSMITH, J. (org). *The Handbook of Phonological Theory*. London: Blackwell Reference Online. 1996.

CLEMENTS, G. N.; KEYSER, S. J. From CV Phonology: A Generative Theory of the Syllable. In . GOLDSMITH. J. A. *Phonology Theory: Essential Readings*. Malden: Blackwell, 1999 (1983)

COLLISCHONN, Gisela. Um Estudo da Epêntese à luz da Teoria da sílaba de Junko Itô. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 31, n.2, p.149-158, Jun. 1996.

\_\_\_\_\_. A sílaba em Português. In: BISOL, Leda. *Introdução a Estudos de Fonologia do Português Brasileiro*. 4. ed. Porto Alegre: Edipucs, 2005. p. 90-123.

\_\_\_\_\_. *Análise prosódica da sílaba em Português*. 1997. 233 fl. Tese (Linguística Aplicada) – Curso de pós-graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1997

COUTO, H. Ditongos Crescentes e a ambissilabidade em Português. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v.29, n. 98, p. 113-127, Dez. 1994

CROSSWHITE, Katherine Margaret. *Vowel Reduction in Optimality Theory*. Tese. 1999

FERY, Caroline; VIJVER, Ruben Van de Vijver. *The Syllable in Optimality Theory*. New York: The Cambridge University Press, 2003

FUDGE, E. C. Syllables (1969). In. GOLDSMITH, John A. *Phonology Theory: Essential Readings*. Malden: Blackwell, 1999. p. 370-391.

GOLDSMITH, John. *Autosegmental Phonology*. Tese – MIT, 1976.

HOOPER, J. B. The syllable in phonological theory. *Language* 48, 1972 *apud* KATAMBA, Francis. *An Introduction to phonology*. New York: Longman, 1989.

HOOPER, J. B. *An introduction to Natural Generative Phonology*. New York: Academic Press, 1976 *apud* KATAMBA, Francis. *An Introduction to phonology*. New York: Longman, 1989.

HUME, Elizabeth. Representing the Duality of Glides. *Langues et Grammaire 1*, Paris, v.8, 1994. Disponível em:  
<[www.ling.ohio-state.edu/.../Duality%20of%20Glides\\_Hume\(1994\).pdf](http://www.ling.ohio-state.edu/.../Duality%20of%20Glides_Hume(1994).pdf)> Acesso em: 05 jan. 2011.

HYMAN, Larry. *Phonology Theory and Analysis*. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1975.

\_\_\_\_\_. *A Theory of phonological Weight*. Foris Publications: Dordrecht, Holland, 1985

HAYES, Bruce. *Metrical Stress Theory: Principles and Case Studies*. Chicago: The University of Chicago Press. 1995.

ITÔ, Junko. *Syllable Theory in Prosodic Phonology*. Tese. Universidade de Massachussets.

JAKOBSON, Roman; FANT, Gunnar; HALLE, Morris. *Preliminaries to speech analysis: the distinctive features and their correlates*. Cambridge: The Mit Press. 1952

JAKOBSON, Roman; HALLE, Moris. *Fundamentals of Language*. S' Gravenhage: Mouton & Co, 1956

KAGER, René. *Optimality Theory*. United Kingdom: Cambridge University Press. 1999

KAHN, D. *Syllable Base Generalizations in English*. New York: Garland Publishing Company, 1976

KATAMBA, Francis. *An Introduction to Phonology*. 9 ed. New York: Longman, 1989

KENSTOWICZ, Michael. *Phonology in Generative Grammar*. Malden: Blackwell Publishing, 1994.

LEE, Seung Hwa. A Regra do Acento do Português: Outra Alternativa. *Letras de Hoje*, dezembro 1994. Organizadora Leda Bisol. Porto Alegre. V. 29, n 4. p. 37-42

\_\_\_\_\_. *Morfologia e Fonologia do Português do Brasil*. 1995. 189 f. tese – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1995

\_\_\_\_\_. O acento Primário do Português do Brasil. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v.6, n. 2, p.5-30, Jul.-Dez. 1997

\_\_\_\_\_. Teoria de Otimalidade e Silabificação do PB. *Revisitações*. Organização Eliana A. M. Mendes, Paula M. Mota, Veronika Benn-Ibler. Belo Horizonte: Editora UFMG. 1999. p.143-156. Edição comemorativa 30 anos da faculdade de letras/UFMG.

\_\_\_\_\_. Primary Stress in Portuguese Non-Verbs. In. REIS, César. *Estudos em Fonética e Fonologia do Português*. Belo Horizonte, v.5, 2002a.

\_\_\_\_\_. O acento primário no português: uma análise unificada na Teoria da Otimalidade. In: ARAÚJO, Gabriel (org.). *O Acento em Português: abordagens fonológicas*. São Paulo: Parábola, 2007. p. 120-143.

LEITE, Yonne de Freitas. *Portuguese Stress and Related Rules*. 174. 152 f. Tese (Doutorado, PhD) – University of Texas, Austin, 1974

LEVI, Susannah V. Glides, laterals, and Turkish Vowel Harmony. *CLS37*. p.379-393, 2001. Disponível em: <[www.ai.mit.edu/projects/dm/featgeom/levi-turkishglides-cls.pdf](http://www.ai.mit.edu/projects/dm/featgeom/levi-turkishglides-cls.pdf)> Acesso em: 10 jan. 2011

\_\_\_\_\_. *Representing underlying distinctions between vowels and glides*. Atlanta. 2003 Disponível em <[https://files.nyu.edu/sv12/public/papers/LSA\\_Rep\\_UR\\_Glides\\_HO.pdf](https://files.nyu.edu/sv12/public/papers/LSA_Rep_UR_Glides_HO.pdf)> Acesso em: 10 jan. 2011

LEVIN, Juliette. *A metrical theory of syllabicity*. Tese – MIT, 1985

LOPEZ, Barbara Strodt. *The Sound Pattern of Brazilian Portuguese (Cariocan Dialect)*. 1979. 265 f. Tese (Doutorado, PhD) - University of California, Los Angeles, 1979.

MASSINI-CAGLIARI, Gladis. Sobre o Percurso Histórico da Acentuação em Português. In. SCARPA, Ester M. *Estudos de Prosódia*. Campinas: Editora da Unicamp, 1999

MATEUS, Maria Helena Mira. *Aspectos da Fonologia Portuguesa*. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica, 1982

MATZENAUER, Carmen Lúcia. Introdução à Teoria Fonológica. In: BISOL, Leda. *Introdução a Estudos de Fonologia do Português Brasileiro*. 4. ed. Porto Alegre: Edipucs, 2005. p. 11-81.

NESPOR, Marina; VOGEL, Irene. *Prosodic Phonology*. Dordrecht: Foris Publications, 1986

ODDEN, David. *Introducing Phonology*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

PIKE, K. *Phonetics: A Critical Analysis of Phonetic Theory and a Technic for the Practical Transcription of Sounds*. Ann Arbor: The University of Michigan Press, 1944.

\_\_\_\_\_. *Phonemics: a technique for reducing languages to writing*. Ann Arbor: The University of Michigan Press, 1947

PRINCE, Alan. SMOLENSKY, Paul. *Optimality Theory: Constraint Interaction in Generative Grammar*. MIT Press. TR-2, Rutgers University Cognitive Science Center, 1993

SCHANE, Sanford. *Generative Phonology*. New Jersey: Prentice-Hall, 1973

SELKIRK, E.O. The Syllable. In: VAN DER HULST, Harry; SMITH, N. *The structure of phonological representations (Part II)*. Dordrecht: Foris.

SILVA, Thaís Cristófar. *Nuclear Phenomena in Brazilian Portuguese*. Tese. Universidade de Londres, Londres, 1992

\_\_\_\_\_. A Interpretação de Glides Intervocálicos no Português. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v.31, n.2, p.169-176, jun.1996

\_\_\_\_\_. *Fonética e Fonologia do Português*. 5 ed. São Paulo: Contexto, 2001

TRUBETZKOY, N. S. *Principios de Fonologia*. Madrid: Cincel, 1939

WETZELS. L. Mid vowel neutralization in Brazilian Portuguese. *Cadernos de Estudos Linguísticos*. Campinas, v. 23. p. 19-55, jul.-dez, 1992

\_\_\_\_\_. Mid Vowel alternations in the Brazilian Portuguese verb. *Phonology*, [S.l.], v.12, 1995.

\_\_\_\_\_. The Lexical Representation of Nasality in Brazilian Portuguese. *Probus*, [S.l.], v.9, p. 203-232, 1997.

\_\_\_\_\_. Consoantes palatais como geminadas fonológicas no Português Brasileiro. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 9, n.2, p. 5-16, Jul-Dez. 2000a.

\_\_\_\_\_. Comentários sobre a Estrutura Fonológica dos Ditongos Nasais no Português do Brasil. *Revista de Letras*. [S.l.]. v. 1/2, n.22, p. 25-30, Jan-Dez. 2000b.

\_\_\_\_\_. The Representation of Vowel Height and Vowel Neutralization in Brazilian Portuguese (Southern Dialects). In. SIMPÓSIO SOBRE AS VOGAIS-SISVOGAIS, 2, 2009, Belo Horizonte. Disponível em: <http://relin.lettras.ufmg.br/probravo>. Acesso em: 10 de jan. 2010